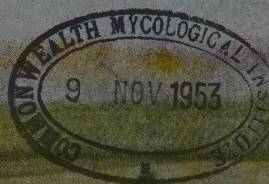
BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXVIII • JUNHO DE 1953 • N.º 316

Conforme nosso aviso reiteradamente publicado, foi cancelada a remessa dêste Boletim a tôdas as pessoas ou entidades que não nos comunicaram desejar a continuação do recebimento. Àquêles que, porventura o desejem, pedimos solicitar o restabelecimento da remessa.

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto de Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXVIII	JUNHO DE 1953	Número 316

Sumário

NOSSA CAPA: Uma das grandes fazendas de café do Estado de S. Paulo, vendo-se tôdo o seu expressivo aparelhamento de produção: séde, dependências e o oceâno de cafeeiros.

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, este Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDERÊÇO

A GEADA DE 1953 E O CAFÉ: da superprodução á carência

J. TESTA

Bastante complexo é o problema ocasionado pelas geadas, sob qualquer aspecto que o estudemos: avaliação dos seus atuais prejuízos, da sua intensidade e área de incidência; análise dos seus efeitos posteriores; adoção das necessárias medidas financeiras e agronômicas tendentes a remediar o mal.

Se, para uma dada fazenda, isoladamente considerada, é presentemente difícil a avaliação dos prejuízos, pois isso depende, em grande parte, das futuras condições meteorológicas, para uma ampla região ou um Estado as dificuldades aumentam consideràvelmente, máxime em relação às recentes precipitações, que foram de efeitos singulares e caprichosos, mais do que habitualmente ocorre. Do estudo cuidadoso de tôdos os relatórios e reportagens feitos sôbre as últimas geadas ressalta a observação de que, num mesmo setor, num mesmo município, numa mesma fazenda, seu efeito foi inteiramente diverso: cafeeiros à sombra foram às vezes queimados, outras não; a proximidade de matas ou de cortinas protetoras protegeu os cafèzais, em certos casos, e em outros de nada lhes valeu; alguns espigões foram poupados, ao contrário de outros. Parece que ocorreram simultâneamente e por tôda parte, os dois tipos de geada a que Dafert chamava "legítima e "de vento". A onda de vento frio, de intensidade e altura variável, ter-se-ia infiltrado desigualmente por entre os cafèzais, ocasionando a variabilidade dos prejuizos. Certas regiões do Paraná, por exemplo, foram muito menos atingidas do que outras localizadas no mesmo Estado, mais ao Norte, ou mesmo no Estado de S. Paulo. Jataízinho, perto de Londrina, e mesmo mais setentrional do que aquêle município, foi muito mais atingido do que êle. Jacarèzinho, no mesmo setor e mesma latitude de Cornélio Procópio, ficou quase indene, emquanto que enorme foi a incidência sôbre Cornélio. O setor de Apucarana pràticamente não chegou a ser afetado, ao passo que numerosas localidades paranàenses e mesmo paulistas, situadas em latitude mais setentrional, foram rudemente visitadas pelo flagelo.

A nosso ver, os cálculos e estimativas que se têm feito sôbre a incidência da geada refletem apenas, como não poderia deixar de ser, u'a média geral, que irá ser atenuada ou agravada subsequentemente. De modo algum seria possível visitar tôdas as propriedades atingidas, uma por uma. E, mesmo assim, a avaliação seria difícil, pois, como dissemos, mesmo dentro de uma propriedade há variações, às vezes consideráveis. Só o futuro, consequentemente, nos trará um justo balanço dos prejuízos, mesmo porque irão êles depender da maior ou menor amplitude e rapidez da restauração dos cafèzais, o que por sua vez está subordinado às condições meteorológicas que irão dominar no próximo ano

agrícola e aos meios de restauração que poderá empregar o elemento homem, o lavrador, conforme as possibilidades e a assistência que tenha.

Embora, no seu máximo de incidência, abrangesse uma área geográfica e demogràficamente muito menor que a atingida pelas sêcas do Nordeste, a geada golpeou, econòmicamente, o país, de modo muito mais duro, dada a excepcional expressão econômico-financeira do café na vida nacional. Já se fizeram cálculos diversos, que chegam a atingir a 8 bilhões de cruzeiros, relativos ao montante dos prejuízos causados pela perda de cêrca de 7 milhões de sacas de café. Muito maior diferença, evidentemente, se pode aduzir com relação às enchentes da Amazônia, que não chegaram a atingir a 2 milhões de pessôas e, pràticamente, a um produto apenas, a juta, ainda de pequena expressão percentual.

Calamidades como essas, todavia, têm dois aspectos: o geral e o particular: no conjunto de seus efeitos, podem elas ocasionar para o país, em certos casos, onus suportáveis, às vezes com compensações, em dadas épocas e circunstâncias. Não assim para o particular atingido em cheio. Se um fazendeiro de certas regiões de S. Paulo, e em particular de Minas, Rio ou Espírito Santo pode até ser beneficiado pelo aumento das cotações e nenhum declínio da safra cafeeira, a maioria dos da zona Sorocabana, em S. Paulo, e do Norte do Paraná foram direta e intensamente atingidos, e providências imediatas devem ser tomadas no sentido de auxiliá-los a vencer o golpe. Enumeramos, em artigo anterior, cinco aspectos positivos que pode trazer **ao país** a calamidade da geada. Os aspectos negativos, todavia, traduzidos nos milhões de cafeeiros mortos ou aniquilados, nos milhões de sacas que deixam de ser vendidas, na melhoria da posição de nossos concorrentes, no imenso trabalho e tempo a serem gastos para a restauração de tôda essa riqueza, estão aí patentes, e não precisam ser realçados, devendo, ao contrário ser minorados com providências eficazes e urgentes. E, mesmo aquêles aspectos positivos, para que possam ser explorados, necessário se torna que ao lavrador sejam fornecidos tôdos os recursos, tanto de índole técnica como financeira.

A apuração dos prejuízos tem sido feita, até agora, por entidades de classe, repartições públicas, jornalistas, lavradores e outros. Os dados, evidentemente, não são concordes, nem mesmo os das repartições públicas, pois, como é natural, as apreciações posteriores vão retificando as anteriores. O primitivo cálculo da Secretaria da Agricultura de S. Paulo admitia, para o Estado, uma quebra de 33%, percentagem que foi depois reduzida para 23. Igualmente, o Instituto Brasileiro do Café, que previra, no Paraná, uma quebra de pelo menos 70%, retificou sua estimativa para 65%. Há também divergência sôbre a estimativa das safras que presumívelmente iam ser colhidas em 1954, e que da para São Paulo, desde 9 até 10.500.000 sacas e, para o Paraná, desde 6 até 8 milhões.

Tudo bem examinado, parece-nos o mais razoável o seguinte cálculo:

— QUADRO N.º 1 —

PREJUIZOS CAUSADOS PELA GEADA, EM S. PAULO E PARANÁ

SAFRA EXPORTÁVEL

(Estimativa* — números arredondados)

ESTADOS	N.º de Cafeeiros em produção	Safra esperada em 1954, antes da geada		Quebra verificada com a geada %	Safra esperada em 1954, depois da geada-sacas	Consumo interno do Estado sacas	Disponível para exportação
		arrobas por mil pés	sacas				
S. Paulo .	1 093 000 000	35	9 500 000	20	7 600 000	1 200 000	6 400 000
Paraná . .	280 000 000	93	6 500 000	60	2 600 000	200 000	2 400 000

(*) Estimativa pessoal do autor, baseada em dados diversos e informações de várias fontes.

Êsse o prejuízo em sacas, que seriam colhidas em 1954. Em cruzeiros, o cálculo apresentaria, desde logo, outra dificuldade, que não está sendo tomada na devida consideração nas apreciações até agora feitas. É que, para o cálculo monetário do prejuízo, está sendo tomado como base o preço atual da saca de café. Restaria, porém, saber se os preços se manteriam, caso não se verificassem as geadas e entrassem no mercado êsses seis ou sete milhões de sacas a mais. Há, ainda, outro prejuízo: o do replantio dos cafèzais novos. Supõe-se que no Paraná morreram cêrca de 200 milhões de pés, e em S. Paulo cêrca de 20 milhões. Só o futuro, a partir de setembro próximo, dirá quantos, realmente, dêsses pês novos irão deixar de brotar e reverdecer.

* * *

Se é difícil apreciar os prejuízos, no momento de sua ocorrência, tantos e tão variados são os fatores e tão diversas as condições, entre lugares às vezes próximos, não menos difícil é avaliar as repercussões que ocasiona, em um espaço de tempo mais prolongado, um fenômeno como êsse. Examinem-se, por exemplo, as tabelas da produção brasileira, antes e depois das geadas de 1918, e 1942. Examinem-se, também, as cotações. Verifiquemos, ainda o crescimento da produção dos nossos concorrentes, nessas épocas, ou, por outra, qual a participação dêles e nossa em relação à produção mundial. Que se pode deduzir dêsses quadros? Desde logo, uma cousa: que a geada não é um fator tão importante quanto o poderia parecer, no desenvolvimento da cultura cafeeira, e em seus preços e comercialização. Há outros fatores quiçá tão importantes quanto ela: financiamento, consumo, suprimento de braços, de adubos, de inseticidas, incidência de pragas, chuvas, guerras, preços (que dependem, apenas em parte, das geadas) super ou sub-produção (idem) idade dos cafeeiros, primazia ocasional de outras culturas, etc.

A safra de 1918, que quase não chegou a ser prejudicada pela geada, (o grande prejuízo deu-se em 1919) foi, em S. Paulo, de 7.253.000 sacas. A do ano anterior, em virtude do conhecido fenômeno da alternância de uma safra grande e uma pequena, fôra de 12.210.000. A média do quinquênio 1914-18 fôra de 10 milhões em números redondos. A safra do ano de 1919, imediato ao da geada, caiu, em S. Paulo, para 4.155,000, (falamos sempre de safras apresentadas a despacho) ou seja a menor dêste século. Entretanto, que vemos logo a seguir, com relação à safra de 1920? Apresenta ela um total despachado, em S. Paulo de 10.246.000 sacas, superando a média do quinquênio anterior! É bem verdade que nêsse tempo os cafèzais paulistas, que então somavam cêrca de .... 900.000.000 de pés, estavam em crescimento. Não se pode admitir, todavia, que, dentro de dois anos, sòmente em virtude dos novos cafèzais, o Estado apresentasse um salto de 4.155.000 para 10.246.000 sacas! A análise das safras dos outros Estados brasileiros, nesses períodos, não nos leva à conclusão de prejuízos pela geada: o Paraná não tinha ainda expressão cafeeira; Espírito Santo manteve-se pràticamente estacionário e, quanto aos Estados do Rio e de Minas Gerais, aumentaram substâncialmente a produção, no período 1917-1920. Quanto aos preços, subiram sensívelmente, em Santos e, mesmo quando posteriormente declinaram de novo, ainda assim mantiveram um ágio digno de nota.

QUADRO N.º 2
COTAÇÃO DO CAFÉ BRASILEIRO NO DISPONÍVEL
Média anual
Em Cruzeiros por 10 quilos

ANO CIVIL	EM SANTOS Tipo 4
1915	5,38
1916	6,46
1917	5,41
1918	7,18
1919	15,33
1920	11,92
1921	12,96
1922	19,73
1923	23,47
1924	32,87
1925	34,58
1926	26,07

E que papel teve a geada de 1918 sôbre a superprodução cafeeira? As produções brasileiras, após a queda momentânea de 1919, restabeleceram-se a seguir e, em 1926, já apresentavam a maior cota até então conseguida, com 18.117.000 sacas, sendo que a produção mundial também nêsse ano batia tôdos os seus recordes, até o momento, com 25.185.000 sacas.

* * *

Vejamos, agora, o que ocorreu quanto à geada de 1942. A média de S. Paulo, no quinquênio de 1938-42, fôra de 11.325.000 sacas (a média 1935-39 fôra de 15.000.000). Em 1942, 8.685.000. Em 1943, 6.936.000. Minas e Estado do Rio não apresentam queda, em 1943, mas, descem alarmantemente em 1944, e até mesmo o Espírito Santo. O Paraná cai dràsticamente, em 1943 (160.000 sacas, contra 549.000 em 1942 e 836.000 em 1941, mas, a partir de 1944, empreende a marcha, que continúa até hoje, do aumento quase geométrico de sua produção cafeeira. E' de notar que essas reduções de sobras, a partir de 1943, se devem principalmente às sêcas, então ocorridas.

Quanto a S. Paulo, não se restabeleceu, até hoje, nas suas bases anteriores a 1941. Mas, a razão dêsse decréscimo não se prende, evidentemente, à geada. Êle tem sido por nos analisado, por mais de uma vez, e suas causas são múltiplas. Entre outras, as seguintes: sêcas (de importância muito maior do que as geadas); envelhecimento dos cafeeiros; corte de quase um terço dos arbustos existentes (em 1933, 1.479.000.000 e em 1953, 1.093.000.000); más condições financeiras da lavoura; preços baixos, durante quasé tôdos os últimos anos, princi-

palmente durante a época dos **ceilings** e dos estoques do DNC; falta de adubos e de inseticidas; incidência de pragas e moléstias.

Durante êste século, isto é desde 1900 até agora, as safras mundiais passaram de 16.000.000 a 32.000.000. As nossas, nêsse mesmo período, subiram desde 12.000.000 até cêrca de 30.000.000 (em 1933) para descerem, posteriormente, ao nível atual de cêrca de 17.000.000. Já chegámos a fornecer mais de 75% do consumo mundial, e hoje descemos a pouco mais de 50%.

Que papel tiveram as geadas nesse declínio? Não será grande, evidentemente. Aquêles fatores que acima enumerámos, com relação a S. Paulo, e que se aplicam quase todos êles, a todo o país, importam muito mais que a geada, e isso sem mencionar os fatores de ordem externa, ou de aspectos não pròpriamente agrícolas, como os processos comerciais nem sempre satisfatórios, a deficiência de propaganda, etc.

Da consideração dos efeitos das geadas surge uma questão: deve-se abandonar o cultivo do cafeeiro na **área fria**, ou seja o norte do Paraná e a média Sorocabana, em S.Paulo? Tanto quanto nos é possível opinar, julgamos que não. O que se deve é, tão sòmente, escolher dentro dessa área os terrenos possìvelmente mais protegidos (o que, aliás, é muito relativo, conforme ainda agora se viu); adotar todos os processos de formação de cafeeiro recomendáveis, pela técnica; poupar da melhor maneira as reservas florestais; deixar, para outras culturas, as terras que menos se adaptem ao cafeeiro, sob o ponto de vista químico, físico, climatológico, etc.; adotar todos os processos recomendáveis para uma proteção contra as geadas; e, feito tudo isso, confiar na sorte, contando possìvelmente com nove anos de vacas gordas e um de vacas magras. Sim, porque abandonar a **área fria** seria abandonar a melhor área, no momento, para os cafèzais. Na média Sorocabana (Ipauçú, Ourinhos, Xavantes, etc., em S. Paulo), e em quase todo o Norte do Paraná, a produção iria ser, em 1954, de mais de 90 arrobas por mil pés. No resto de S. Paulo, de menos de 30 (O Estado inteiro, inclusive a média Sorocabana deveria produzir cêrca de 34 arrobas, em média. Em Minas cêrca de 24; no Espírito Santo aproximadamente 28, e no Estado do Rio menos de 20.

Temos defendido e continuamos a defender a necessidade da restauração das chamadas **zonas velhas** que reunem, especialmente a Mogiana, excepcionais condições para a produção cafeeira: bôas terras, bôas águas, bom clima, maior proximidade dos centros consumidores e exportadores, fazendas e estradas já constituidas, etc. Mas, essa restauração não importa nem poderia importar o abandono das **zonas novas**, que no momento são largamente as mais produtivas.

Nos cafeeiros que venham a se restabelecer, a perda da escassa e **temporana** florada de junho não terá maior importância. Muitos lavradores julgam êsse fato um mal menor, de vez que a eliminação dessa pequena florada pode trazer maior vigor e produtividade às restantes.

E, quanto à importância da safra cafeeira da **área fria**, a próxima colheita seria a primeira em que ela iria atingir a quase metade da produção total do Brasil. Nos anos anteriores, sua produção alcançava pouco mais da quarta parte.

QUADRO N.º 3

DISTRIBUIÇÃO DOS CAFEEIROS, NO BRASIL

Por áreas climáticas

ZONAS	PRODUÇÃO		
	N.º de Cafeeiros	Média arrobas por 1 000 pés	Safra esperada em 1954 (antes da geada)
ÁREA FRIA			
Norte do Paraná	280 000 000	93	6 500 000
Média Sorocabana	110 000 000	60	1 650 000
	390 000 000		8 150 000
ÁREA NORMAL			
São Paulo (menos média Sorocabana) .	967 000 000	31	7 850 000
Minas Gerais	501 000 000	24	3 000 000
Espírito Santo	289 000 000	28	2 000 000
Rio de Janeiro	91 000 000	20	450 000
DIVERSOS			
(Pernambuco, Bahia, Goiás, Mato Grosso, Santa Catarina, Ceará, Alagôas, Sergipe)	232 000 000		350 000
	2 080 000 000		13 650 000
TOTAL GERAL	2 470 000 000		21 800 000 *

(*) A deduzir o consumo interno de S. Paulo e Paraná; a safra exportável seria de 20.400.000 sacas.

Que providências de ordem financeira ou técnica se podem tomar, com os objetivos de acudir à situação premente dos lavradores atingidos pelo fenômeno, e de obviar, no futuro, tanto quanto possível, os seus inconvenientes? Discutindo o assunto, como o fazemos, com tôda a isen-

ção e elevação de propósitos, cremos poder afirmar que o que a lavoura precisa, em realidade, não é de favores nem de artificialismos. Em última análise, o que se faz necessário é que se lhe proporcione uma assistência financeira ortodoxa: financiamento de acôrdo com o crédito real e pessoal de cada um, rápido, sem formalidades, aos menores juros e no maior prazo possível. Êsse financiamento, aliado às medidas já anunciadas (congelamento dos créditos tomados ao Banco do Brasil, facilidades de redesconto aos bancos da região assolada, prorrogação da lei 1003), desde que imediato e adequado, atenuará as dificuldades dos lavradores atingidos pela calamidade.

* * *

Relativamente às medidas de ordem técnica, as Secretarias da Agricultura de S. Paulo e Paraná e o Ministério da Agricultura vêm divulgando instruções sôbre como proceder afim de atingir o mais depressa possível ao objetivo da restauração dos cafeeiros, sendo dignos de especial menção as que se referem a uma apropriada adubação dos cafeeiros atingidos e à conveniência de não se efetuarem podas prematuras dos mesmos, aguardando primeiramente o efeito das chuvas da primavera e das primeiras brotações. Preconizam, também, as repartições governamentais, o plantío de vários produtos, que deveriam ter assegurado o preço mínimo, bem como a competente armazenagem dos mesmos.

* * *

Quanto à prevenção dos efeitos da geada, o assunto é muito antigo, complexo e controvertido. A nosso vêr, nenhum dos meios preconizados é inteiramente eficaz, de per si, e tão sòmente a conjugação de vários dêles poderá dar resultado. Examinemos alguns:

Sombreamento — Somos dos que julgam que os problemas técnicos, científicos, não podem ser julgados aprioristicamente; idéias preconcebidas de nada adiantam, exceção daquelas que encérram a hipótese científica demonstrável. Só a experimentação desapaixonada, dentro do rigor da lógica, pode resolver as questões. Eis porque, quanto ao sombreamento, admitimos, por enquanto, todos os preconícios e tôdas as ressalvas. Depois de exaustivamente discutido o assunto e de realizadas tôdas as experimentações possíveis, o tempo dirá a última palavra. E pode mesmo acontecer que — **in medio virtus** — se verifique existirem certas zonas, ou tipos de terra, ou clima, onde o sombreamento seja aconselhável ou desaconselhável. A última geada revelou, em face dos cafèzais sombreados, uma atitude variável. Alguns dêles foram pouco ou quase nada atingidos, como por exemplo o do sr. Manoel Sampaio Barros, em S. Manoel, que só o foi em um terço. Entretanto, de outras zonas chegam referências de que certos renques de cafeeiros à sombra foram mais visados pelo fenômeno do que os expostos ao sol.

Cortina de árvores protetoras — Também nêsse ponto as observações divergem. Nosso modo de pensar é que essa divergência na atuação do fenômeno se deve, como acima dissemos, às condições peculiares da última geada, que foi, ao mesmo tempo, "legítima" e "de vento" e, mais: de vento irregular.

Bombas de fumaça — Êste processo já esteve muito em voga, mas parece superado, pois, segundo se constatou, o que mais importa não é pròpriamente a fumaça, mas o calor.

Fogueiras — Quase impraticável, pela enorme quantidade de lenha que exigiria, e grande mobilização de braços, além do fato de ser necessária muita cautela na aplicação do fogo.

Aquecedores — Um dos agrônomos que mais estudaram o processo, assegura como sendo de 100% a sua eficiência. Mas, êle próprio o julga impraticável para intervalos de geada maiores que seis anos, pois exigiria a mobilização de 300 fogareiros por alqueire, e todo êsse material ficaria imobilizado durante largo período, de vez que as nossas grandes geadas não se repetem, como é sabido, a intervalos muito pequenos (as últimas se verificaram em 1918, 24, 42 e agora, em 53).

Irrigação — Processo difícil, mesmo para as fazendas que dispõem de irrigação artificial, pois a tubulação não é fixa e sim transportável de um a outro talhão. Só a irrigação por tubulação fixa (muito onerosa) permitiria que os cafèzais fossem todos aspergidos numa madrugada de geada e, dizem os que experimentaram a aspersão em pequenas áreas, essa medida nem sempre assegura uma proteção inteiramente eficaz.

Cobertura — Muito praticada pelos chacareiros, noticiou-se ter sido agora aplicada por um lavrador do norte do Paraná, que cobriu de capim sêco tôda a sua lavoura cafeeira, evidentemente pequena. A medida exigiria, como é natural, grande suprimento de capinzais e também de braços, para a aplicação da cobertura, na noite anterior àquela em que se esperasse a queda da geada.

Cada uma dessas medidas poderia dar uma parcela, maior ou menor, de resultado. Porém, muitas são de difícil execução. As mais praticáveis seriam o sombreamento (experimental) aliado a cortinas de árvores quebra-vento. Ou, ainda, a cobertura e a irrigação. Mas, a principal precaução deveria ser aquela a tomar-se na ocasião da escolha das terras para café, evitando-se, tanto quanto possível, como se fazia antigamente, plantar cafèzais em terrenos sabidamente visitados pelas geadas.

Seguro agrícola — Medida que, por si só, resolveria o problema, é ela, entretanto, de difícil execução. Ainda há pouco, um dos estudiosos das nossas questões econômicas sugeria, em um artigo, que o assunto fôsse estudado em escala mundial, pela ONU, pois só então teria probabilidade de inteiro êxito. Seria o caso de investigarem detalhadamente nosso problema regional das geadas as Companhias de Seguro, em colaboração com a Carteira Agrícola do Banco do Brasil e a Secção competente do Ministério da Agricultura.

* * *

Propositalmente, deixámos de emncionar nêste estudo detalhes minuciosos dos municípios atingidos, com suas percentagens de prejuízos, e isso por duas razões: porque vários outros já o fizeram, inclusive entidades oficiais; e porque, acreditamos, os dados obtidos ainda poderão ser modificados — para pior no caso de mais geadas e para melhor se correr bem o ano, quanto à distribuição de chuvas.

Não virão fóra de propósito, finalmente, algumas considerações para examinar uma hipótese que a recente geada afastou, por algum tempo. Referimo-nos à possibilidade que se ia verificar — talvez momentânea, mas esperada — de uma superprodução cafeeira. Se examinarmos a curva da produção e do consumo mundial de café, nos últimos anos, verificaremos, com tranquilidade, que êste tem sido maior do que aquela, fato aliás muito fàcilmente verificável por nós brasileiros, que assistimos ao desaparecimento dos nossos derradeiros estoques do DNC, e, mesmo, dos estoques normais do comércio, no país. Acontece, todavia, que numa produção mundial que vinha oscilando dos 28 1/2 aos 31 1/2 milhões de sacas (média de 30.075.000 nas últimas 4 safras) a contribuição do Brasil era da ordem de 14 1/2 a 17 milhões (média 14.700.000 nas últimas 4) devendo, consequentemente, ser suprido pelos nossos concorrentes um total de cêrca de 15.300.000 sacas. Pois bem: a safra de 1954, não fôra a geada, deveria dar um total exportável, no Brasil, de mais de 20 milhões, possìvelmente 21. Forneceríamos, assim, à produção mundial, 5 a 6 milhões mais, de sacas de café, além do nosso suprimento dos últimos anos. E não nos consta houvesse qualquer redução na produção dos nossos concorrentes, quer os da América Latina quer os da Áfrіca. Talvez se verificasse, mesmo, o contrário, isto é, um aumento da sua produção.

Temos visto, pelos exemplos do passado, que em caso de excessos invendáveis o Brasil é que arca com êles. Na presente conjuntura não aconteceria diferentemente, e ainda com mais razão, em face dos nossos preços de custeio, que são positivamente maiores que os dos outros países, principalmente as colônias africanas. Isso posto, estaríamos diante da seguinte alternativa: ou armazenar café, financiado pelo govêrno ou pelos particulares, ou, então, oferecê-lo à venda por preços inferiores aos dos concorrentes que, nessa corrida para a baixa, teriam muito maiores possibilidades. É bem verdade que, em tempos passados, 6 milhões de estoque não eram considerados um excesso. Só os portos de Havre e Hamburgo os absorviam. Mas, isso eram outros tempos. Hoje, o mercado é mais sensível e instável.

Tudo isso no caso de excesso. Mas, a geada fez uma deflação exagerada. Vai haver falta. Que acontecerá, então? É fácil prever: 1) alta de preços; 2) consequentemente maior procura dos cafés africanos, dos sucedâneos, do chá; 3) restrições do consumo.

Longe de nós a idéia de louvar êsse equilíbrio estatístico, que foi mantido à custa da ruína de tantos patrícios nossos. Seria preferível arrostar com tôdas as dificuldades da superprodução. Mas, já que a redução da safra é um fato consumado, tiremos do fato, de uma vez por tôdas, as duas únicas ilações que é possível tirar: 1) **cumpre produzir mais barato, sejam quais forem as dificuldades para atingir êsse objetivo; 2) é indispensável fazer propaganda eficiente, principalmente na Europa, setor inteiramente abandonado pelos nossos cafés e aberto aos coloniais e aos sucedâneos.** Êstes dois últimos tópicos são de tal modo importantes que a êles iremos voltar, em devido tempo, com maiores explanações.

A AGRICULTURA AFRICANA VISTA POR UM AGRÔNOMO BRASILEIRO

O. T. MENDES SOBRINHO
Engenheiro-Agrônomo
Subdivisão de Estações Experimentais,
Instituto Agronômico, Campinas SP.

(Continuação)

4.11.2 — AGRICULTURA

a) **Colonização européia** — A afluência de agricultores brancos em Tanganica data do tempo em que o país constituia a África Oriental Germânica. Até o início da Guerra Européia, 1914/1918, somavam 900 os colonos do território, na maioria alemães e se localizavam, quase todos, nas atuais províncias do Norte e de Tanga. Não poucos lavradores "boers" se haviam estabelecido na colônia, para não terem que se submeter à dominação inglêsa na África do Sul. Ainda no tempo da ocupação germânica iniciou-se uma corrente de migrantes gregos e hoje muitos dêles se acham estabelecidos com fazendas de café na região de Mochi e Arucha. Atualmente, quase não existem alemães em Tanganica, por causa da dominação britânica. A Inglaterra, embora investida das funções de mandatária da Sociedade das Nações, deportou todos os germânicos da antiga colônia alemã. Suas propriedades agrícolas foram compradas, sobretudo, por inglêses, gregos e hindus. Em 1925 foi permitido aos deportados retornar a Tanganica e adquirir propriedades agrícolas, nas mesmas condições dos outros colonos europeus. Muitos dêles conseguiram readquirir as suas antigas plantações. Em 1929 a estatística revelou a existência de 1985 agricultores brancos em Tanganica, proprietários de terras, que se distribuiam da seguinte forma, por nacionalidades: 508 britânicos, 347 alemães, 337 hindus, 240 gregos, 44 "boers" e 509 de diversas nacionalidades. As propriedades em poder dêsses agricultores cobriam uma área de 810.000 ha (334.700 alqueires paulistas) e vinham sendo cultivadas quase só com sisal e café. Ao craque do café de 1929 seguiu-se a queda dos preços do sisal em 1931 e a longa persistência da desvalorização dêsses dois esteios da exportação da colônia, causou o quase colapso econômico dos agricultores europeus de Tanganica. A nova Guerra Européia, de 1939, ofereceu nova oportunidade aos inglêses para internarem os alemães, expropriá-los e deportá-los da sua antiga colônia. Hoje, serão raros os germânicos em Tanganica, a qual, para a Alemanha, foi pouco mais que um dourado sonho de Bismarque.

Em 1947 a estatística revelava os seguintes números sôbre as terras ocupadas por agricultores europeus:

Área de Tanganica	968.000 km²
Terras posseadas definitivamente por europeus	2.947 km²
Terras arrendadas a europeus	2.809 km²
Porcentagem das terras alienadas a europeus sôbre a superfície total do país	0,59%
Agricultores proprietários de terras	1.308
Agricultores não proprietários	1.829
Total de colonos agricultores	2.137
População europeia da colônia	7.245

O mesmo levantamento sensitário acusou os seguintes dados relativos ao emprêgo da mão de obra africana nas explorações agrícolas de europeus, pelo qual se poderá fazer uma idéia da importância da cultura de sisal na agricultura de Tanganica:

Culturas	**Nativos empregados**
Sisal	104.277
Alimentos	25.094
Café	19.964
Chá	8.619
Piretro	6.272
Mamão	5.754
Cana de açúcar	4.543
Fumo	2.311
Côco	1.514
Algodão	694
Total da mão de obra empregada na agricultura	173.042
Mão de obra empregada na pecuária	2.596
SOMA:	175.638

Fonte: — "East African Agriculture", J. K. Mathenson, Londres, 1950.

Os agricultores europeus estão estabelecidos em duas áreas de terras altas do país, onde o relêvo amenisa o clima equatorial, tornando-o tolerável para o homem branco: 1) ao norte do território, próximo à fronteira de Quênia, nas fraldas e encostas dos Montes Meru, Quilimanjaro, Oldeani e nos altiplanos e vales da cordilheira de Usam-

bara; 2) ao sul, nas elevações da extremidade norte do Lago Niasa, onde se situam as Terras Altas do Sul. Conforme já comentamos, esta região desfruta da fama de possuir o melhor clima de Tanganica.

No país, encontram-se também agricultores nativos estabelecidos nas terras altas não havendo sido praticada a descriminação de terras baseada no preconceito racial, como se deu em Quênia.

Embora a maior parte das terras altas esteja ocupada, por nativos e por agricultores europeus, o acesso do colono branco à gleba em Tanganica ainda não se acha vedado, como em Quênia. Os terrenos para explorações agrícolas podem ser adquiridos, mediante certas condições.

b) **Distribuição geográfica** — As terras altas representam extensão mínima do território tanganico. A partir de 1.000 metros a espécie **Coffea arabica**, é cultivada. O fumo, milho, cana de açúcar, chá, trigo, piretro e mamão, completam o quadro das culturas de altitude, no país. No grande planalto, à beira do Lago Vitória, acha-se estabelecida a cotonicultura e grande parte da agricultura de subsistência. Nas margens do lago, no lado ocidental e ao norte do Golfo de Espique localizam-se as zonas de **C. canephora** (café robusta). Nas terras semi-áridas das províncias Norte e de Tanga, bem como ao longo da "Central Railway", no trecho de Dar--Es-Salaam a Morogoro, concentram-se as importantíssimas culturas de sisal, que constituem uma das grandes riquezas do país.

As culturas de chá, piretro, sisal e cana de açúcar, são uma quase prerrogativa dos agricultores europeus. As culturas de sisal e de chá pertencem a grandes consórcios inglêses. O café **(C. arabica)**, milho, trigo, são cultivados por agricultores brancos e nativos. O café robusta e o algodão estão inteiramente em mãos dos indígenas. A cultura da malvácea tem sofrido altos e baixos, mas ùltimamente vem se firmando, graças ao apoio que lhe vem sendo prestado pelo "Empire Cotton Crowing Corporation" e pela "British Cotton Growing Association". A cultura do amendoim, em caráter industrial, acha-se enquadrado no "Groundnut Scheme" , cujo fracasso foi objeto de artigo publicado nesta mesma série.

c) **Estatística** — O quadro 17 oferece elementos sôbre a posição geral da agricultura de Tanganica, em 1948. Nêle constam as culturas, dispostas em ordem cronológica de importância de área cultivada. A superfície de exploração agrícola naquêle ano foi de 2.428.300 ha (1.000.000 redondo de alqueires paulistas). Cêrca de 88% dessas áreas, correspondente a 2.136.900 ha, foram usados com culturas de produtos para o consumo interno do país, sobretudo os referentes à alimentação indígena.

QUADRO 17 — Agricultura de Tanganica: área cultivada, volume e válor totais da produção verificados em 1948.

Ordem de área	Culturas	Área em milhares de ha	Produção milhares de toneladas métricas	Valor em milhares de cruzeiros	Ordem de valor
1	Milho, sorgo e "millet"	1.193,6	772,9	296.708	3.º
2	Mandioca, batata doce	334,0	1.119,1	229.060	4.º
3	Feijão e lentilhas	282,5	106,6	73.710	6.º
4	Sisal	161,6	122,5	506.367	1.º
5	Banana	161,1	2.011,6	308.880	2.º
6	Amendoim	61,8	16,0	15.243	10.º
7	Algodão	55,8	60,6	80.198	5.º
8	Arroz	50,4	49,9	56.285	8.º
9	Café	39,2	16,1	57.767	7.º
10	Côco	34,2	9,5	8.520	12.º
11	Gergelim	18,8	7,2	6.507	15.º
12	Trigo	15,7	4,3	3.943	17.º
13	Fumo	5,0	2,0	15.997	9.º
14	Mamão	3,9	0,1	7.039	14.º
15	Frutas e legumes ...	3,7	13,1	10.085	11.º
16	Chá	3,4	0,7	4.322	16.º
17	Cana de açúcar	2,7	8,1	7.446	13.º
18	Piretro	0,9	0,2	1.731	18.º
	TOTAIS:	2.428,3	4.320,5	1.689.808	

Fonte: — "**Report** by His Magesty's Government in the United Kingdon of Great Britain and Northern Ireland to the General Assembly of the United Nations on the Administration of **Tanganica** for the year 1948". Publicado pelo "His Magesty's Stationary Office", Lndres, 1949.

O valor da produção de sisal em 1948 avantajava-se sôbre todos os demais, seguido pelo da produção de bananas. Como estas se destinam exclusivamente à alimentação indígena, bem se poderá avaliar a sua importância na dieta do nativo. Por outro lado, verifica-se que o café ocupa o sétimo lugar no valor da produção do país, embora sua posição na exportação seja outra.

Os produtos tradicionalmente exportados acham-se reunidos no quadro 18 e correspondem a dados estatísticos apurados no quinquênio 1943/47. Por êle verifica-se que os três produtos líderes da exportação, por ordem de valor, foram o sisal, café e algodão. Verificaram-se pequenas flutuações no volume da produção nos anos, que compõem o quadro 18, mas no final constata-se um aumento no volume dos três produtos, se compararmos a produção de 1943 e a de 1947. O sisal, café e algodão representaram 88,1% da exportação de Tanganica,

QUADRO 18 — Exportação de produtos agrícolas de Tanganica — Quantidade e valor verificados no período compreendido entre 1943 e 1947.

Ordem segundo o valor	Produtos	QUANTIDADE					VALOR EM MILHARES DE CRUZEIROS					Valor total em 5 anos	% sôbre o valor total
		1943	1944	1945	1946	1947	1943	1944	1945	1946	1947		
1	Sisal (fibra e estopa) (ton. métricas)	98.144	113.638	112.407	113.305	97.390	110.143	154.062	159.755	203.653	283.411	911.024	62,7%
2	Café (sacos de 60 kg)	184.549	263.499	243.367	169.689	234.662	28.795	44.321	46.608	35.130	50.791	205.645	14,3%
3	Algodão (fardos de 181 kg)	39.240	33.368	40.336	22.208	39.548	32.452	29.296	39.110	19.568	40.710	161.136	11,1%
4	Fumo (ton. métricas)	1.060	1.131	998	935	674	13.212	10.567	6.267	5.088	4.403	39.537	2,7%
5	Papaina (ton. métricas) *	40	95	103	101	111	2.463	3.839	5.907	9.682	15.937	37.828	2,6%
6	Chá (ton. métricas)*	511	334	406	635	453	3.617	2.359	2.654	4.078	3.406	16.114	1,1%
7	Piretro (ton. métricas)*	311	402	708	679	245	1.887	2.686	4.865	4.500	1.405	15.343	1,0%
8	Pulse (1) .... ton. métricas)*	519	418	2.766	1.053	11.361	522	410	2.257	995	10.997	15.181	1,0%
9	Arroz (saco de 60 kg)*	79.117	76.098	36.762	1.185	44.280	3.431	3.929	1.959	66	2.892	12.277	0,8%
10	Amendoim (ton. métricas)*	1.780	637	970	483	3.591	1.454	515	783	402	4.943	8.097	0,5%
	OUTROS	—	—	—	—	—	7.591	7.213	4.470	6.323	4.277	29.874	2,2%
	TOTAIS	—	—	—	—	—	205.567	259.197	274.635	289.485	423.172	1.452.056	100 %

FONTE: — "East African Agriculture", Editado por J. K. Mathenson, Londres, 1950.

(*) Nas conversões a toneladas métricas, despresamos as frações me nores que 500 quilos.
(1) "Pulse" — Designação comercial dada aos grãos comestíveis das leguminosas: feijões, lentilhas, tremôço, etc.

no período 1943/47 e verificou-se um aumento de valor respectivo, quase sem interrupção, nesse quinquênio.

Os números a seguir, extraídos do "East African Economis and Statistical Bulletin", número 7, publicado pelo E.A.H.C., Náirobi, 1950, contendo o tombamento de 1949, confirmam a tendência do aumento da produção agrícola exportável de Tanganica, relativamente aos três produtos líderes nas trocas com o exterior. Outrossim, verifica-se que o sisal manteve o primeiro lugar na pauta exportadora e que o algodão tomou o segundo lugar ao café, sobrepujando-o, com margem significativamente apreciável:

Produtos	Quantidade	Valor-milhar de cruzeiros	% sobre o valor total da exportação
Sisal	134.620 (ton. métricas)	577.782	69%
Algodão	60.623 (fardos 181 kg)	107.110	13%
Café	203.877 (sacas de 60kg)	79.962	10%
Outros		68.940	8%

d) **Deficiência da produção de subsistência** — O Departamento de Agricultura de Tanganica acha-se, permanentemente, a braços com o problema dos déficits da produção agrícola para o abastecimento da população do país. Artigos para a alimentação dos europeus, como queijo, manteiga, batatinha, procedem de Quênia. E não é melhor a situação com relação ao abastecimento das populações indígenas. Embora seja Tanganica um país de agricultores, vê-se constantemente obrigado a importar também sorgo, mandioca, feijão e trigo dos territórios vizinhos, para atender às necessidades internas. Os constantes déficits da produção agrícola vêm obrigando o govêrno a tomar certas medidas, até mesmo a do cultivo compulsório. E a mandioca é o grande preventivo da fome em Tanganica, pois os estoques são fàcilmente mantidos sob a forma de planta viva, sem necessidade de preparo ou armazenamento do produto. A terra é o próprio celeiro da população. Embora a bananeira esteja largamente dessiminada, não consegue competir com a euforbiacea que se dá bem até quase nas áreas semi-áridas, onde a musacea não consegue medrar, cobrindo assim, apreciável extensão do país e abrandando o espectro da fome.

O problema da deficiência da produção alimentar atua como fator limitante do desenvolvimento da agricultura de "artigos econômicos", que se destinam à exportação, como o sisal, café e algodão, etc. O próprio govêrno procura controlar a produção de tais artigos, que tomam lugar das culturas alimentares e desviam apreciável contigente de mão de obra, comprometendo ainda mais o precário equilíbrio que o Departamento de Agricultura vem procurando manter entre demografia e recursos alimentares.

e) **Métodos de cultivo** — Os processos da agricultura indígena não diferem dos das agricultura nativa de Quênia ou Uganda. Entretanto, entre algumas tríbos das províncias do Lago e Ocidental, observa-se tendência à substituição da tradicional enxada de cabo curto (não superior a trinta centímetros), com que a mulher indígena arro-

tea os campos, pelo arado de aiveca simples, tirado a bois. O progresso é lento, não obstante os esforços dos agentes do fomento agrícola: agrônomos inglêses, assistentes e monitores africanos.

Não menores esforços vem despendendo o govêrno no sentido de modificar as práticas de uso do solo, com vistas à recuperação da fertilidade e defesa contra a erosão hídrica e eólica. Também aqui os progressos são lentos tanto entre agricultores nativos como europeus. A não ser em estações experimentais, não logramos ver qualquer prática conservacionista aplicada, em Tanganica. Entretanto, onde a economia agrícola de europeus é baseada em culturas permanentes e sombreadas como a do café, ou onde há culturas de café de nativos, quase que invariàvelmente associada à da bananeira, a fertilidade do solo é mais ou menos preservada pela sombra e pela prática do "mulching" (cobertura) resultante da palhaça da bananeira, que é deixada sôbre o terreno, recobrindo-o e protegendo-o do sol e da chuva. Mas acontece que a maioria da área agricultada é de culturas anuais. O "shifting cultivation" é intensamente praticada, o terreno é limpo a fogo, e êsse nomadismo da agricultura é responsável pela acelerada deterioração do solo. O incentivo da cultura algodoeira pelos colonistas tem sido um fator decisivo na rápida deterioração da terra agricultável de Tanganica, posto que os indígenas ainda estão suficientemente catequisados para a prática de uma agricultura racional, que preserva o solo da destruição. As médias de tôda a produção indígena são significativamente baixas e decorrem do mau preparo do solo, falta de adubações, inadequação de tratos culturais, tremenda infestação de ervas daninhas, más sementes, praga e moléstias e desgaste do solo. Só a mecanização intensa lograria um melhor preparo da terra, venceria as pragas do terreno e tornaria possível a defesa contra a erosão. Entretanto, o retalhamento extremo da terra pelas famílias dos nativos e a impossibilidade de congregá-los para um trabalho comum, impedem quaisquer providências relacionadas à mecanização agrícola. A única solução seria a agregação dos minúsculos "holdings" individuais para a mecanização coletiva. Todos os anos, consideráveis porções de grãos são perdidos, porque a enxada não logra vencer as ervas daninhas que infestam os terrenos e que só a máquina conseguiria dominar. As culturas de subsistência do nativo são constituídas de milho, sorgo "millet", mandioca, banana, arroz, amendoim, batata doce, inhame, abóbora e feijões. Algumas tríbos pastoras, como a dos Masai, se nutrem de sangue de boi com farinha de penicetum (**Penicetim clandestinum**). Os produtos agrícolas chamados "**econômicos**", da agricultura indígena, são o algodão, café, copra (côco sêco), arroz, fumo, gergelim e a goma.

f) **Experimentação e fomento agrícola** — Não se pode falar em experimentação agrícola em Tanganica sem invocar o já histórico Instituto de Pesquisas de Amani, criado pelos alemães em 1902. A estação experimental está situada na cordilheira de Usambara, a 1.000 metros de altitude, em plena área das florestas equatoriais chuvosas, a pouco mais de 80 km de Tanga, pela rodovia que liga o pôrto àquela região montanhosa. Inicialmente, o estabelecimento contou com numerosos laboratórios e começou uma série de investigações agronômicas, desde as relacionadas à agrogeologia até a das plantas de valor econômico

à colônia. Fibras, café, quina, tungue, plantas inseticidas, mandioca, mereceram a atenção dos alemães. O sisal azul (**Agave amaniensis**) é criação dos técnicos de Amani. Como tudo em Tanganica, o Instituto sofreu várias interrupções em suas atividades consequentes às grandes guerras europeias. Até antes de 1939, já sob ocupação inglêsa, aquêle centro de pesquisas vinha atendendo Tanganica, Quênia, Uganda, Zamzibar, Niassalândia e Rodésia do Norte e êstes países concorriam financeiramente para sua manutenção. Criada a Alta Comissão da África Oriental Inglesa e havendo ficado afeta a esta autarquia a supervisão de tôda a qualquer pesquisa nos quatro países da África Oriental Inglêsa, o Instituto de Amani foi absorvido pela E.A.A.F.R.O. (East Africa Agriculture and Forestry Research Organisation), com sede em Mugunga, nos arredores de Náirobi. Hoje as atribuições do Instituto estão adistritas aos estudos de botânica, fisiologia, patologia e química agrícola, zoologia e química do solo. A experimentação vegetal ficou reduzida à das plantas de subsistência indígena.

A rêde de estações experimentais de Tanganica se completa com mais os seguintes estabelecimentos:

Estação Experimental de Pesquisas de Café de Liamungu, fundada em 1943, próxima a Mochi;
Estação Experimental de Sisal, de Negomeni, extipendiada e controlada pela Associação dos Produtores de Sisal de Tanganica, embora dirigida pelo Departamento de Agricultura;
Estação Experimental de Uquiriguru, próxima a Muansa e que funciona como centro de pesquisas do "Empire Cotton Growing Corporation";
Subestação de Lubaga, próxima Chinianga e subordinada a Uquiriguru, que se dedica à experimentação de algodão, plantas alimentares, forrageiras e aplicação de fertilizantes;
Muanhala, próxima a Enzega e Tumbi, próximo a Tabora, funcionam como estabelecimentos de observação e de produção de sementes selecionadas;
Subestação de Café de Embosi, que é subordinada à Estação de Liamungu e serve as Terras Altas do Sul;
Estação Experimental de Ilonga, novo estabelecimento da "Emire Cotton Growing Corporation", pràticamente em fase de montagem;
Fazenda de Morogoro, destinada à experimentação e demonstração para nativos, das culturas de mandioca , batata doce, sorgo, etc.;
Estação de Arroz de Maíva, dedicada aos estudos dessa cultura.

A mais importante estação experimental de Tanganica é a de Liamungu que, embora nova, conta com entomologista, e laboratórios para entomologia, química e patologia vegetal. Êste estabelecimento, como a Estação Experimental de Sisal, recebe uma ajuda financeira da indústria cafeeira e foi fundada com a ajuda do Fundo do Bem Estar e Desenvolvimento Colonial.

O serviço de extensão tem a mesma organização que o de Quênia, porém, sem a eficiência do organismo de fomento daquela colônia, por

ser bem mais recente. Além dos agrônomos inglêses, o govêrno mantém um corpo de práticos nativos e hindus, que estão sendo treinados nas escolas de Uquiriguru e de Morogoro, esta privativa de hindus e seus descendentes. Essas escolas, cujos cursos se revestem de um cunho eminentemente prático, funcionam junto às estações experimentais das respectivas localidades.

4.11.2.2 — A CULTURA DO CAFÉ

a) **História e origem do cafeeiro** — A introdução do cafeeiro (**C. arabica**) em Tanganica foi iniciada por volta do ano de 1900 pelos missionários da mesma ordem de Santo Agostinho, que o introduziram em Quênia. Inicialmente as culturas foram estabelecidas em Morogoro, na rota para Tabora, com sementes trazidas de Bagamoio, na costa. As primeiras plantações com caráter industrial foram feitas com sementes da var. **bourbon** introduzidas das ilhas Reunião e da var. **Niassalândia.** A **Hemileia vastatrix** começou a atacar as primeiras culturas e o cafeeiro foi migrando para terras mais altas, fixando-se ao norte do país, em Mochi e Arucha, nas fraldas do Quilimanjaro. Ali o **C. arabica** vem sendo cultivado por nativos e europeus, mas quase invariàvelmente acima de 1.500 metros, por causa da "moléstia da fôlha". Quando ainda não se conhecia a extrema vulnerabilidade do **C. arabica** ao terrível fungo, os missionários católicos o levaram, por volta de 1896, para Bucoba, à beira do Lago Vitória, a 1.250 metros de altitude. **A Hemileia** e o craque do café de 1930, constituiram fatôres de seletividade de zonas para **C. arabica.** As culturas de Bucoba, dessa espécie, quase não têm significação econômica. Procurando outras áreas de terras altas, o **C. arabica** fixou-se também, mais recentemente em Emebirira, próximo à fronteira de Ruanda e Urundi e junto a Mebeia, nas Terras Altas do Sul.

A espécie **C. canephora "café Robusta"**, é expontânea das margens do Lago Vitória, e as numerosas plantações dos indígenas dali se localizam no Distrito de Bucoba, no lado ocidental do lago. Os exploradores brancos Speke e Grant, que visitaram a região em 1860/62, fazem menção das plantações de **Robusta,** que encontraram e relatam a existência de árvores dessa espécie até com 100 anos.

b) **Estatística** — A cultura do cafeeiro não havia tido grande importância econômica em Tanganica, até a ocupação do país pelos inglêses, após a guerra européia de 1914/18. O govêrno britânico de território é que estimulou o estabelecimento das lavouras da rubiácea, a partir de 1916, quer entre nativos, quer entre europeus. De 1905 a 1916 as exportações flutuaram entre 3.000 e 10.000 sacos de café beneficiado, de 60 quilos. Em 1924 a exportação acusava uma saída de 60.000 sacos e, em 1928, no ano que precedeu o colapso mundial do café, a produção de Tanganica subiu verticalmente para 132.000 sacos. Por êsse tempo, a broca do café (**Hypothenemus Hampei**) apareceu como grande inimigo do **Robusta,** enquanto a broca do tronco "White Coffee Stem Borer" (**Anthores Leuconotus** Pasc.) surgiu como praga devastadora do **arábica,** no distrito de Bucoba. Inicialmente, os indígenas da beira do lago, consorciaram ao cafeeiro a bananeira, porém, os maus resultados decorrentes da concorrência da musacea, determinaram o estabelecimento de culturas

exclusivas de café. No comércio interno de Tanganica aplica-se a denominação comercial de "Bucoba plantation", para designar o produto do **arábica** de Bucoba e a designação de "Bucoba native", para distinguir o produto do **Robusta** da mesma zona.

Os números a seguir sintetisam a marcha da cafeicultura tanganicana, incluindo **C. arabica** e o **C. canephora**, de nativos, hindus e europeus.

Anos	Área em milhares de ha (1)	Exportação — Milhares de sacos de 60 kg (2)	Valor da exportação em milhares de cruzeiros (3)
1927	36	112	24.076
1928	38	177	38.480
1929	43	150	30.628
1930	46	229	20.544
1931	47	157	12.844
1932	43	192	24.128
1933	43	215	22.360
1934	43	250	25.740
1935	45	315	23.764
1936	45	206	17.836
1937	48	230	22.360
1938	51	233	20.072
1939	51	281	24.232
1940	51	265	22.932
1941	51	231	23.296
1942	51	251	34.164
1943	49	184	28.756
1944	48	263	44.304
1945	40	245	46.592
1946	—	169	35.100
1947	—	243	50.804
1948	39	191	46.644

Fonte:— "East African Agriculture", J. K. Mathenson, Londres, 1950 e "**Report** by His Magesty's Government in the United Kingdom of Grat Britain and Northern Ireland to the General Assembly of the United Nations on the Administration of **Tanganica** for the year 1948". Publicado pelo "His Magesty's Stationary Office", Londres, 1949.

(1) Dados estimativos oficiais.

(2) (3) Dados estatísticos oficiais.

Segundo as mesmas fontes, a produção do país em 1948 foi de 268.000 sacos beneficiados de 60 quilos, números redondos, e a origem por espécie cultivada e por naturalidade de produtor, foi a seguinte:

Espécie	Produtor	Sacos de 60 kg	Porcentagem sôbre a produção total
Robusta	Nativo	166.000	62%
Arábica	Nativo	51.000	19%
Arábica	Europeu e hindu	51.000	19%

Não há estatísticas sôbre as áreas cultivadas com **arábica** e **Robusta** separadamente. Segundo informações, por nós colhidas, a extensão cultivada com cafeeiros da primeira espécie, em 1948, podia ser estimada em 12.000 ha e os do **C. canephora** em 27.000 ha. A área ocupada por um cafeeiro da espécie **arábica,** em Tanganica, é de 8 a 9 m^2 e a de um pé de **Robusta** varia de 16 a 18 m^2, as quais correspondem, respectivamente, a 1.250 e 500 plantas por hectare. Com base nesses elementos e conhecendo-se a produção de 1948, pode-se organizar a relação a seguir, capaz de oferecer uma estimativa da posição da cafeicultura tanganicana, naquêle ano:

Espécie	Área - ha	Cafeeiros	Média p/mil pés - s/côco	Média p/mil pés s/benefdo.
Robusta	27.000	13.500.000	36	12,0
Arábica	12.000	15.000.000	20	6,6

As médias de produção das duas espécies são baixas e referem-se a cada mil pés individuais.

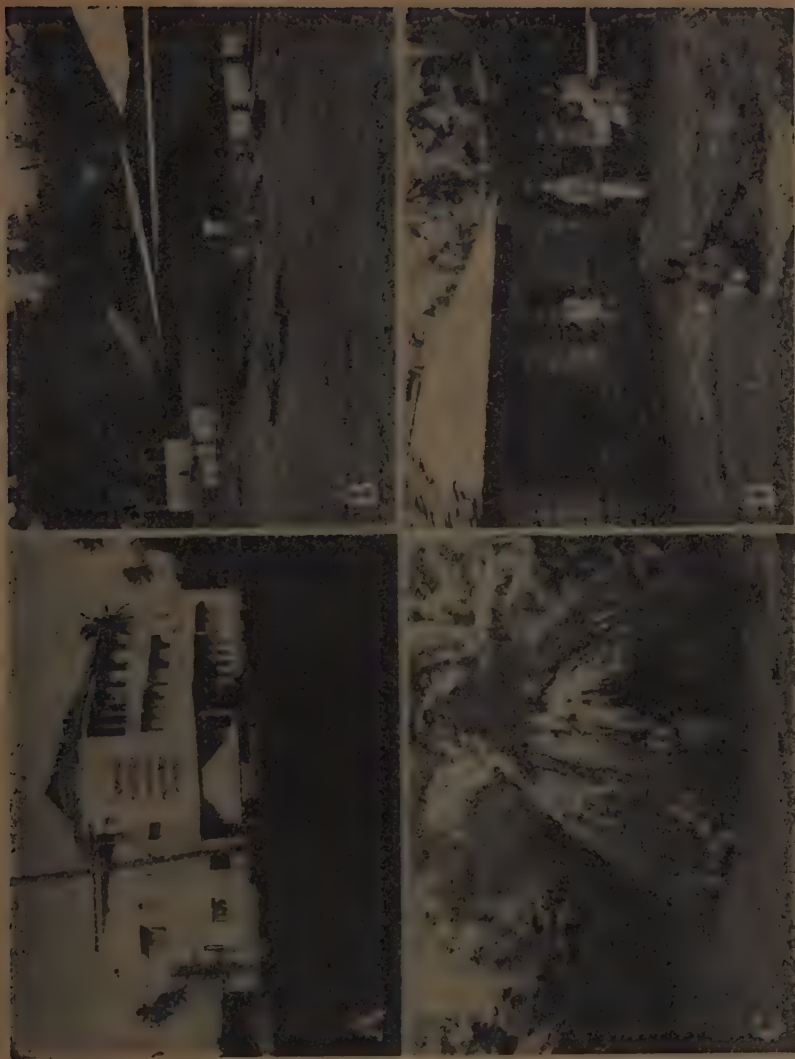
c) **Espécies e variedades cultivadas — C. arabica** — As variedades desta espécie, tal como em Quênia, se agrupam sob as duas denominações regionais de **Bourbon** e **Niassalandia** e respectivas variações e cruzamentos. Com tôda a certeza, haverá híbridos dessas duas variedades primitivas, que constituiram o material básico das introduções da espécie no país. **C. canephora** — As variedades respectivas tomam o nome único de **Robusta,** quer sejam os cafeeiros **Erecta** ou do tipo **Normal.**

d) **Tipo de exploração cafeeira** — Conforme nos referimos, o cafeeiro é cultivado em Tanganica por nativos, europeus e hindus. Em Mochi e Arucha, há "roças" de nativos e fazendas de europeus do tipo "plantação" de café **arábica**; nas Terras Altas do Sul, próximo a Emebeia há plantações de **C. arabica** de europeus; na fronteira de Ruanda Urundi, ao norte, há roças de **C. arabica** de nativos; no distrito de Bucoba, estão concentradas as culturas de **C. canephora,** exclusivamente de propriedade dos nativos. O sistema exploração cafeeira dos indígenas é idêntico ao praticado pelos pretos de Uganda, para qualquer das duas espécies da rubiácea. Cumpre notar que os nativos de Tanganica são cafeicultores bem mais cuidadosos que os de Uganda. Suas roças não vão além de algumas centenas a um milhar de cafeeiros individuais, invariàvelmente sombreados, ou melhor, consorciados com bananeiras. As lavouras de europeus e de hindus são do tipo "plantation" semelhantes às de Quênia, porém sombreadas.

4.11.2.3 — FAZENDA "KIFUMBO ESTATE"

Fez parte do nosso programa em Tanganica, a visita a uma das maiores plantações de café da região do Quilimanjaro. A fazenda, que pertencera outrora a um fazendeiro alemão, deportado durante a última guerra é hoje propriedade do Sr. J. Cassel, de nacionalidade australiana, que a adquiriu do Govêrno Britânico. As notas a seguir, foram apontadas durante a nossa permanência naquela fazenda, onde estivemos hospedados.

A — **Características da propriedade:** a) **Situação** — Distante 10 km da cidade de Mochi. b) **Altitude** — 1.155 metros do nível do mar e 480 acima da cidade de Mochi. c) **Solos** — Vulcânicos, das formações do Quilimanjaro. A côr da terra, pujança da vegetação, trazem à lembrança as terras roxas e matas de Santa Rita do Passa Quatro. **Chuvas** — Repartem-se por duas estações: "chuvas curtas" (short reins) de novembro a dezembro, com uma coluna dágua de 275 mm; "chuvas longas" (long reins) de abril a junho, com precipitações que atingem 1.350 mm, elevando-se a coluna anual a 1.625 mm. Em Mochi, as "chuvas curtas", de um ano, têm decisiva importância no sucesso ou fracasso da safra do ano seguinte. Isso porque as floradas sobrevêm em dezembro e as chuvas de novembro é que influirão na bôa ou má colheita do ano futuro. O sr. J. Cassel informou-nos de que no ano anterior ao da nossa visita, Tanganica havia sido assolada pela maior sêca de que se tinha notícia no país. Entretanto, os cafèzais e a vegetação em geral, não nos davam a impressão de haverem sofrido os efeitos de uma rigorosa estiagem. Relativamente à escassês de chuvas do ano anterior, os diretores da "Associação de Plantadores do Café de Tanganica", nos disseram que iriam experimentar a provocação de chuvas por meio de descargas de gêlo sôbre as nuvens a mais de 3.000 metros de altura. e) **Tamanho** — Mede a propriedade 250 ha, dos quais 222 ha se acham em cafèzais, contendo 288.600 pés individuais. f) **Benfeitorias** — Resumem-se na pitoresca e confortável residência do proprietário, da qual se avista, em dias bem iluminados, o cume nevado do Quilimanjaro, nas instalações para preparo do café e nas moradias dos pretos, que são cubatas retangulares, cobertas de palha. g) **Transporte** — Todo o transporte do café da roça é feito a "lombo de preto". h) **Água** — A zona das ribanceiras do Quilimanjaro é rica de água corrente, com a qual são alimentados os despolpadores das fazendas.

B — **A lavoura de café:** a) **Variedades cultivadas** — Parte do cafèzal pertence à var. **bourbon** e parte à var. **Kent.** Os talhões da primeira variedade estavam totalmente desfolhados, consequente a um ataque de **Hemileia** e o esqueleto da planta fazia lembrar os cafeeiros de Ribeirão Preto ao fim de rigorosa estiagem. O sr. J. Cassel manifestou-nos sua preferência pela var. **Kent,** por haver-se revelado sempre menos sujeita a desequílibrios de produção entre uma safra e outra. Segundo êle, a produtividade da var. **bourbon** flutua sensìvelmente de um ano para outro. b) **defesa do solo contra a erosão** — Na fazenda do sr. Cassel, como de resto em quase tôdas as lavouras de cafés de Tanganica, não há qualquer trabalho tendente a impedir a erosão hídrica. Como a topografia do cafèzal é bôa, a grande quantidade das fôlhas das árvo-

— FIGURA 16 —

Aspectos de Tanganica: "A" — hotel "Chez Margot", Dar Es-Salaam, 22/7/50; "B" — edifício dos despolpadores, fazenda "Kifumbo Estate" do sr. J. Cassel, Mochi, 18/7/50; "C" — sítio do nativo Asumani Kimulo, no primeiro plano a casa de morada, ao fundo cafeeiros arábica consociados com bananeiras, arredores de Mochi (Quilimanjaro), 19/7/50; "D" — morada de outro nativo, aculturação europeia, à direita taboleiro com café posto a secar, feito de colmos de papiros, arredores de Mochi, 19/7/50.

res de sombra caídas sôbre o terreno recobrem-no, preservando-o do arrastamento da terra pelas enxurradas. Entretanto, os carreadores são conservados limpos e ali a erosão é evidente. c) **Preparo do terreno** — Como não há matas virgens em Tanganica, para café, as lavouras são plantadas em terrenos de antigo cafèzal. O preparo do solo se resume em capinas, limpeza e coveamento. d) **Espaçamento** — A lavoura está plantada no compasso de 2,50m x 3,00m, com uma só planta na cova. A área de terreno ocupado por um cafeeiro é de 7,50 m², à qual corresponde a uma população efetiva de 1.300 plantas por hectare, deduzidos os caminhos, etc. e) **Idade da lavoura** — O cafèzal tem 20 anos. f) **Poda** — O sistema de formação é o de "haste simples". Anualmente é praticada uma poda de produção, que consiste na eliminação dos esporões e ramos que frutificaram. A poda é feita por meio de tesouras de podar comuns. g) **Capinas** — Logo após a colheita, no mês de outubro, é feita uma capina a enxada, que mais se assemelha a uma cova para revolvimento do solo; a seguir são praticadas três capinas a catana, para roçada do mato, em épocas variáveis com as necessidades. Vimos alguns talhões em que o chão dos carreadores se achava limoso por causa da umidade do sombreamento. Nessa parte da lavoura poucas ervas más cresciam e as capinas eram quase dispensáveis. h) **Adubações** — Não são praticadas adubações sob qualquer forma. Nem mesmo a polpa do café estava sendo aproveitada para êsse fim. Adubações minerais são de uso proibitivo naquela parte da África, tal o custo pelo qual os adubos chegam à África. i) **Sombreamento** — Tôda a lavoura é sombreada com grevilea (**Grevillea robusta**), cujas árvores, com 20 anos, ostentam grande porte e se acham espaçadas de 9m x 9m. A densidade dêsse sombreamento, segundo nos informaram, é considerado de 40%, entretanto, a impressão é a de que há mais de 50% de sombra. j) **Colheita** — É feita em cereja, a dedo, e o colhedor leva em uma das mãos uma vasilha, geralmente uma lata semelhante à de banha de dois quilos, onde vai depositando os frutos. Quando estas se enchem, o colhedor as despeja em um jacá que trás às costas, sustentado por duas correias, tal como uma mochila. A colheita tem início em julho, por uma catação de frutos que amadurecem precocemente, mas é nos meses de agôsto e setembro que se efetua o grosso da apanha. k) **Safra pendente** — A produção ostentada pelas árvores da parte não atingida pela **Hemileia,** era regular. O sr. J. Cassel informou que os maus tratos anteriores, quando a propriedade estivera em mãos do govêrno, eram os responsáveis pela baixa produtividade. A safra pendente foi estimada por nós, em 18 sacos de café em côco, de 100 litros, por mil cafeeiros individuais, como média para tôda a lavoura. Com base nessa avaliação, a safra total corresponderia a 1.815 sacos de café beneficiado de 60 quilos.

C — **Preparo do produto** — O café é preparado por via úmida, na própria fazenda, enquanto que o beneficiamento é feito na usina da cooperativa em Mochi. As operações de preparo, na fazenda, obedecem às seguintes operações: a) **Catação do verde** — Entre a vasca de recebimento do café da roça e o primeiro despolpador, há uma canaleta de 50 cm de largura por 5 cm de altura, pela qual o café deslisa, impulsionado pela água, em forma de delgada camada, à qual é submetida a catação manual dos frutos verdes, por meio de meninos e meninas. b)

Separação — Ao fim da mencionada canaleta, antes do primeiro despolpador, o café cai em uma caixa de cimento, sifonada por meio de um tubo de ferro galvanizado de três polegadas de diâmetro, na qual se dá a separação das cerejas e do "buni" (café sêco da árvore). O processo tem semelhança com o princípio do "separador maravilha". O tubo se acha colocado verticalmente sôbre a caixa de separação e o cereja, que é mais pesado, vai para o fundo e sai pelo cano que está sifonando a água. O "buni", que é mais leve, sobrenada e é, assim, separado. c) **Despolpamento** — É levado a efeito em despolpadores de disco de cobre aspado (não tambores), cuja capacidade é de uma tonelada de café despolpado por hora, necessitando uma alimentação constante de uma polegada dágua. O acionamento é mecânico, por meio de um motor a óleo cru de 1 HP. Os despolpadores são de fabricação inglêsa da marca Wm. Mc. Kenn and Co. Ltd. Ao primeiro despolpador sucede um segundo, que se destina ao repasse. d) **Fermentação** — É feita em tanquis de cimento, durante 48 horas, tal como em Quênia e Uganda. e) **Seca natural** — Em Mochi são frequentes os dias nublados, no tempo da colheita do café. Quando há sol, a seca começa pela exposição do café em taboleiros ao calor natural, por espaço de seis dias. Caso não haja sol, o café sai do despolpador e vai para a estufa. Esta é constituída por um cômodo, cujo piso elevado do chão é de chapa de ferro perfurada, como as das peneiras dos monitores de máquinas de benefício, em cujo espaço circula o ar quente. Aí o café permanece por 24 horas, sob temperatura de 30°C e é mexido duas a três vêzes ao dia. O calor é produzido por uma caldeira e circula em tubulagem de ferro, sob a forma de vapor. f) **Seca mecânica** — É feita em secadores iguais aos da Usina de Buguicho, em Uganda, já descritos. Tanto o café levado ao sol como o que sai da estufa, acabam de "chegar" no secador mecânico.

D — **Mão de obra e custo de produção:** a) **Número de operários** — A fazenda tem a seu serviço, 150 homens, que trabalham em regime de 5 horas diárias. O serviço começa às 7 da manhã e termina ao meio dia. Êste é um costume dos nativos assalariados no país, que os patrões brancos não conseguem alterar. Essa centena e meia de trabalhadores corresponde a 75 operários efetivos, no nosso regime de trabalho agrícola, de sol a sol. Êstes homens são empregados nos serviços de capinas, pulverizações, poda, derramagem das árvores de sombra e colheita. Neste último trabalho intervêm também as mulheres indígenas. b) **Rendimento do trabalho** — No sistema de 5 horas de serviço, com ferramenta inadequada, um preto capina à enxada e à catana, uma média de 100 cafeeiros por dia. É um rendimento baixo, pois a lavoura é sombreada e a intensidade das ervas daninhas bem reduzida. E a remuneração, forçosamente terá que ser baixa. c) **Salários** — O sr. J. Cassel paga sh-33, com comida, a cada homem, por mês. Os 33 chilings ao câmbio de £-1 a Cr$ 52,00 (câmbio oficial em 1950), equivalem a Cr$ 85,80. o valor da comida não vai além de sh-2 por dia. Assim, o salário mensal de um preto, inclusive alimentação, nas plantações de café do Quilimanjaro, gira ao redor de Cr$150,00. Como o país não possui indústria manufatureira e tôdas as utilidades industrializadas são importadas, chegando caríssimas, bem se pode imaginar o padrão de vida dos indígenas. d) —

Custeio da "Kifumbo Estrate" — Segundo o sr. J. Cassel, o custeio de um hectare de cafèzal, em sua plantação, fica em £-25 por ano. Ao câmbio de Cr$52,00, por esterlino, o custeio total da lavoura fica em Cr$ 286.000,00, ou sejam Cr$ 990,90 por mil cafeeiros indíviduais. e) **Custo de produção** — Sabendo-se que o custeio estava orçado em Cr$ 286.000,00 e que a safra estava estimada em 1.815 sacos de café meneficiado de 60 quilos, o custo provável de um saco de café exportável, posto na fazenda, ficaria em Cr$ 157,57.

E — **Inimigos da cultura: a) Pragas** — O **antéstia** é a mais terrível praga do café, também em Tanganica. O combate é feito por meio de duas pulverizações anuais com solução de DDT. **White Coffee Stem Borer" (Anthores leuconotus Pasc.)** — É uma praga que se manifesta com maior intensidade, abaixo de 1.300 metros. No cafèzal de "Kifumbo Estate" ela é frequente e obriga a uma despesa de combate de Cr$ 70,00 anuais por hectare. O inseto é um serrador que penetra o colo do cafeeiro e forma galerias nas raízes principais, prejudicando todo o sistema radicular da planta. Nas áreas abaixo de 1.300 metros não é recomendado o sistema de poda de formação de "hastes múltiplas", porque os diversos troncos da mesma planta facilitam a propagação e ataque do inseto. 0 combate ao inseto é compulsório em Tanganica. b) **Moléstias** — A **Hemileia** é a mais frequente nos cafèzais de **C. arabica,** situados abaixo de 1.500 metros de altitude. Se o cafeeiro não fôr defendido por meio de pulverizações com calda bordalêsa, sucumbirá ao ataque do fungo. Dos talhões que vimos na fazenda do sr. J. Cassel, atacados pela doença da fôlha", restava o esqueleto do cafeeiro. Segundo aquêle lavrador, o cafèzal atingido levaria, pelo menos, dois anos a produzir novamente, pois teria necessidade dêsse tempo para formação de novos ramos produtivos. A parte do cafèzal não atacada havia sido tratada com duas pulverizações de calda bordalêsa. c) **Ervas más** — O chão achava-se recoberto pela trapoeraba e havia reboleiras da digitaria, esparsas por quase tôda a lavoura. Tal como em Uganda, esta praga é o terror dos agricultores das terras vermelhas de Tanganica. Na fazenda que é objeto desta descrição, estava sendo erradicada à enxada, por turmas de pretos, representando pesado onus ao custeio da cultura. Segundo ensaio efetuado na Estação Experimental de Liamungu, fica em Cr$ 2.000,00 por hectare, o combate a esta praga.

F — **Cafèzal em formação** — O sr. J. Cassel está formando uma pequena lavoura em uma quadra de terreno com dois hectares, de onde eliminou um cafèzal e respectivas árvores de sombra. São os seguintes os apontamentos dos trabalhos para a formação de 3.000 cafeeiros: **solo** vulcânico, de cafèzal de mais de 30 anos; **topografia** — quase plana; **combate à erosão** — nenhuma medida; **disposição das covas** — em linhas retas; **espaçamento** — 3m x 3m; **pés na cova** — uma só planta; **mudas** — arrancadas do próprio cafèzal com 15 cm, de raíz nua e, por sinal, muito inferiores; **cova** — raza, simples golpe de enxada, ficando a muda à flor da terra; **cultura precedente** — além do antigo cafèzal, o terreno foi cultivado com feijão durante dois anos, antes do atual plantio do café; **poda de formação** — hastes multiplas; **cultura intercalar** — pimentão ardido, cujo alto preço corrente daria para pagar a formação da lavoura, segundo nos informou o fazendeiro. Há em Tanganica ten-

— FIGURA 17 —

Aspectos de Tanganica: "A" — mercado nativo, Tabora, 30/7/50; "B" — mercado indígena de algodão, Buqueuimba, Província do Lago, 27/7/50; "C" — escassez dágua potável, coletor para aproveitamento da chuva para uso doméstico potável, coletor para (alimentação). Estação Experimental de Uquiriguru, 27/7/50; "D" — nativos transportando algodão para o mercado de vendas, Buqueuimba, Província do Lago, 27/7/50.

dência para substituir paulatinamente as lavouras de formação de "haste simples" pelas de "hastes múltiplas", porque tem se chegado à conclusão de que nas lavouras formadas por êste último sistema, a colheita é mais fácil, como também porque produzem um pouco mais.

4.11.2.4 — PROPRIEDADE CAFEEIRA INDÍGENA

Cêrca de dois terços da cultura de **C. arabica** do Quilimanjaro acham-se em mãos dos nativos. Contra todos os prognósticos, o café produzido pelos indígenas dessa região é de qualidade bem melhor que o das fazendas de europeus ou de hindus. Aliás, a observação não é nossa mas do pessoal do Departamento de Agricultura do país. São as seguintes as notas apanhadas por nós num sítio de café tìpicamente indígena do Quilimanjaro: a) **Localização** — Arredores de Mochi, a 1.000 de altitude, aproximadamente; b) **Nome do proprietário** — Asumani Kimulo c) **Área do sítio** — 12.000 m². d) **Cafeeiros** — var. de **C. arabica,** 1.100 pés individuais, plantados mais ou menos em ordem, em um compasso de 3,20 x 3,20m. Cêrca de 800 pés eram de 15 anos e os restantes de 5 anos. e) **Sombreamento** — Ou mélhor, consociação, mais ou menos ordenada, de cafeeiros com bananeiras. f) **Poda de formação** — Haste simples; g) **Produção** — Sacos em côco de 100 litros: 1947, 16 sacos; 1948, 15 sacos; 1949, 11 sacos. Média de 15 sacos em côco, nos três anos, para os 1.100 cafeeiros. Produção baixa, de 1,2 litros de café em côco por pé, ou ainda, quatro sacos beneficiados por mil pés. h) **Moléstias e pragas** — Pràticamente não havia ataque de praga. Entretanto, o mesmo não se pode dizer quanto às moléstias. Todos os cafeeiros estavam bem atacados de **Hemileia.** Embora o combate ao fungo seja compulsório e a subsistência daquêle nativo dependesse da produção dos seus cafeeiros, sua lavoura não estava pulverizada com calda bordaleza. Asumani Kimulo interrogado pelo agrônomo britânico que nos acompanhava, sôbre a sua falta, confessou que, de fato, deixara de tomar as medidas profiláticas recomendadas pelos poderes públicos. A não ser esta falha, o cafèzal achava-se bem tratado. i) **Preparo do café** — Os nativos cultivadores de café estão enquadrados em uma cooperativa de produtores. O café é despolpado pelos situantes, à mão, ou em pequenos despolpadores que a cooperativa está vendendo a êles. Estas máquinas são manuais e funcionam quase sem água. A seca é feita ao sol, em taboleiros de papiros, que ficam colocados à frente da casa do nativo, sôbre um girau de madeira. O café que vimos a secar nesse sítio e noutro que visitamos, tinha ótimo aspecto. Uma vez sêco, o café em pergaminho vai para a usina de benefício do "Tanganica Coffee Curing Works", em Mochi, onde é beneficiado e padronizado para a venda. j) **A morada de Asumani Kimulo** — A maloca é de palha e tem a forma cônica, com uma só porta de entrada e sem janela. O seu aspecto é o mais tosco possível, além da sua aparência frágil e de transitoriedade. Na casa se recolhem, à noite, para dormir, o nativo, sua família, a cabra e a vaca que possui. A ausência de janelas concorre para quase completa escuridão do ambiente, expediente usado para evitar moscas no interior da casa. Não há móveis; algumas esteiras estendidas no chão, bastante sujas,

servindo de camas. Algumas vasilhas de barro e de lata, completam a montagem da vivenda do nativo. Rente à parede da maloca há um orifício, no lado posto à entrada, onde são deitadas as águas servidas, que saem para o exterior em forma de lama repelente. A falta de limpeza, abafamento e mau cheiro da casa de Asumani, por nós visitada, repele mesmo os menos sensíveis. Êste quadro contrasta chocantemente, com o bom agricultor nativo que êle representa. A sombra das bananeiras, umidade e calor reinantes ao redor da casa, formam ambiente dos mais favoráveis à proliferação de moscas que afluem, aos milhares, sôbre as pessoas e animais.

(Continuação: — 4.11.2.3 — A ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE LIAMUNGU)

CALÇADA E TEMPE-RADA NA FABRICA NÃO LEVE AO FOGO!

TEMPERA 2 ESPECIAL

Enxada Dragão

prova *na terra* o seu valor!

Experiências feitas no *trabalho da terra* provam que a Enxada DRAGÃO dura mais que qualquer outra! E rende também mais, porque resiste, aos choques e está sempre afiada, apresentando um equilíbrio que facilita o trabalho e evita o cansaço provocado pelas enxadas comuns. De polimento e acabamento perfeitos, mantém-se *nova* por muitas e muitas safras. Trabalhe melhor seu torrão com a Enxada DRAGÃO.

Dragão

Se notar qualquer defeito na Enxada DRAGÃO, ela será trocada por outra, inteiramente nova e perfeita!

Fabricada e garantida pela

Cia. Mechanica e Importadora de São Paulo

fabricantes há mais de meio século

RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 210 - TEL. 32-7185 - SAO PAULO

CONTABILIDADE AGRÍCOLA E PASTORÍL

J. BEMELMANS

Engenheiro Agrônomo

(continuação)

X

RAZÃO: — Escrituração do Livro e documentos relativos:

Os títulos do Razão foram objetos da segunda parte dêste trabalho. Já foi explicado em parágrafo anterior como se fazem os lançamentos no Livro, ocupando apenas uma linha por mês, à débito e à crédito de cada Título.

Sòmente no comêço do ano encontraremos, no primeiro dia do exercício, à débito ou à crédito, uma linha a mais, assim escriturada: a CAPITAL, ou a DIVERSOS, ou a INVENTÁRIO, ou a BALANÇO.

Também no último dia do exercício encontraremos linhas a mais com os lançamentos: a PERDAS E LUCROS, ou de INVENTÁRIO, de BALANÇO, etc.

Um bom modêlo de Livro Razão, é o seguinte, formato 22 x 32 cm e 50 fólios:

(conta)

Débitos					Crédito				
(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)

coluna (1): mês
(2): dia
(3): histórico
(4): número do fólio correspondente, do Diário
(5): importância

A parte superior ou cabeçalho, é destinada ao nome da conta. Êste modêlo utilisa cada página separadamente.

Há muitos outros modêlos.

AUXILIAR: Escrituração do Livro e dos documentos relativos:

Como Livro Auxiliar aconselhamos utilizar um livro Contas Correntes comum, formato 22 x 32 cm e 200 fólios, sendo o modêlo mais utilizado:

19...		DEVE	HAVER

O cabeçalho é utilizado pelo nome da conta, ou seja o subtítulo, sendo escrito em pequeno o nome do Título (do Razão) em cima das cólunas Deve e Haver. Por exemplo:

A U T O M Ó V E L

(Serviços de Motores)

ou R E T I R O

(Cultura de Algodão)

A ordem seguida na abertura dos fólios, será a ordem na qual serão feitos os balancetes mensais de verificação. Assim deixar-se-á um número de páginas seguidas, variável conforme o movimento da conta, para manter o mais possível aquela ordem.

Se isto não é indispensável, muito facilitará porém o serviço.

A título de exemplo indicaremos, para uma fazenda média de 1000 hectares, sendo 500 em cultura:

Para as diversas	Capitalizações:	1	página por obra
" " "	Adiantamentos:	1	" " parcela
" " "	Semoventes:	1	" " subtítulo
" " "	Materiais: acessórios e peças	10	páginas
	adubos	2	"
	armas	1	"
	arreios	4	"
	cadernetas	1	"
	caixas e vasilhas	2	"
	combustíveis e lubr.	8	"
	drogas e medicam.	8	"
	encerados e panos	1	"
	ferramentas e utensílios	4	"
	madeiras	4	"
	materiais construção	6	"
	maquinários	2	"

máquinas agrárias 2 ”
móveis 1 ”
produtos 16 ”
sacos 4 ”
salários 1 ”
sementes 6 ”
veículos 1 ”
Para os diversos Financiamentos: Juros e descon. 2 ”
outros subtítulos 1 página cada um
” ” ” Conservação: 1 a 2 páginas cada subtítulo
” ” ” Serv. de Animais: Bovinos 2 páginas
Muares e Cav. 2 a 3 ”
Carretos 3 a 4 ”
” ” ” Serv. de Motores: Automóveis 2 ”
Caminhão 2 a 4 ”
Moinho 3 a 6 ”
Oficinas 4 a 6 ”
Trator 6 a 8 ”
Secador 1 a 2 ”
Esterqueira 2 a 4 ”
Parcerias: algodão 2 páginas por parcela
arroz 1 ” ” ”
feijão 1 ” total
milho 3 ” por parcela
Cultura algodão 2 a 3 páginas por parcela
3 a 4 ” para Colheita geral
” amendoim 2 a 3 ” por parcela
” diversas 1 ” por cultura
etc.
Criações 5 a 8 páginas por subtítulos
Despensa 2 a 3 ”
Negócios diversos
ou seja um total de 200 a 250 páginas por ano.

O Livro Auxiliar é escriturado pela cópia das fichas (Devedor/Credor) que formaram o “Diário”, sendo que, depois de acabar de transcrever o histórico da ficha no livro, escreve-se sôbre a ficha, na linha do título ou subtítulo, o número do fólio do livro.

Fichas de desdobramento:

Desejando-se um desdobramento completo e perfeito, possível aliás devido ao Livro Ponto Mensal, utilizar-se-á fichas de desdobramento como do modêlo abaixo, de 22 cm de altura por 32 cm de largura aproximadamente.

Área ....

Variedade .... (Títulos e Sub-títulos) ....

Espaçamento ....

Parcelas	Ant. bal.	19... Set.	Out.	Nov.	Dez.	19... Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ag.	Total do Débito	Mão Obra	Material	Div. desp.
....																	
....																	
....																	

Pela disposição das fichas, em colunas mensais, a ausência de qualquer lançamento que se reproduz todos os meses será notada imediatamente, e poderá ser retificada no mês seguinte.

Pela presença antecipada de tôdas as rubricas, será também notado logo a falta de qualquer lançamento, e quiçá a não efetuação do serviço.

As rubricas que devem figurar na primeira coluna a esquerda, são as já citadas para cada subtítulo, na segunda parte dêste trabalho.

Uma só ficha de desdobramento poderá conter diversos subtítulos de acôrdo com sua capacidade para os seguintes títulos:

títulos essenciais: Capitalizações.
Semoventes
Material
Financiamentos
títulos de repartição: Conservação
Despesas Gerais
Serviços de animais
Serviços de motores
Esterqueira
Mato
títulos especiais: Despensa
Negócios diversos.

Para os Títulos de Exploração, cada subtítulo terá sua ficha própria, exceção eventual para as Parcerias e as Culturas Diversas, de pouca significação.

Estas fichas poderão ter suas colunas somadas por mês, soma que deverá corresponder com a da contabilidade oficial. Uma segunda linha mais abaixo poderá receber a soma total desde o primeiro dia do ano agrícola.

Estas fichas muito ajudarão para as repartições rigorosas, no fim do ano agrícola (fechamento da escrita).

Elas indicam ràpidamente em quais meses foram feitos certos serviços (plantação, pulverizações etc.).

As quatro últimas colunas do "Total do Débito" recebem as somas horizontais das rubricas. A primeira coluna (em branco) será preenchida com: Serviços de Animais, ou N.º de litros (auto), ou N.º de Quilos (produtos), conforme o destino da ficha.

Êsses totais servirão para o Relatório Agrícola.

Para as Fichas de Desdobramento das Culturas e Parcerias, será de tôda conveniência registrar com cuidado:
o número de hectares trabalhados em cada operação,
o número de quilos gastos em adubos, sementes e venenos.

No verso poderá ser registrado:
a data de início da semeação (conforme Livro Ponto Mensal)
a marca da semeadeira empregada,
o número da chapa da mesma (chapa distribuidora),
a data do início da colheita,
o pêso específico da semente e do produto colhido,

as pragas verificadas durante o ano,
as particularidades do tempo (seco — normal — chuvoso)
as particularidades gerais,
os preços correntes na zona, de preferência ofertas obtidas.

As fichas de desdobramento são muito interessantes para um administrador consciencioso, que poderá escriturá-las, êle mesmo, tirando os dados da contabilidade do escritório. Será aliás um ótimo meio para controlar o serviço do guarda-livros, sem melindrá-lo. Até pelo contrário, pois as vêzes será possível indicar-lhe um lapso que daria muito trabalho mais tarde.

O próprio administrador verificará algumas vêzes enganos seus na classificação de lançamentos, e será assim mais disposto à tolerância.

A "passagem" do movimento total de um mês, com alguma prática, só levará umas 3 a 4 horas.

CONTAS CORRENTES: Escrituração do Livro e documentos relativos:

Convém reservar êste livro para as contas de terceiros, estranhos à fazenda.

Como Livro Contas Correntes, aconselhamos utilizar o modêlo comum, já descrito anteriormente, para o Livro Auxiliar. Êle é aliás um auxiliar para a escrituração das contas pessoais, como o precedente o é para as contas materiais.

Os lançamentos são recopiados das fichas (Devedor-Credor) que formam o Diário, e acabando êste serviço, escreve-se sôbre a ficha, na linha do título ou subtítulo, o número do fólio do livro.

Cada conta do livro Contas Correntes apresentará as informações necessárias a um acêrto de conta com a pessoa. Um crédito por compra de várias mercadorias que vêm discriminadas uma a uma na ficha DEVEDOR-CREDOR será lançado como segue na Conta do credor:

	DEVE		HAVER	
Janeiro 7 Sua nota de entrega 250			650	00

A utilização da Ficha de Conta Corrente, em papel forte em vez de livro, é mais fácil. Ela pode ser escriturada a máquina, e arquivada sempre por ordem alfabética, num livro de encadernação mecânica.

Reserva para Contas Duvidosas:

Quando houver probabilidade de certas contas não serem pagas, a lei (Decreto Federal 2627 de 26-10-1940, art. 129, letra c) prescreve que não serão computadas no Ativo, "salvo se houver reserva equivalente".

E' praxe saldar estas contas correntes por Perdas e Lucros. E' toda-

via mais justo, em agricultura, reservar êsse modo apenas para os fornecimentos de exercícios anteriores, ou pelo fornecimento feito por inadvertência, a uma entidade inidônea.

Há certos ramos da agricultura, como a fruticultura e a olericultura, a avicultura, ou seja dos produtos muito perecíveis, que são mais organizados para a desonestidade, do que para a lisura. A Justiça, pelas suas complicações e custas elevadas quasi favorece essa situação, que é assim peculiar d'aquelas atividades agrícolas, e as contas não pagas devem ser "estornadas" para a cultura. Isto evitará que os livros denotam uma cultura florescente, emquanto a emprêsa vai à falência!

EMPREGADOS: Escrituração do Livro e documentos relativos:

Êste livro é reservado exclusivamente para as contas dos empregados. Êle deve ser a origem fiel da "Caderneta".

No Estado de São Paulo, êle é o único livro contábil exigido do agricultor, pela lei (ver Capítulo 4, Obrigações Legais).

O sistema de fichas avulsas para Contas Correntes (ver modêlo abaixo) é muito mais prático, e perfeitamente compatível com as exigências legais, pois elas poderão ser numeradas seguidamente, (número impar no anverso e par no verso) e rubricadas pelo proprietário, satisfazendo assim exigências que não são da lei federal, e por isso mesmo não têm sido adotadas.

Talvez seja até possível fazer rubricá-las no Departamento do Trabalho, como o são as Fichas de Empregados, da indústria.

	DATA		REF.	DÉBITO	CRÉDITO

Modêlo de Ficha Contas Correntes, formato 22 x 25 cm.

No parágrafo "Ficha de Ponto Individual" já foi explicado o motivo das fichas soltas.

Depois de tôdas as linhas da Ficha Contas Correntes estarem escritas, a conta continuará noutra ficha, sendo a anterior arquivada por ordem alfabética ou numérica, nos coletores "ad hoc".

Elas poderão ser agrupadas no mesmo coletor do Livro Contas Correntes, e por isso convém que as fichas sejam de formatos iguais.

Cadernetas:

Exigidas pelo Decreto Federal 6437, de 27 de março de 1907, elas devem conter a reprodução daquele decreto. Em geral são fornecidas pelas repartições oficiais.

	N.º	
.... cria de x		
Raça:		
Côr:		
Marcas:		
Nasceu: Desmamou:		
Origem:		

Elas devem reproduzir fielmente todos os lançamentos do Contas Correntes, bem como ser encerrada (balanceada) mensalmente, com a declaração do saldo devedor ou credor.

Ainda mais claros são os têrmos: Saldo a seu favor, Saldo a meu favor. Nunca se deve usar o têrmo "Balanço".

As cadernetas não têm tamanho oficial.

SEMOVENTES: Escrituração das fichas individuais:

Estas fichas de cartolina (a 60 quilos) permitirão o Inventário Permanente do gado.

O modêlo acima é o preferível, com formato de 5" x 8" (12,5 x 20 cm), e côres diferentes para cada espécie de animal. Por exemplo: azul para os bovinos; vermelho para os cavalos e muares; branco para os porcinos; amarelo para os caprinos, etc.

A escrituração da ficha faz-se do modo seguinte:

1.º) no canto superior esquerdo, o nome do animal, em letras maiúsculas, quando êste tiver nome (cavalo, burro manso, vaca, boi de carro). Os novilhos e novilhas só receberão nome quando foram amansados para carro ou deram a primeira cria.

2.º) no canto superior direito, o número de ordem, que é marcado na rês, de preferência a fogo, na tábua do pescoço para os cavalos, e na perna trazeira esquerda (ou direita), porém sempre do mesmo lado.

3.º) o sexo com um **M** ou um **F** no lugar marcado, última coluna a direita.

4.º) toma-se nota em seguida das características:
a raça (gyr, mestiça zebu x caracú ou seja mais zebu do que caracú;
mestiça holandês x zebu = mais holandês do que zebu;
a côr, de acôrdo com os costumes locais, ou as regras da zootécnia;
as marcas e todos os sinais existentes, e suas localizações;
a idade presumível quando fôr possível;
a origem, quando se tratar de animal comprado;

as capacidades, quando se tratar de animal de tração:
A: arado B: balanço C: coice ou chave
G: guia M: meio R: Riscador
S: sela V: vara ou tronco
o destino, quando se der a baixa.

A localização dos dizeres do cabeçalho da ficha é destinada a facilitar a busca de qualquer informação.

Tomando o exemplo de uma vaca, quando der uma cria, será anotado na última linha livre, logo abaixo das características:

3.ª cria em 28/8/50 x Cacique/		M

Quando o bezerro desmamar, completa-se a linha com as palavras:

/Desmamou em 15/5/51	441	M

e **naquela ocasião** abre-se-lhe uma ficha individual onde vão transcritos os dados fornecidos pela ficha da mãe.

Convém numerar os animais pouco antes da desmama, de preferência no momento da vacinação contra a manqueira, sendo assim a numeração comprovante dêste serviço.

Completa-se então os dados da ficha individual, porém sempre sem nome. O número de ordem do bezerro é também escriturado na ficha da mãe.

Se o bezerro morrer, será registrado na linha:

/morreu em 15/10/50 curso		M

Fazendo-se o contrôle leiteiro (pesagem diária da produção por vaca) êste poderá ter seu resumo quinzenal registrado no verso da ficha do animal. Quando a vaca deixar de ter produção de leite registrada, será normalmente, a data da desmama do bezerro.

As informações de nascimentos e mortos serão dados pelo campeiro, diàriamente. As desmamas também, se não houver contrôle da produção.

O mesmo sistema poderá ser empregado para os cavalos e os porcos. A numeração dêstes sendo geralmente feita por piques, poderá ser confeccionado um carimbo de borracha para imprimir na ficha o desenho anexo.

Nesta marca, desenha-se a posição dos piques nas orelhas, o que evitará muitas dúvidas na prática.

Para animais de pedigree, onde a filiação deve ser mais detalhada, os modêlos serão diferentes, e levarão o nome e enderêço da fazenda, pois uma cópia do original será fornecida ao comprador do animal.

A baixa do animal será anotada em lugar disponível, com a data, o motivo, a doença que o vitimou, o preço de venda e o comprador. Estas fichas serão arquivadas em "Liquidados" e conservadas por dez anos, pelo menos, para reconstituição de filiações, etc.

(continua)

Resumos e Transcrições

DEFESA DOS CAFEEIROS CONTRA AS GEADAS

J. C. Ferreira Filho

Enquanto pairar sôbre a zona cafeeira do Paraná o espantalho das geadas, jamais os cafeicultores dessa região poderão dormir tranquilos as noites de rudes invernos. Certas ondas de frio que ùltimamente nos vem do sul não respeitam altitudes, queimam tanto nos espigões como esturricam os arbustos das baixadas; e, caso estranho, muitas dessas correntes geladas poupam os cafèzais situados em lugares baixos e crestam de rijo os das eminências. Torna-se assim realmente aflitiva a situação dos cafeicultores instalados nessas regiões, uma vez que estão sempre expostos a assistir, em noites de geadas, a ruína e a desolação de suas fazendas, frutos de tantos anos de labor e de sacrifícios. Já não são poucos os aborrecimentos causados pelos irremediáveis contingentes meteorológicos de outra natureza, pelas pragas que assolam de contínuo a lavoura cafeeira e pelas incertezas do mercado.

É verdade que alguns dêsses fatores de desânimo, podem ser sensìvelmente atenuados pela ação pronta e inteligente do homem, e estamos certos, mesmo, que os efeitos maléficos da própria geada não tardarão a encontrar derivativo seguro na prática da cultura do cafeeiro à sombra.

Certa noite de rude invernia, em importante fazenda do Estado, assistimos à luta do homem contra a ação destruidora da geada no cafèzal, com aplicação de métodos de formação de fumaça (bombas e fogueiras). Desde então, tendo ficado indelèvelmente gravado em nossa imaginação o quadro desolador que involuntàriamente presenciamos, foi sempre nosso desejo difundir, a par de outras instruções sôbre a cultura cafeeira, os meios de evitar o terrível flagelo.

Mais tarde, ainda no mesmo inverno, verificámos que o magno problema não estava longe de solução. Na verdade, constatamos no sítio S. João, em Cambará, a destruição pela geada de um exuberante cafèzal, salvando-se tão sòmente 700 pés, situados em local mais baixo que os demais, pelo motivo de se encontrarem à sombra de eucaliptus (1). Viam-se de um lado plantas transformadas em varas (as expostas) e de outro, cafeeiros (abrigados) vegetando com a mesma exuberância, como se não tivesse por alí passado a corrente gelada.

É preciso que se diga de passagem que a plantação de eucaliptus não foi feita com o intuito de abrigar os cafeeiros contra o frio e sim para obtenção de lenha, dada a exigüidade do sítio em aprêço, propriedade do japonês Yati Suganuma.

A figura 2 atesta de modo eloqüente a veracidade da asserção. A cinta de cafeeiros que contornava o bosque de eucaliptus apresentava-se com seus arbustos crestados até meia altura, beneficiados que foram pela proximidade das árvores de sombra; os demais cafeeiros, completamente desabrigados, ficaram queimados até a base do tronco, evidenciando dessa maneira a ação protetora das árvores.

Infelizmente a solução do importante problema não pode ser obtida de pronto ou pelo menos de um ano para outro, uma vez que as árvores de sombra necessitam geralmente de quatro anos para alcançar altura suficiente, tornando-se então abrigos seguros para cafeeiros já formados. No caso de cafeeiros novos, torna-se necessário abrigo de outra natureza, (arapucas) ou de plantas que semeadas durante a primavera sejam capazes de protegê-los por ocasião do inverno. Enquanto isso, as mudinhas das essências de sombra vão se desenvolvendo no cafèzal, para constituirem, mais tarde, defesa permanente contra as geadas, contra os ventos e contra as bruscas mudanças de temperatura. As árvores da família das leguminosas são particularmente indicadas como sombra protetora, em vista da propriedade muito conhecida que possuem de enriquecer a terra onde vegetam, mediante fixação de azôto atmosférico no solo, pelos microorganismos que vivem nas nodosidades de suas raìzes.

Passando em revista as essências florestais pertencentes a essa privilegiada família de plantas, verifica-se que muitas delas poderão prestar-se perfeitamente ao fim colimado, se bem que, para isso, as árvores necessitam preencher certos requisitos, entre os quais são muito importantes: o rápido crescimento, o desenvolvimento aprofundado das raìzes (a fim de evitar tanto quanto possível concorrência aos cafeeiros), a copa esparramada e não muito espessa e a presença de fôlhas persistentes, capazes de abrigar os cafeeiros durante o inverno.

Dentre as inúmeras leguminosas das nossas matas, uma existe capaz, talvez, de se enquadrar nas condições exigidas. Trata-se do **monjoleiro**, árvore de rápido crescimento e que tem a vantagem de brotar vigorosamente quando decepado o seu caule.

É provável que o nosso **ingàzeiro** desempenhe a contento a delicada missão, assim como muitas outras leguminosas; todavia, nada se pode dizer ao certo. O estudo de tão importante assunto cabe às estações experimentais, mas infelizmente não temos nenhuma no Brasil que trate tão sòmente da cultura cafeeira e de suas múltiplas necessidades.

Não é de duvidar que o sombreamento dos cafeeiros venha solucionar também a importante questão da regularidade da produção. É sabido que as plantas em plena luz solar e radicadas em terra fértil

---

(1) — Hoje está verificado que os eucaliptus, devido à concorrência que fazem aos cafeeiros, pois são plantas esgotantes, não devem entrar em um plano bem orientado de sombreamento (N. do A.).

(2) — O guando e as crotalárias prestam-se para êsse fim.

(3) — O monjoleiro, também já experimentado em fazendas do norte do Estado, não deu resultados satisfatórios, por tratar-se de planta provida de abundantes raìzes superficiais, que muito prejudicam os cafeeiros. (N. do A.).

FIG. 1 — Ação protetora do sombreamento na fazenda Pirianito (Paraná), quando ocorreram as geadas de 21 e 22 de julho de 1946. Observa-se no segundo plano um cafeeiro protegido pela sombra.

intensificam suas funções de tal maneira que não raro se verifica, como conseqüência dêsse fato, a produção de cargas exageradas, seguindo-se o esgotamento da planta, a qual, para recuperar as fôrças perdidas, necessita trato acurado e nutrição abundante. Com a continuação dêsse estado de coisas é provável que sobrevenha com relativa rapidez o depauperamento dos cafeeiros.

A êsse fator de decadência rápida se junta outro ainda mais prejudicial, que é a lavagem do solo pelas águas de escorrimento. Ambos se completam e trabalham em boa harmonia para a ruína precoce dos cafeeiros. O sombreamento se propõe, então, anular os efeitos maléficos dêsses dois fatores de decadência. Tem-se verificado, ainda, que os arbustos protegidos produzem colheitas menores, porém regulares, obedecendo como que o rítmo das árvores frutíferas submetidas à poda especial que regulariza sua produção.

São pois três grandes proveitos obtidos pelo sombreamento: defesa contra as geadas, combate à erosão e regularização das colheitas.

A suavidade da temperatura nos cafèzais abrigados é sem dúvida vantagem digna de registo; de fato, protegidos que ficam os arbustos contra os saltos exagerados da temperatura, não mais se expõem a certos danos decorrentes de tal situação. E é preciso que se diga, ainda, que êsses cafeeiros melhoram sensìvelmente a maturação de seus frutos, conforme se verifica pelos trabalhos do eminente agrônomo Dr. Navarro de Andrade.

É provável também que o aproveitamento das águas das chuvas no cafèzal sombreado se processe de maneira conveniente, uma vez que o arvoredo protetor se comporta como regulador do precioso líquido, distribuindo-o lentamente e conservando-o por muito tempo.

Em Cambará, o proprietário do já referido cafèzal abrigado declarou-nos que a persistente sêca dêste ano em nada prejudicou os cafeeiros sombreados, o mesmo não acontecendo com os desprotegidos. Verificou também que nestes últimos, a luta contra as ervas daninhas foi mais intensa do que no cafèzal sombreado.

É verdade que a par das grandes vantagens do processo de cultura à sombra, são também apontados alguns inconvenientes, entre os quais: o aparecimento com mais frequência de moléstias e a concorrência que as árvores de proteção fazem aos cafeeiros. Tais inconvenientes podem, até certo ponto, ser atenuados por um maior espaçamento entre as referidas árvores, de modo a obter-se ambiente parcialmente iluminado, capaz de abrigar convenientemente os cafeeiros contra os rigores do frio e dos ventos dominantes. De resto, as desvantagens indicadas não são de molde a empanar a utilidade que o referido processo apresenta para as terras baixas e expostas às geadas.

(Extraído da Revista "D.N.C.", — 1933 — e de autoria do então Inspetor Agrícola do Serviço Técnico do Café, Agrônomo JOÃO CÂNDIDO FERREIRA FILHO).

FIG. 2 — À esquerda, o cafeeiro abrigado não sofreu a ação da geada. Ao fundo e à direita, no mesmo local, cafeeiros desabrigados mostram os desastrosos efeitos dêsse meteoro.

A ARANHA VERMELHA DOS CAFÉZAIS

R. CALZA e H. F. G. SAUER

O fenômeno das sêcas observadas nos meses de inverno, além de provocar, por sí só, acentuados prejuízos aos cafèzais, faculta o advento de condições favoráveis ao desenvolvimento de pragas que ainda mais pronunciam seus desastrosos efeitos.

O ácaro do café, comumente chamado aranha vermelha que, com tôda a certeza existia nas lavouras em quantidade imperceptível, tornou-se de uns tempos para cá, problema preponderante, fruto, sem dúvida, de condições criadas.

Sua importância como praga agrava-se anualmente, quer pela intensidade do ataque às culturas, quer pela extensão de sua distribuição nas regiões cafeeiras. A confusão que pode haver, pela observação superficial, entre os efeitos da sêca e os danos causados, pela incidência dessa praga, certamente motiva interpretações errôneas, mascarando as suas consequências.

E' muito recente a notificação dos ácaros nos cafèzais e, por isso, ainda não se possuem dados que situem o verdadeiro montante dos prejuízos. No entanto, pelos efeitos observados em diversas lavouras isoladas, pelo que se sabe sôbre a nocividade dêsse grupo às plantas, em nosso meio, por se constatar que os hábitos e intensidade das infestações se assemelham às espécies prejudiciais e, também, em virtude do conhecimento dos danos causados pelo mesmo ácaro, em outros países, considera-se que essa praga constituirá motivo para maiores preocupações futuras, caso persistam favoráveis as condições de clima.

CÁ E LÁ A PRAGA ESTÁ

Os levantamentos preliminares não tiveram a necessária amplitude para nos assegurar da sua distribuição em todos os municípios cafeeiros. Todavia, a diversidade dos lugares onde foi observado faz pressupôr a possibilidade de uma área de contaminação muito maior. E' verdade que a infestação em certos locais é despresível. Mas, a julgar pelo rápido aumento dos fócos iniciais, será provável um crescimento idêntico nas regiões onde atualmente tenha pouca importância.

As informações colhidas em trabalhos publicados (1) denotam sua primeira notificação, no Estado de São Paulo, em Julho de 1950, no município de São Manoel, para, em igual época do ano seguinte, ser constatado em intensos surtos, distribuidos pelas vastas zonas da Noroeste e Alta Paulista.

Em Agosto-Setembro de 1952, as inspeções realizadas denunciaram a existência da praga amplamente disseminada nas seguintes localidades: Campinas, Araras, Leme, Mococa, Jaú, Baurú, Penápolis, Birigui, Araçatuba, Rubiácea, Bento de Abreu, Valparaizo, Aguapeí, Mirandópolis, Aliança, Guaraçaí, Gália, Garça, Presidente Alves, Vera Cruz, Marília, Rinópolis, Pararuã, Oswaldo Cruz, Lucélia, Flórida

Paulista, Pacaembú, S. Manoel, Xavantes e Santo Anastácio, abrangendo assim, as zonas da Mogiana, Paulista, Alta Paulista, Noroeste e Sorocabana, no Estado de São Paulo; e em Astorgas, Porecatú, Capelinha e Paranavai, no Estado do Paraná.

A espécie de ácaro que infesta os cafèzais, foi, inicialmente, confundida com a denominada cientìficamente **Paratetranychus ununguis** Jacobi. Maria P. de Castro, do Instituto Biológico, retificou a identificação, em 1952, para **P. ílicis** Mc Gregor.

A distribuição do **Paratetranychus ílicis** não se restringe apenas ao Brasil. Em outros países a mesma espécie também foi registrada, especialmente nos Estados Unidos onde, em virtude da nocividade sôbre coníferas e plantas ornamentais, tem merecido detidos estudos. A verificação dessa praga sôbre o café vem colocá-la em plano muito destacado, devido à posição econômica que desfruta essa cultura.

COMO O CAFEEIRO DENUNCIA O ATAQUE

Conquanto seja sabido que a sêca provoque o definhamento do cafeeiro, a ação dos ácaros vem agravar ainda mais êsse fenômeno por perturbar as funções das fôlhas e acelerar a sua quéda.

O comêço das infestações numa lavoura difìcilmente desperta atenção: só um acurado exame revelará a existência dos minúsculos ácaros. Depois, porém, que as populações aumentam, observam-se os sinais denunciadores do ataque: as fôlhas perdem o brilho e tornam-se bronzeadas. A opacidade deriva-se do ajuntamento de poeiras, sujidades, pequenos insetos mortos e enxúvias (peles ou cascas) do próprio ácaro que aderem a uma teia finíssima por êle tecida sôbre tôda a fôlha atacada; o bronzeamento é consequência do ataque pròpriamente dito. Os ácaros, picando a epiderme, escarificam a face superior das fôlhas, durante o processo de alimentação, provocando reações que se traduzem por um amarelecimento inicial que obscurece, adquirindo, depois, a côr bronzeada.

Uma fôlha fortemente atacada, limpa da teia e sujidades, mostra com facilidade o bronzeamento, o qual invariàvelmente se acentua na região das nervuras e circunvisinhanças.

Êsses sinais, acentuados em fôlhas mais velhas, onde se sucederam diversas gerações, persistem mesmo depois do desaparecimento dos ácaros.

Com a generalização do ataque, dependente da intensidade da infestação, o bronzeamento se difunde e as fôlhas, também, opacadas pelas teias e sujidades, conferem às plantas uma aparência típica e desagradável. Cafeeiros assim prejudicados, em consequência do definhamento que apresentam, assemelham-se aos que tenham sido chamuscados pelo frio. Reboleiras extensas refletem não só o enfraquecimento da lavoura, mas a certeza de uma deficiente produção futura.

OS ÁCAROS TÊM HÁBITOS ESQUISITOS

O que de início chama a atenção é a manifesta preferência que têm pela página superior da fôlha. Tôda a vida é desenvolvida nessa

parte, sendo raro encontrá-los em outras porções da planta. Êsse hábito não lhes confere conveniente proteção, razão porque são sensíveis às chuvas, fato, aliás, que concorre para facilitar o combate.

A teia que tecem, cujo emaranhado mais se acentua quanto maior é a densidade de população, serve não só para protegê-los, especialmente durante as primeiras fases da vida, como para facilitar a locomoção. As fôlhas do cafeeiro sendo normalmente glabras, a poeira ou sujidades dificìlmente aderem à sua superfície. No entanto, a teia modifica essa condição, constituindo isso mais um ponto que vem em auxílio do combate.

Os ácaros são muito pequenos, difìcilmente perceptíveis a olho nú. Denunciam, porém, sua existência as cascas (peles) brancas que se encontram em profusão, como poeira sôbre as fôlhas, ao longo das nervuras. A observação atenta, proporcionará divisar pequenos pontos vermelho-escuros que se movimentam. Geralmente os ácaros não se locomovem com frequência. Quando perturbados, porém, movimentam-se desordenadamente, com relativa rapidez.

Os machos e fêmeas assemelham-se à primeira vista; os machos, no entanto, são muito mais ativos, andam rápidos pelas fôlhas, pouco se alimentando. E' curiosa a constatação de que as fêmeas virgens se reproduzem. Nêsse caso a prole é constituida apenas de machos. Dos minúsculos ovos, postos sôbre a fôlha, nascem as formas jovens, cuja atividade se acentua conforme de desenvolvem.

Devido ao pequeno porte e consequente incapacidade de rápida disseminação pela locomoção, quer de fôlha à fôlha, quer de planta à planta, têm o hábito de se utilizarem da teia para o transporte. E' facil conceber-se que das fôlhas superiores desçam às inferiores pela teia. E isso normalmente acontece para a disseminação num mesmo cafeeiro. Para a disseminação de planta a planta ou das fôlhas inferiores para as superiores, êles, depois de fiarem certa extensão de teia capaz de contrabalançar o pêso do corpo e escapar à ação da gravidade, deixam-se levar pelas correntes de ar. Há casos em que, durante aparente calmaria, os ácaros pairam, flutuando como balões. Essa circunstância parece explicar a rápida disseminação não só entre as plantas, como também a difusão a maiores distâncias.

As observações a que se procedeu indicaram ser indistinto o ataque aos cafeeiros velhos ou novos. Aparentemente é comum o ataque por reboleiras até a generalização em tôda a lavoura, sendo saliente que os lugares altos e sêcos são mais sujeitos do que as baixadas úmidas.

Conquanto os ácaros possam ser encontrados nos cafèzais durante o ano todo, sòmente nos mêses sêcos do inverno é que encontram condições adequadas ao seu incremento. Com o comêço dessa estação as populações aumentam progressivamente para atingirem ao máximo no início da primavera, antes do advento da época chuvosa. Depois das chuvas as infestações se reduzem a proporções desprezíveis, provàvelmente devido à ação mecânica exercida sôbre a praga localizada nas páginas superiores das fôlhas.

Em diversas plantas silvestres e cipós, encontradas também nas culturas, constata-se a presença dos ácaros, comportando-se de maneira

idêntica, fato que evidencia não ser o café a única planta atacada. A importância que tais hospedeiros possam desempenhar depende ainda de maiores estudos.

A VIDA ÍNTIMA DEVE SER CONHECIDA

As criações de ácaros, em condições de laboratório, realizadas de Outubro até Dezembro, revelaram pormenores cuja divulgação contribuirá para torná-los mais conhecidos.

As fêmeas põem os ovos isolados, fixados sôbre a superfície superior das fôlhas, sempre próximos às nervuras. Em 225 casos observados, a postura diária variou de 1 a 3, perfazendo a média de 1,38 ovos. A não ser num caso em que um indivíduo ovipôs 24 ovos, normalmente, o número de ovos por fêmea variou de 10 a 15 durante a vida.

Os ovos são pràticamente invisíveis a olho nú, pois medem, em média, 0,mm127 de diâmetro por 0,mm098 de altura. Vistos de cima são redondos; de lado, apresentam-se achatados, com uma longa papila ou filamento saindo da parte superior. Recém postos são vermelho escuros e brilhantes; durante a incubação vão adquirindo gradualmente a côr rósea.

Dentro de 6 a 10 dias os ovos eclodem. Essa variação depende da temperatura. Em temperaturas baixas demoram mais, nas mais elevadas, requerem menor prazo. À temperatura média de 22°,5 o período de incubação se processa em 7,2 dias.

As larvas recém-nascidas têm uma coloração róseo-carne. Possuem 3 pares de patas, dois dêles parecendo emergir da parte anterior do corpo e o terceiro da porção média do abdomen. Têm o corpo piriforme e locomavem-se com dificuldade. Excetuada a primeira fase da vida, as demais tomam o nome de ninfa.

Durante o desenvolvimento constatam-se 4 mudanças de pele até atingirem à maturidade.

A não ser enquanto fazem as mudas, as ninfas são ativas e se alimentam intensamente, possuem 4 pares de patas e se assemelham muito aos adultos.

O desenvolvimento, desde a eclosão até adulto, se processou, à temperatura de 23°,4 C. em 7 dias, em média, tendo variado de 5 a 10 dias. O ciclo completo, a partir do ovo, variou de 11 a 17 dias, realizando-se na média de 14 dias.

Os sexos são distintos na forma adulta. A fêmea é de forma quasi oval, abdomen volumoso e coloração vermelha no terço anterior e parda escura nos dois terços posteriores. Mede 0,mm370 de comprimento por 0,mm240 de largura. O macho, semelhante à fêmea, é ligeiramente menor que ela; têm o abdomen menos volumoso, afilando acentuadamente para a parte posterior, conferindo-lhe um aspecto cuneiforme.

As fêmeas antes de iniciarem a postura passam pela fase denominada pré-oviposição. Em média êsse período foi de três dias.

A longevidade das fêmeas não poude ser devidamente determinada. Ao que parece, vivem cerca de 15 dias.

De ovos colhidos em cafèzal e criados até adulto, obteve-se a seguinte proporção de sexos: 80% de fêmeas e 20% de machos. Aliás a preponderância de fêmeas é notória nas lavouras.

De ovos provindos de fêmeas não fecundadas obtiveram-se apenas machos, evidenciando haver o fenômeno denominado partenogênese.

COMBATE — O OBJETIVO PRINCIPAL

A "aranha vermelha" possue inimigos naturais, cuja ação mostrou-se insuficiente para proporcionar redução substancial da praga. Espécies de ácaros predadores, coccinelídeos e estalilinídeos foram constatados em relativa profusão nas lavouras atacadas. Não apresentam, todavia, densidade e voracidade para, por sí só, estabelecerem o contrôle biológico. Como é natural, a abundância dessas espécies se acentua conforme o incremento da praga. A maior quantidade se verifica no fim da estação, quando os danos já se pronunciaram e quando a mudança das condições motivarão, naturalmente, o declínio do ataque.

Admitir-se o aumento da praga como consequência da ação dos inseticidas, quer em função da especificidade, quer influenciando a redução dos inimigos naturais, por ocasião dos combates executados contra outras pragas, embora seja possível em muitos casos, não pode ser generalizado em virtude dos ácaros se incrementarem, também, de idêntica maneira, em lavouras onde nenhum tratamento fôra aplicado.

O que parece mais provável, em face das observações preliminares, é que as condições favoreceram sobremodo o desenvolvimento dos ácaross quebrando assim o natural equilíbrio. As condições climáticas aliadas às condições das plantas, portanto, seriam os principais responsáveis pelo surto da praga.

Deixar-se ao sabor dos meios naturais a restrição dos prejuízos, não seria medida aconselhável. Por isso, o emprêgo dos acaricidas tem posição destacada, por concorrer direta e ràpidamente para reduzir as populações.

Durante a mesma época em que se constatam as infestações dos ácaros, observam-se os ataques pronunciados do bicho mineiro, praga muito conhecida e contra a qual é generalizado o combate por meio de inseticidas. Aproveitando êsse fato, por coincidirem os períodos de tratamento, ao inseticida usado para combater o bicho mineiro, podem ser adicionados os acaricidas, passando a adquirir o produto aplicado uma ação polivalente. Resguardará essa medida a possibilidade, dada a especificidade dos inseticidas modernos, de favorecer o incremento de uma praga enquanto combate outra.

Ao BHC, empregado fluentemente para combater o bicho mineiro, sendo adicionado o enxôfre, ou os produtos fosforados, como por exemplo o parathion, obter-se-á uma mistura cujo efeito sôbre ambas as pragas certamente ressaltará. Apenas em casos isolados, de infestações de uma ou outra praga, seriam usados os produtos simples.

E' provável, que com os estudos em andamento, sejam encontrados outros acaricidas mais poderosos, uma vez que são destacados os progressos verificados nesse ramo. Até que isso se observe, porém, o

emprêgo do BHC (1,5% a 2% de isômero gama) adicionado a 0,40% de parathion ou 40% de enxôfre, capacitaria o contrôle dessa praga, nas doses de 40 quilos por mil pés, na forma de polvilhamento.

A situação dos ácaros sôbre a fôlha, bem como a teia que lhe fica aderida, concorre para facilitar o combate, pois os acaricidas os atingirão e se fixarão com maior facilidade.

E' fundamental, porém, atentar para as épocas dos tratamentos. Geralmente as aplicações são feitas tàrdiamente, quando já é grande a população da praga. Os interessados devem identificar o início do ataque. Os tratamentos são mais eficazes quando executados objetivando prevenir o aumento da praga. O combate tardio, além de mais difícil não evita mais os prejuízos.

O número de repetições estará em função dos surtos presenciados. Será sempre menor quando as aplicações visem deter a evolução da praga logo no início.

BIBLIOGRAFIA

1 — AMARAL, J. F. — 1951 — A infestação de ácaros nos cafèzais. **O Biológico**, 17:7:130.
2 — AMARAL, J. F. — 1951 — O ácaro dos cafèzais (Comunicado do I. Biológico). **Bol. da Sup. dos Serviços do Café.** 26:296:846-848.

(Do "O Biológico", n.º 12, de Dezembro, 1952)

INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFÉ

Regulamento de Embarques para a safra 1953/54

RESOLUÇÃO N.º 18, DE 15 DE JUNHO DE 1953

A Diretoria do Instituto Brasileiro do Café, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelos artigos 3.º e 27 da Lei n.º 1.779, de 22 de dezembro de 1952, resolve adotar as seguintes normas para o escoamento da safra cafeeira de 1953-54:

Art. 1.º — Os despachos de Café no interior, com destino aos portos de exportação, serão feitos livremente.

Art. 2.º — Os cafés serão encaminhados aos respectivos portos de destino, a menos que o volume dos despachos ultrapasse a capacidade de escoamento no competente mercado de exportação, caso em que serão recolhidos a Armazéns ou Reguladores dos Estados de procedência, onde aguardarão a época em que tenham de ser liberados.

Art. 3.º — Todos os cafés recebidos a despacho deverão ser transportados pelas emprêsas ferroviárias, rodoviárias, marítimas ou fluviais, ou ainda por transportadores rodoviários, dentro de trinta (30) dias, a contar da data do despacho para os portos de destino ou armazéns de retenção, de acôrdo com as instruções do Instituto Brasileiro do Café.

Art. 4.º — Os cafés destinados a portos de exportação, ou localidades que venham a ser fixadas pelo Instituto Brasileiro do Café, a serem transportados por quaisquer outros meios que não o ferroviário, estarão igualmente sujeitos à fiscalização a sua chegada ao destino. Tais cafés deverão ser recolhidos por conta do consignatário a armazéns de companhias de armazéns gerais indicados pelos Estados, as quais tenham satisfeito prévia e integralmente as condições que o Instituto Brasileiro do Café estabelecerá e, enquanto sua liberação não for autorizada, permanecerão intocáveis nos armazéns, à disposição do referido Instituto. Para os cafés de qualquer procedência, transportados por via rodoviária e destinados ao porto de Santos, êsse armazenamento se fará obrigatòriamente na Capital de São Paulo, sempre em armazéns das companhias de armazéns gerais.

§ 1.º — A fiscalização à chegada ao destino far-se-á pelos documentos emitidos pelas emprêsas transportadoras e guias ou talões de impostos ou taxas pagas aos Estados de proveniência do café, devidamente visados pelos Estados que mantêm no porto serviço oficial organizado.

§ 2.º — As companhias de armazéns gerais ficam obrigadas a comunicar, diàriamente, as quantidades dêsses cafés recebidos em seus armazéns, com tôdas as indicações necessárias e suficientes à sua identificação, ao Instituto Brasileiro do Café bem assim a fornecer a êste as respectivas amostras fiéis para fins de fiscalização e conferência no ato da liberação.

§ 3.º — As companhias de armazéns gerais que se destinarem a receber êsses cafés ficarão sujeitas à fiscalização que o Instituto Brasileiro do Café instituir.

§ 4.º — No caso de inobservância de qualquer dos dispositivos dêste Regulamento por parte de qualquer companhia de armazéns gerais, o Instituto Brasileiro do Café declarará a inidoneidade da infratora para fins de depósito de café a sua disposição.

§ 5.º — A Declaração de inidoneidade não prejudicará a aplicação de outras quaisquer penalidades previstas em leis ou regulamentos, inclusive neste.

Art. 5.º — Qualquer que seja o meio de transporte utilizado, haverá uma única ordem cronológica para os efeitos da liberação dos cafés de um Estado.

Parágrafo único — Para os cafés despachados por estrada de ferro, tomar-se-á em consideração a data do despacho e para os transportados por qualquer outro meio, a da entrada do café, no destino, no armazém da companhia de armazéns gerais, e o conseqüente registro nas Agências do I.B.C.

Art. 6.º — E' livre o transporte de café dentro do território nacional, ressalvadas as limitações de entradas nos mercados de exportação ou nas localidades que venham a ser determinadas pelo Instituto Brasileiro do Café.

Art. 7.º — As emprêsas transportadoras ficam obrigadas a remeter ao Instituto Brasileiro do Café relação das quantidades de café recebidas a despacho em cada uma de suas estações, em cada dezena de dias, discriminando:

a) a Estação de procedência, e
b) pôrto de destino.

Essa remessa deverá ser feita no máximo, até 8 (oito) dias após o encerramento da dezena respectiva.

Parágrafo único — O cancelamento de despacho destinado a porto de exportação, ou a alteração do destino primitivo, só poderá ser processado mediante prévia notificação ao Instituto Brasileiro do Café.

Art. 8.º — Os conhecimentos, Guias de Transportes e quaisquer outros documentos representativos de remessa de café para os portos de exportação estão sujeitos obrigatòriamente a registro no porto de destino.

§ 1.º — Os documentos sujeitos a registro, de que trata êste artigo, devem ser apresentados para êsse fim, ao Instituto Brasileiro do Café, dentro do prazo de 60 (sessenta) dias, a contar da data de sua emissão, sob pena de considerar-se a data do registro como a do despacho, para o efeito de liberação.

§ 2.º — O Instituto Brasileiro do Café, ao lançar nesses documentos a anotação do registro, apor-lhes-á um carimbo com os dizeres: Safra 1953-54.

Art. 9.º — Fica estabelecido o regime de cotas estaduais de liberação para todo o território nacional. A quantidade de café a ser liberada nos mercados dos portos nacionais para formação de estoques destinados à exportação será proporcional à produção de cada Estado, avaliada pelo Instituto Brasileiro do Café.

Art. 10 — Na safra 1953-54, os Estados Cafeeiros poderão liberar mensalmente nos portos de exportação as seguintes quantidades:

ESTADOS	Julho a Dezembro	Janeiro a Junho	COTA MENSAL	
			Julho a Dezembro	Janeiro a Junho
São Paulo	4.000.200	2.666.800	666.700	444.467
Paraná	2.263.800	1.509.200	377.300	251.533
Minas Gerais	2.300.000	1.380.000	383.333	230.000
Espírito Santo	1.307.750	778.250	217.958	129.708
Rio de Janeiro	281.875	169.125	46.979	28.187
Goiás	64.200	42.800	10.700	7.133

§ 1.º — As cotas de liberação dos Estados Cafeeiros não indicados no quadro supra serão atribuídas e distribuídas pelo Instituto Brasileiro do Café.

§ 2.º — As cotas mensais de liberação atribuídas a cada Estado não poderão ser antecipadas podendo, entretanto, ser recuperadas nos meses subseqüentes.

Art. 11 — Sujeitas aos reajustamentos mensais indicados pelo encaminhamento da produção aos diversos portos, conhecido através dos registros de que trata o art. 8.º e divulgado pelo Instituto Brasileiro do Café, as cotas estaduais em cada mês ficam assim distribuídas:

ESTADOS E PORTOS	Cotas Mensais	
	Julho a Dezembro	Janeiro a Junho
São Paulo:		
Santos	627.565	418.377
Rio de Janeiro	36.602	24.401
Angra dos Reis	2.533	1.689
Minas Gerais:		
Rio de Janeiro	322.498	193.499
Santos	23.805	14.283
Angra dos Reis	27.907	16.744
Vitória	9.123	5.474

ESTADOS E PORTOS	Cotas Mensais	
	Julho a Dezembro	Janeiro a Junho
Paraná:		
Paranaguá	309.952	206.634
Santos	46.219	30.813
Rio de Janeiro	21.129	14.086
Espírito Santo:		
Vitória	134.022	79.757
Rio de Janeiro	83.936	49.951
Rio de Janeiro:		
Rio de Janeiro	46.979	28.187
Goiás:		
Santos	4.166	2.777
Rio de Janeiro	4.192	2.795
Angra dos Reis	2.342	1.561

Parágrafo único — Para efeito de liberação, a ordem cronológica será respeitada com a tolerância máxima de 9 (nove) dias, dentro dos despachos efetuados na respectiva dezena de dias. Assim, em relação aos cafés despachados entre os dias 1 e 10 de um mês, a liberação poderá abranger, indistintamente, qualquer dos despachos efetuados dentro dêsse período.

Art. 12 — Os cafés despachados com a indicação de serem "Despolpados", terão encaminhamento direto aos portos de exportação, com preferência no transporte. Sua liberação, entretanto, ficará sujeita à expressa determinação do Instituto Brasileiro do Café, que a autorizará, depois de verificar que foram satisfeitos os seguintes requisitos:

a) colheita em cereja;
b) boa seca;
c) côr e torração uniformes e características;
d) tipo não inferior a 4 (quatro), em média de cada lote;
e) bebida característica.

§ 1.º — Em cada partida serão tolerados, para efeito de liberação, até 20% (vinte por cento) de chatinhos, moquinhas e miudos, desde que preencham tôdas as características supra referidas, exceto o tipo.

§ 2.º — Não gosarão de preferência na liberação os cafés macerados (colhidos secos).

§ 3.º — No caso de não preenchimento dos requisitos de que trata êste artigo e seu § 1.º os cafés serão recolhidos a armazéns de companhia de armazéns gerais, à disposição do Instituto Brasileiro do Café, por conta do consignatário e sua liberação se dará como se fôsse café comum. E o mesmo ocorrerá com os cafés macerados.

Art. 13 — As emprêsas transportadoras só poderão admitir a despacho cafés acondicionados em sacaria marcada, que evite tôda a possibilidade de confusão e concorde perfeitamente com as indicações do respectivo Conhecimento ou Guia de Transporte.

Art. 14 — As emprêsas transportadoras que emitirem conhecimentos sem o efetivo recebimento dos cafés declarados nesses documentos, sem prejuízo das sanções penais, será aplicada a multa de cinqüenta cruzeiros (Cr$ 50,00) por saca e do dôbro em caso de reincidência. Em igual penalidade incorrerão as pessoas físicas ou jurídicas coniventes na infração.

Art. 15 — A infração aos dispositivos dêste Regulamento dará lugar a imposição de multa de um cruzeiro (Cr$ 1,00) a dez cruzeiros (Cr$ 10,00) por saca de café, calculada sôbre o total da remessa a que se referir a infringência.

Art. 16 — As infrações nos dispositivos dêste Regulamento serão apuradas, nos têrmos da legislação vigente, em processos administrativos, que serão iniciados com autos de infração .

§ 1.º — Desde que contenham elementos suficientes para a caracterização das infrações a que se refiram, os autos de que trata êste artigo não serão anulados nem por falta de outros elementos nem pelo descumprimento de qualquer formalidade.

§ 2.º — Terá o autuado, para se defender, o prazo de 30 dias úteis, contado de sua ciência ou da publicação oficial do edital para sua intimação.

Art. 17 — Os despachos de café da safra de 1953-54 terão início a 1 de julho de 1953 e terminarão a 30 de abril de 1954.

Parágrafo único — A partir de 1.º de maio de 1954, nenhum transportador poderá aceitar despacho de café no interior, seja qual fôr sua procedência e destino, sem autorização expressa do I.B.C.

Rio de Janeiro, 15 de junho de 1953. — **Mário Penteado de Faria e Silva,** Presidente.

ESCOAMENTO DA SAFRA CAFEEIRA 1953/54

TRANSPORTE FERROVIÁRIO

Estando afeto a esta Superintendência dos Serviços do Café do Estado de São Paulo — segundo dispositivos de leis federais e estaduais e pela transferência — que lhe foi feita, recentemente para o escoamento da safra 1953/54, pelo Instituto Brasileiro do Café (I.B.C.), o encargo de cumprir e fazer cumprir, em todo território deste Estado, as disposições vigentes relativas aos serviços do café, tais como os do seu despacho, embarque, transporte, armazenamento e liberação após o cumprimento das exigências fiscais, bem como o da verificação do seu tipo e qualidade, conforme os casos em aprêço, levamos ao conhecimento dessa Estrada que tôdas as comunicações, avisos e autorizações, referentes a tais serviços, serão feitas por esta Superintendência, ficando desde logo estabelecidas as seguintes:

INSTRUÇÕES COMPLEMENTARES AO REGULAMENTO DE EMBARQUES E REFERENTES AOS DESPACHOS FERROVIÁRIOS COM DESTINO AOS PORTOS DE SANTOS, RIO DE JANEIRO E ANGRA DOS REIS: —

1) — O café despachado na primeira dezena de julho, deverá seguir diretamente ao destino, para a liberação dentro das quotas, salvo no caso de vir a ser pelo volume, determinado o seu recolhimento aos armazéns reguladores.

2) — O café despachado como "Despolpado" deverá seguir diretamente ao destino, qualquer que seja a dezena em que tenha sido efetuado o despacho, de acôrdo com o art°. 12°. e seus §§ do Regulamento de Embarques.

3) — Todo o café apresentado a despacho em estações situadas dentro do território do Estado de São Paulo é considerado paulista, salvo prova em contrário. Não constitue prova suficiente a simples exibição de guias fiscais emitidas por repartições de outros Estados, sem o "visto" desta Superintendência.

4) — A empilhação dos cafés nos armazéns reguladores deverá ser feita de modo a facilitar a saída, em época oportuna, pela ordem cronológica das dezenas.

5) — As segundas vias das notas de consignação, a serem enviadas a esta Superintendência, deverão contér tôdas as declarações feitas pelas estradas nos respectivos conhecimentos ferroviários. Esta exigência abrange, também, os cafés dos outros Estados, quando destinados ao Pôrto de Santos.

6) — As relações de despachos de que trata o artigo 7.° do Regulamento deverão ser enviadas simultâneamente a esta Superintendência

e ao Instituto Brasileiro do Café, cujo endereço provisório é à rua Brigadeiro Tobias n.º 258, nesta Capital, dentro do prazo de 8 dias.

7) — As alterações de destino de que trata o § único do art.º 7.º do Regulamento, bem como os cancelamentos de despachos, deverão ser prèviamente comunicados pelas partes a esta Superintendência, que transmitirá instruções às Estradas de Ferro.

8) — Os despachos de café paulista (crú, torrado e torrado-moído) para outros Estados e para pontos situados a menos de 50 quilômetros das divisas deste Estado, excluídos os portos só poderão ser efetuados mediante autorização prévia desta Superintendência.

9) — Por estarem sujeitos ao pagamento da taxa de viação devida a esta Superintendência, os cafés (crú, torrado e torrado-moído) procedentes de outros Estados e com destino a qualquer ponto do território deste, só poderão ser entregues aos consignatários mediante "visto" desta Superintendência, nos respectivos conhecimentos.

10) — Nos conhecimentos e guias de transportes deverá constar, a tinta vermelha, impresso ou a carimbo, bem visível, o número correspondente a dezena do despacho, em ordem crescente, como se exemplifica: — 1.ª-7-53; 2.ª-7-53; 3.ª-7-53; 1.ª-10-53; 2.ª-10-53; 3.ª-10-53; .. 1.ª-1-54; e 3.ª-3-54.

11) — Afim de uniformizar os elementos de contrôle estatísticos, a saca de café recebida a despacho deverá ser aceita com o pêso único de 60,5.

12) — As exigências fiscais relativas ao Estado de São Paulo, de acôrdo com os Decretos nrs. 18.504 de 18-2-49 e 20.733 de 30-8-51, são as referentes aos impostos sôbre vendas e consignações" e do sêlo "Ad-valorem".

Assim, as Estradas de Ferro deverão exigir e arrecadar no áto de despachos de cafés para outros Estados, as segundas vias de Nota Fiscal, ou do documento de Simples Remessa do produtor, e a guia de remessa (Modêlo -1- da Secretaria da Fazenda) todos devidamente visados pelo Pôsto Fiscal da Secretaria da Fazenda, do local ou localidade mais próxima. Na Capital, o "visto" exigido será o da 1.ª Inspetoria Fiscal rua Brigadeiro Tobias n.º 251, 1.º andar.

13) — As Notas e Guias arrecadadas, de acôrdo com o item 12) deverão ser enviadas à Superintendência dos Serviços do Café, juntamente com as segundas vias das Notas e Consignações, item 4) até dez dias após o termino de cada dezena.

14) — A verificação de tipo e qualidade do café, será feita no destino, ou onde fôr julgado conveniente pela S.S.C..

São Paulo, 30 de junho de 1953

MILTON DE AZEVEDO NOGUEIRA
Chefe do Depart.º de Fiscalização — Subst.º

PEDRO DE SIQUEIRA CAMPOS
Gerente

ESCOAMENTO DA SAFRA CAFEEIRA 1953/54

TRANSPORTE RODOVIÁRIO

Estando afeto a esta Superintendência dos Serviços do Café do Estado de São Paulo — segundo dispositivos de leis federais e estaduais e pela transferência — que lhe foi feita, recentemente para o escoamento da safra 1953/54, pelo Instituto Brasileiro do Café (I.B.C.), o encargo de cumprir e fazer cumprir, em todo território deste Estado, as disposições vigentes relativas aos serviços do café, tais como os do seu despacho, embarque, transporte, armazenamento e liberação após o cumprimento das exigências fiscais, bem como o da verificação do seu tipo e qualidade, conforme os casos em aprêço, levamos ao conhecimento dessa Companhia que tôdas as comunicações, avisos e autorizações, referentes a tais serviços, serão feitas por esta Superintendência dos Serviços do Café, ficando desde logo estabelecidas as seguintes:

INSTRUÇÕES COMPLEMENTARES AO REGULAMENTO DE EMBARQUES E REFERENTES AOS DESPACHOS RODOVIÁRIOS COM DESTINO AOS PORTOS DE SANTOS, RIO DE JANEIRO E ANGRA DOS REIS: —

1) — O café transportado pelas rodovias do Estado de São Paulo, com destino ao pôrto de Santos, e o café paulista com destino aos portos do Rio de Janeiro e de Angra dos Reis, na primeira dezena de julho, deverão obedecer à seguinte orientação:

a) os caminhões carregados com café deverão, obrigatòriamente passar pelo Pôsto Fiscal da S.S.C., na rua Monsenhor Andrade n.º 746, acompanhados da documentação fiscal relativa aos impostos devidos ao Estado, onde será verificado o tipo e qualidade do café;

b) após essa verificação e aposição do "visto" pelo fiscal, deverá o transportador do café paulista apresentar essa documentação à rua Brigadeiro Tobias n.º 251 — 1.º andar, 1.ª Inspetoria Fiscal da Capital — para verificação de quitação dos impostos, e obtenção do correspondente "visto";

c) após essas providências deverá dirigir-se ao Largo da Misericórdia n.º 24 — 5.º andar — para o pagamento da taxa de viação e obtenção da "Guia de Trânsito" para o seguimento do café ao destino;

d) a documentação referida deverá ser apresentada nos Postos de Fiscalização da Via Anchieta e da Presidente Dutra;

2) — De acôrdo com o art.º 4.º do Regulamento de Embarques, para o encaminhamento ao pôrto do Rio de Janeiro e de Angra dos Reis, prevalecerá a orientação do item 1) para todo o período da safra 53/54, devendo o café ser encaminhado obrigatòriamente às Companhias de Armazéns Gerais, devidamente indicadas.

3) — Para o encaminhamento ao pôrto de Santos, prevalecerá a orientação do item 1), até que surja a necessidade de retenção.

4) — Ainda de acôrdo com o art.º 4.º do Regulamento de Embarques, a retenção dos cafés destinados a Santos deverá ser feita nesta Capital, em Armazéns Gerais indicados por esta S.S.C.

5) — Os Armazéns Gerais, depositários de cafés despachados, por via rodoviária, com destino a Santos, deverão obedecer às seguintes instruções:

a) facilitar a fiscalização dos tipos e qualidades, no ato da entrada do café nos armazéns;
b) comunicar imediatamente ao Departamento de Fiscalização da S.S.C., com todos os característicos do lote despachado, inclusive enviar amostras, para fins de contrôle e registro, arts. 4.º e seus §§, 7.º e 8.º do Regulamento de Embarques;
c) a empilhação deverá ser feita de maneira a facilitar a saída pela ordem cronológica do embarque;
d) a S.S.C. comunicará às Companhias a quota diária de liberação que couber aos cafés nelas armazenados;
e) com a necessária antecedência as Companhias providenciarão o recolhimento da taxa de viação, na base de Cr$ 5,90 para cada saca de 60,5 quilos, indicando nesse ato e por escrito a Companhia Transportadora, número do caminhão, e nome do motorista; após o que será expedida a Guia de Trânsito, dentro da quota atribuida e mediante o "visto" a que se refere o item 1), alínea **b**;
f) a guia de trânsito deverá ser utilizada no seu prazo de validade (três dias), considerando-se caduca após o referido prazo, devendo ser devolvida para revalidação, sendo esta sòmente providenciada no fim da entrada da dezena a que se referir;
g) em cada Companhia haverá um fiscal permanente, no horário regulamentar do seu funcionamento, ao qual será facilitada tôda a fiscalização que fôr julgada necessária;
h) nenhum café poderá saír do armazém com destino ao pôrto, sem assistência do fiscal que, após conferir a quantidade de sacas, marca, etc..., aporá seu "visto" na Guia de Trânsito correspondente.

6) A guia de trânsito será emitida em quatro vias, devendo o original acompanhar a remessa para ser exibida obrigatòriamente, nos Postos de Fiscalização, para a necessária fiscalização conferência e visto, sendo lavrado o competente Auto, nos casos de infração de dispositivos regulamentares.

7) O horário de passagem no Pôsto será das 8 às 17 horas, nos dias úteis, devendo o transportador facilitar as conferências que forem determinadas pela S.S.C. ou I.B.C., retendo-se o caminhão nos casos de desobediência.

São Paulo, 30 de junho de 1953

MILTON DE AZEVEDO NOGUEIRA
Chefe do Depart.º de Fiscalização — Subst.º

PEDRO DE SIQUEIRA CAMPOS
Gerente

A ECONOMIA DO PARANÁ CONSEQUENTE A SUA PRODUÇÃO CAFEEIRA

No Rotary Club do Rio de Janeiro o governador Munhoz da Rocha teve oportunidade de fazer uma palestra abordando diversos pontos da atualidade social e econômica do Paraná. Dentre outras coisas, disse o chefe do Executivo paranàense que o café mudou a paisagem econômica e humano do seu Estado. Estado de estrutura nìtidamente extrativa, tendo na madeira a base de sua economia, juntamente com a erva-mate, que lhe proporcionava o desenvolvimento do interior e algum progresso metropolitano, em poucos anos a rubiácea mudava, inteiramente, o rumo dos acontecimentos. O café que, em 25-26, representava apenas 1,2 por cento da produção paranàense, passou, em 52-53, para 30 por cento. O surto cafeeiro — disse — é, em grande parte, fruto da experiência dos fazendeiros paulistas e mineiros que, nestes últimos 25 anos, vêm povoando, em grande parte, o Paraná. Nas estatísticas de 1950, aparece aquele Estado com 32 por cento de sua população formada por elementos de outros Estados. Só de paulistas tinha ele, naquela época, 352 mil; mineiros, 156 mil; catarinenses, 63 mil e gauchos 35 mil, números estes de há muito superados, pois foi a partir desta época, que começou, mais forte, a imigração sulina para o Paraná. Mais adiante, disse o governador paranàense que o café, que, habitualmente, expulsa os outros produtos, não repetirá no Paraná o que havia feito no Estado de São Paulo. Alí há uma grande diferença de climas, de maneira que a zona do café está bem limitada, não perturbando, assim, a vida de outras zonas, onde outras culturas podem ser perfeitamente desenvolvidas, como vem acontecendo. Trata, também, da localização de alemães e holandezes, no Paraná, dizendo que as suas colônias vêm progredindo, extraordinàriamente, graças à boa localização de climas e transportes, que tem sido colocados. Também os imigrantes nacionais, particularmente os nordestinos, têm se sentido à vontade, no Paraná, pois o seu govêrno não tem poupado esforços para lhes dar a impressão de que não estão fora da terra natal. Refere-se, também, às estradas de rodagem, que vêm sendo uma das maiores preocupações de seu govêrno, dizendo que, só êste ano, o orçamento consigna uma verba de Cr$ 481.000.000,00 para rodovias, sendo o seu Estado um dos que mais recursos reservam para essa finalidade, 15 por cento, conforme a Constituição Estadual. Por outro lado, vem sendo feito o asfaltamento, em grande escala, nas rodovias tronco e da maior importância para o seu Estado. Trata — ainda o governador, da energia elétrica, dizendo que seu govêrno está dando duas soluções: no Norte, com usinas termo-elétricas, aproveitando as riquíssimas jazidas de carvão mineral alí existentes; no Sul, com centrais hidroelétricas, aproveitando todo o potencial do sistema Cachoeira-Capivari.

O café visto nos Estados Unidos

N.º 826 CARTA SEMANAL DO MERCADO 1.º de Maio de 1953

SITUAÇÃO GERAL: Os índices dos principais mercados mostraram maior estabilidade durante a semana em revista. Os analistas pensam, agora, que possivelmente as oscilações na Bolsa de Valores teriam já chegado ao fim do seu movimento baixista o qual, como se sabe, começou com os primeiros rumores de paz na Coréia em Março último. O melhor ambiente no mercado é devido ao fato de que nem o orçamento federal para o próximo ano fiscal, que o Govêrno está atualmente considerando, nem o nível da atividade industrial e comercial faz antever qualquer contração séria nos negócios como resultado quer da redução nas despesas do Estado quer da menor atividade econômica.

Com efeito, a prova de que qualquer pessimismo sôbre o futuro econômico do país é prematuro está no fato de que a análise das operações de 336 emprêsas que já prestaram contas para o primeiro trimestre, mostra que seu lucro líquido foi de 10% acima da cifra correspondente ao mesmo período do ano passado.

Quanto ao mercado de produtos agrícolas domésticos, os economistas esperam doravante que os preços nesse mercado oscilem dentro de margens maiores que durante o mês de Abril, de vez que esse índice vae sentir os efeitos das novas safras tal como costuma ocorrer no período Maio-Julho de cada ano.

Por outro lado, o volume de vendas no varejo continua bom, pois os dados hoje divulgados pelo Federal Reserve Board mostram que as vendas nos grandes armazéns desde o 1.º do ano até 25 de Abril último, acusam um aumento de 7% sôbre o volume para o mesmo período do ano passado.

MERCADO DE CAFÉ: Durante a semana em aprêço este mercado deu sinais de maior estabilidade, de vez que os preços quer para o grão quer no têrmo local oscilaram dentro de margens mais estreitas. Por outro lado, comenta-se nesta praça sôbre o fato de que os varejistas devem estar no fim de seus suprimentos, acumulados antes da alta dos preços, e que portanto os torradores deverão, em breve, começar a receber novos pedidos. Quando isso suceder, haverá naturalmente maior procura para o café cru por parte dos torradores e esse fato contribuirá para dar maior firmeza ao produto.

O ambiente de maior estabilidade, acima referido, fez porém limitar a atividade na Bolsa de Café local pois, como é natural, os operadores alí querem saber primeiro se a nova fase do mercado vae ser ou não duradoura. Outro fator que também contribuiu para reduzir a atividade no têrmo local foi o rumor que circulou aqui sôbre a possível desvalorização do cruzeiro. Esse rumor coincidiu com a divulgação da notícia sôbre o empréstimo ao Brasil de 300.000.000 de dólares.

No Contrato "S" da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York foram sòmente negociados 382 lotes em comparação com 835 na semana anterior. As cotações mostraram querer reagir contra o movimento baixista e assim, para a semana, as perdas foram apenas de 5 a 25 pontos segundo a posição. A posição aberta não sofreu alteração e, para esta manhã, era de 2.152 lotes pendentes de entrega em comparação com 2.150 na sexta-feira passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Depois de baixar inicialmente durante a semana, os preços no mercado físico do produto melhoraram. Os cafés brasileiros demonstraram maior firmeza com o Santos 4 FOB a 53c/. Os colombianos também tiveram melhor mercado à razão de 55.25c/ para os disponíveis e sôbre água e 55c/ para os Mams.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais — Destinos Principais: Europa	Outros	Total
BRASIL*	25-4-1953	116.000	59.000	14.000	189.000
	18-4-1953	195.000	18.000	25.000	238.000
	26-4-1952	87.000	39.000	12.000	138.000
COLÔMBIA**	25-4-1953	125.379	2.837	10.801	139.017
	18-4-1953	195.329	12.463	6.883	214.675
	26-4-1952	46.498	10.780	10.006	67.284

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas findas em:		
	Portos	25-4-1953	18-4-1953	26-4-1952
BRASIL*	Santos	1.888.000	1.813.000	1.841.000
	Rio	146.000	162.000	673.000
	Vitória	58.000	53.000	72.000
	Paranaguá	a 1.218.000	b 1.274.000	c 501.000
	Pernambuco	8.000	10.000	8.000
	Bahia	15.000	20.000	13.000
	Angra dos Reis	11.000	11.000	23.000
	Total	**3.344.000**	**3.361.000**	**3.131.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	110.002	122.366	175.311
	Cartagena	37.830	38.844	102.306
	Buenaventura	105.986	149.448	78.641
	Cucuta	123.408	128.717	103.304
	Total	**377.226**	**439.375**	**459.562**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK *

	Países de origem (sacas de pesos diferentes)			
Semana de:	**Brasil**	**Colômbia**	**Outros**	**Total**
25-4-1953	87.761	122.813	105.346	315.920
18-4-1953	86.430	102.099	77.964	266.493
26-4-1952	221.502	125.503	188.781	535.786

ESTOQUES DE CAFÉ NO INTERIOR DE SÃO PAULO *

Safra	Março 1953	Fev. 1953	Março 1952
1950-51	—	—	1.000
1951-52	2.000	2.000	1.790.000
1952-53	1.654.000	2.187	—
	1.656.000	**2.189.000**	**1.791.000**

Despachos por estrada de ferro durante 1 de Julho de 1952 a 31 de Março, 1953 para:

Santos	6.777.000
Rio	397.000
Angra dos Reis	25.000
Outros %	721.000
Total	**7.920.000**

---

*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York
**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
a) das quais 751.000 liberadas e 467.000 por liberar.
b) das quais 813.000 liberadas e 461.000 por liberar.
c) das quais 499.000 liberadas e 3.000 por liberar.
%) inclue sacas de Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

N.º 18 O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 1.º de Maio de 1953

PRODUÇÃO MUNDIAL DE CAFÉ EXPORTAVEL: A produção mundial exportável para 1952-53, baseada em estimativas ainda preliminares, foi calculada em 31.444.052 sacas, cifra que representa um aumento de 1.462.284 sacas (ou sejam uns 4,8%) relativamente à produção exportável de 1951-52. A estimativa de George Gordom Paton sôbre a safra brasileira basea-se nas quantidades que se espera sejam registradas menos umas 889.000 sacas para o consumo nos portos e cabotagem.

Desde a publicação da primeira estimativa, no princípio do ano, os cálculos relativos à produção angolana bem como no Congo Belga e Etiopia foram reduzidos ao passo que as primeiras estimativas sôbre a produção nas colónias francesas de África bem como Madagascar, Venezuela, Peru e Brasil tiveram que ser aumentadas. A seguir apresenta-se um quadro comparativo dessa produção, em sacas de 60 quilos:

	1951-1952		1952-1953	
Brasil		14.120.382		14.680.000
Colômbia		5.099.138		5.300.000
O Salvador	944.382		1.150.000	
Guatemala	996.546		1.050.000	
México	813.636		930.000	
Venezuela	378.000		590.000	
Haití	522.017		440.000	
República Dominicana	394.582		350.000	
Costa Rica	305.000		376.000	
Nicarágua	295.020		265.000	
Equador	175.000		300.000	
Honduras	134.000		125.000	
Peru	33.406		35.000	
Hawaii	62.246		35.031	
Jamaica, Trinidad, Guadalupe	28.950		30.000	
Surinam	5.200	5.087.985	5.000	5.681.031

Angola	915.650		800.000	
Kenya	270.976		191.087	
Uganda	646.585		700.000	
Tanganyika	276.571		230.000	
Congo Belga	586.000		515.000	
Madagascar	462.583		625.000	
Outras colonias francesas	1.480.000		1.625.000	
Outros países *	1.071.898	5.710.263	1.096.934	5.783.021
TOTAIS		**30.017.768**		**31.444.052**

*) Inclue: Etiópia, África espanhola, Indonésia, Arábia, Índia e outros.

EUROPA

Alemanha: Os exportadores e banqueiros alemães são de opinião de que seu país terá que fazer enormes esforços, durante o corrente ano, no sentido de manter sua posição comercial com a América Latina. Fora do fator qualidade os alemães não crêem ter nenhuma outra vantagem sôbre os seus concorrentes naquele mercado, pois não podem oferecer nem melhores créditos, nem embarques mais rápidos e nem tampouco preços melhores.

A Alemanha está vendendo atualmente uns 50% mais do que vendia antes da guerra, mas os Estados Unidos, Inglaterra e França têm multiplicado seus embarques para alí em sete, seis e dois e meio mais, respectivamente. O quadro seguinte mostra as cifras correspondentes aos períodos da pre-guerra e após-guerra. Essas cifras representam a percentagem que coube à Alemanha no total das importações das várias nações latino-americanas:

Países	**1938**	**1951**
Agentina	10,2%	6,1%
Brasil	25	5,6
Chile	26,2	5,1
Colômbia	16,9	8,2
Guatemala	38,1	4,7
México	19,1	1,9
Peru	18,6	4,8
Uruguai	14,6	6,7
Venezuela	11,5	4,2

As exportações alemãs para a América Latina têm permanecido, quanto às percentagens totais, ao mesmo nível de antes da guerra (uns 10,8% do total em 1936; uns 10,8% em 1951 e uns 10,2% em 1952). Nas importações, porém, nota-se uma redução que vai até 12,7% (do total das importações) em 1936 a 9,5% em 1951 e a 8,7% em 1952. Ac razões que explicam êste desequilibrio entre as exportações para a América Latina e as importações dêsses países, bem como as dificuldades que existem para equilibrar êsse movimento, são atribuidas aos preços de apôio impostos pelos vários governos latinos-americanos que têm posto muitos produtos agrícolas e matérias primas fora do mercado e também ao alto imposto da Alemanha sôbre o café o qual tem reduzido o consumo dêsse produto naquele país em 38% do que era antes da guerra. Pensa-se nos círculos comerciais alemães que para aumentar suas compras na América Latina e não reduzir as exportações alemãs para aqueles países, aqueles problemas têm que ser solucionados. (Do boletim do Foreign Trade Council, Inc., de 21 de Abril de 1953).

N.º 827 CARTA SEMANAL DO MERCADO DO CAFÉ 8 de Maio de 1953

SITUAÇÃO GERAL: A semana decorreu sem acontecimentos de consequência no campo econômico. O índice da bolsa de valores mostrou flutuações insignificantes e os peritos financeiros esperam, aliás, melhores preços no futuro distante muito embora admitam a possibilidade de uma baixa passageira na hipótese de se concluir a paz na Coréia. Os mercados de matérias primas, utilidades e sobretudo o de produtos agrícolas domésticos, estiveram sob pressão devido à presença de substanciais estoques e às perspectivas de safras abundantes.

Dados ontem divulgados pelo Departamento de Comércio dos Estados Unidos mostram um bom volume de vendas no varejo durante o primeiro trimestre do ano. Segundo essas cifras oficiais, o nível da renda individual durante os três primeiros meses equivale, na base anual, a 287.000 milhões de dólares, o que corresponde a uma subida de uns 7% em comparação com o nível correspondente ao primeiro trimestre do ano passado. O Departamento de Comércio também informa que o número total de empregados registrou um aumento de dois milhões. Como é natural, êsses dados servem para explicar a confiança e otimismo prevalecentes relativamente às perspectivas para o resto do ano.

MERCADO DE CAFÉ: A estabilidade do mercado durante a semana passada e os primeiros dias da presente, sofreu uma interrupção na quarta-feira e ontem devido ao fato de que os preços aos quais o Exército comprou o café na quarta-feira foram considerados aqui como baixos. Consequentemente, tanto no mercado físico como no têrmo as cotações mostraram certa debilidade e êsse fato também contribuiu para que os torradores continuassem afastados do mercado. Diz-se na praça que a atividade continuou limitada mas que se expandirá, possìvelmente antes do fim do mês quando ao que se pensa os varejistas terão que voltar a fazer compras.

Na Bolsa de Café e Açúcar desta cidade, o Contrato "S" registrou apenas um total de 343 lotes negociados ao passo que para o fim da sessão de ontem as cotações acusavam perdas de 30 a 39 pontos, com excepção da posição imediata de Maio onde houve um ganho de 5 pontos. Esta manhã, depois de abrir com ligeiras baixas, as cotações ganharam terreno e no momento de escrevermos esta CARTA os preços estão 10 a 25 pontos acima dos níveis finais de ontem. O número total de lotes pendentes de entrega acusa esta manhã uma redução de 21 lotes para a semana. Êsse total é agora de 2.131 lotes.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: A reação que se observa na Bolsa de Café local também fez-se sentir no mercado físico do produto. As cotações para o Santos 4 é agora de 52,75/c a 53/c FOB. Os Excelsos Colombianos também mostram melhoria nos respectivos níveis, os quais são agora de 55,50/c para disponíveis, sôbre água e embarque imediato.

EXPORTAÇÃO DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais — Destinos Principais: Europa	Outros	Total
BRASIL*	2-5-1953	95.000	112.000	28.000	235.000
	25-4-1953	116.000	59.000	14.000	189.000
	3-5-1952	86.000	56.000	14.000	156.000

COLÔMBIA**	2-5-1953	60.625	1.468	5.590	67.683
	25-4-1953	125.379	2.837	10.801	139.017
	3-5-1952	81.120	8.038	2.261	91.419

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	**2-5-1953**	**25-3-1953**	**3-5-1952**
BRASIL*	Santos	1.856.000	1.888.000	1.845.000
	Rio	103.000	146.000	700.000
	Vitória	60.000	58.000	71.000
	Paranaguá	a 1.208.000	b 1.218.000	c 467.000
	Pernambuco	9.000	8.000	11.000
	Bahia	15.000	15.000	13.000
	Angra dos Reis	11.000	11.000	27.000
	Total	**3.262.000**	**3.344.000**	**3.134.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	130.089	110.002	171.281
	Cartagena	35.506	37.830	104.369
	Buenaventura	123.634	105.986	60.615
	Cucuta	123.202	123.408	105.739
	Total	**412.431**	**377.226**	**442.004**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK *

	Países de origem (sacas de pesos diferentes)			
Semana de:	**Brasil**	**Colômbia**	**Outros**	**Total**
2-5-1953	71.771	130.202	116.811	318.784
25-4-1953	87.761	122.813	105.346	315.920
3-5-1952	215.093	122.798	186.549	524.440

*) dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
**) dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
a) das quais 708.000 liberadas e 500.000 por liberar.
b) das quais 751.000 liberadas e 467.000 por liberar.
c) das quais 467.000 liberadas.

N.º 19 — O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA — 8 de Maio de 1953

PAÍSES PRODUTORES

Brasil: Da revista local "Coffee and Tea", edição de Abril último, reproduz-se a seguinte nota: "A 11 de Novembro dêste ano será inaugurado na cidade de Curitiba, capital do Estado de Paraná, o Primeiro Congresso Mundial de Café, no qual estarão representados elementos pertencentes a todos os ramos da indústria. Os primeiros quatro dias do Congresso serão dedicados a assuntos prepara-

tórios e terão relação com todos os problemas cafeeiros do Brasil. O programa dos cinco dias seguintes incluirá assuntos de carater internacional. A 19 de Dezembro, data do centenário do Estado de Paraná, será inaugurada uma Exposição Internacional do Café em Curitiba. Essa exposição ocupará 11 edifícios e oferecerá dados atuais sôbre o progresso do café como bebida por todo o mundo."

ESTADOS UNIDOS

A Lexicografia do Café: Da mesma revista reproduz-se o seguinte: "Um dos lexicógrafos mais proeminentes do país respondeu a uma pergunta que está preocupando as donas de casa: Como chamar uma reunião durante a qual se serve café? O Sr. Clarence L. Barnahrt, diretor do Thorndike-Barnhart Comprehensive Desk Dicionary, diz que a resposta lógica a essa pergunta deveria ser assim: "CAFÉ: uma reunião social, com frequência pela manhã, durante a qual se serve café". O Sr. Barnhart disse que foi decidido incluir tal definição no dicionário depois de um estudo da imprensa dos Estados Unidos realizado pelo pessoal da sua empresa durante vários meses. "Os dicionários não inventam palavras — explicou o Sr. Barnhart — as palavras que entram num dicionário têm primeiro que fornecer provas de que têm estado em uso comum. Nosso pessoal estudou recortes de jornais de 43 Estados, os quais continham alusões como as seguintes: "foi oferecido um café"..., "um café de carater informal está planeado..." etc. Pareceu-me impossível não tomar em coideração, para os efeitos da publicação do dicionário, do novo sentido social da palavra "café".

"Segundo o Sr. Barnahrt, a definição de "chá" como reunião social foi feita por Jonathan Swift em 1738. Nesse tempo, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos a única bebida não alcoólica que se adaptava às reuniões sociais, era o chá e portanto o uso dessa palavra para designar tais reuniões era apropriado. Embora na Inglaterra "chá" continue sendo usada em tais casos, não sucede o mesmo nos Estados Unidos. Hoje a bebida não alcoólica que mais se usa nas reuniões sociais neste país é o café."

EUROPA

Inglaterra: As importações de café feitas por êste país no mês de Março atingiram 61.543 sacas de café cru. Durante os dois meses anteriores de Janeiro e Fevereiro as importações foram de 83.583 sacas e 47.013 sacas respectivamente. Registrou-se uma diminuição de uns 21% nas importanções do primeiro trimestre do ano em comparação com as importações do período correspondente de 1952. As importações de Janeiro-Março de 1952 foram de 242.806 sacas, ao passo que as importações de Janeiro-Março de 1953 foram ùnicamente de 192.233 sacas.

Os países exportadores foram os mesmos do ano anterior, ou sejam, pela sua ordem de importância: Kenya, Uganda, Brasil, Congo Belga, Tanganyika, Holanda, Jamaica, Peru, Angola, Etiópia e Portugal.

N.º 828 CARTA SEMANAL DO MERCADO DO CAFÉ 15 de Maio de 1953

SITUAÇÃO GERAL: Ao passo que a economia do país continuou no seu rítmo de grande atividade que a tem caracterizado desde há muito tempo, o movimento dos índices durante a semana em revista foi afetado, quase exclusi-

vamente, pelas notícias referentes à situação política internacional que tendem a indicar aliás que a solução da presente tensão não está tão próxima como parecia ainda há poucos dias. Embora em pequena escala, houve altas nos últimos dias da semana tanto no mercado de valores como no de utilidades, que refletem a influência fundamentalmente inflacionista predominante nos demais países do mundo como resultado do ambiente incerto do após guerra.

Entrementes, o nível "record" da renda individual continua tendo efeitos vantajosos sôbre as vendas no varejo, as quais durante a semana finda a 9 do corrente foram superiores em 5% ao volume de vendas da mesma semana do ano passado.

CONVENÇÃO ANUAL DA PACIFIC COAST COFFEE ASSOCIATION: Durante a semana em apreço teve lugar na Califórnia a Convenção Anual da Pacific Coast Coffee Association. O Sr. Horacio Cintra-Leite, Delegado do Brasil e presidente da Junta Executiva do Bureau Pan-Americano do Café, que assistiu a essa reunião em nome dos países associados ao Bureau, aproveitou a oportunidade para advertir aos torradores alí reunidos de que a recente campanha de críticismos ao café em diversas regiões do país pode tornar-se extremamente prejudicial para a indústria cafeeira tanto aqui como nos países produtores, se a mesma não for atacada com um programa informativo sôbre o produto. Em sua opinião, disse o Sr. Cintra-Leite, uma boa parte dessas críticas ao café é devida quer a informações erradas quer a uma completa ausência de conhecimentos sôbre o assunto, mas que essa circunstância não tornava tais críticas menos prejudiciais aos interêsses dos torradores e aos dos países associados ao Bureau que exportam para aqui 91% do café consumido nos Estados Unidos. O Sr. Cintra-Leite realçou o fato de que essas críticas poderiam ter fim se o público norte-americano fôsse adequadamente informado sôbre todos os fatos relacionados com o café. Depois de fazer comentários sôbre o café e de realçar a importância que o produto tem para êste hemisfério, o Sr. Cintra-Leite concluiu com a seguinte advertência: "Da pobreza e miséria humanas nascem os sistemas totalitários e uma indústria internacional de café sã é a inimiga de ambos."

MERCADO DE CAFÉ: A debilidade anotada pelo mercado na quarta-feira e quinta-feira da semana anterior foi apenas passageira e durante a semana em aprêço o ambiente do mercado melhorou notàvelmente com o regresso dos torradores à praça. Houve pronunciado aumento na atividade do mercado e a procura dos torradores contribuiu para a maior firmeza dos preços.

De momento o interêsse dos torradores concentrou-se sobretudo no mercado físico do produto. No têrmo local o volume de operações no Contrato "S" foi mais ou menos o mesmo da semana anterior. Mas para o fim da sessão de ontem, as cotações registravam ganhos de 80 a 97 pontos segundo as posições. Essa firmeza obrigou os especuladores a fazer operações de cobertura e por esse motivo a posição aberta diminuiu sensìvelmente, de 2.131 lotes na sexta-feira para 2.062 esta manhã.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Segundo se vê no quadro anexo de cotações do mercado de disponíveis, os ganhos conseguidos durante a semana são substanciais, flutuando na sua maioria entre 50 e 100 pontos, segundo a procedência. Relativamente aos cafés para embarque, a nova firmeza não é tão notável. Depois de baixar inicialmente durante a semana, a cotação FOB para o Santos 4 está outra

vez ao nível de 52,75c/ para cima. Os Excelsos Colombianos para embarque imediato e para embarque Junho-Julho diz-se que foram negociados até 56c/, na base ex-doca Nova York.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais — Destinos Principais — Europa	Outros	Total
BRASIL*	9-5-1953	79.000	66.000	55.000	200.000
	2-5-1953	95.000	112.000	28.000	235.000
	10-5-1952	80.000	109.000	15.000	204.000
COLÔMBIA**	9-5-1953				
	2-5-1953	60.625	1.468	5,590	67.683
	10-5-1952	48.752	4.357	—-	53.109
	Dados Mensais				
BRASIL*	Abril, 1953***	526.000	335.000	138.000	999.000
	Março, 1953	776.000	468.000	130.000	1.374.000
	Abril, 1952	626.000	278.000	111.000	1.015.000
COLÔMBIA**	Abril, 1953	501.329	50.488	25.235	577.052
	Março, 1953	488.734	37.418	15.316	541.468
	Abril, 1952	292.380	77.458	14.908	384.746

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 9-5-1953	2-5-1953	10-5-1952
BRASIL*	Santos	1.934.000	1.856.000	1.804.000
	Rio	113.000	103.000	682.000
	Vitória	52.000	60.000	58.000
	Paranaguá	1.165.000 a	1.208.000 b	431.000 c
	Pernambuco	8.000	9.000	9.000
	Bahia	15.000	15.000	12.000
	Angra dos Reis	11.000	11.000	23.000
	TOTAL	**3.298.000**	**3.262.000**	**3.019.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla		130.089	180.185
	Cartagena		35.506	105.127
	Buenaventura		123.634	68.466
	Cucuta		123.202	108.835
	TOTAL		**412.431**	**462.613**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*

	Países de origem (sacas de pesos diferentes)			
Semana de:	**Brasil**	**Colômbia**	**Outros**	**Total**
9-5-1953	79.556	141.212	124.565	345.333
2-5-1953	71.771	130.202	116.811	318.784
10-5-1952	201.365	121.068	188.369	510.802

---

*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
***) Dados preliminares sujeitos a retificação
a) das quais 655.000 liberadas e 510.000 por liberar
b) das quais 708.000 liberadas e 500.000 por liberar
c) tôdas liberadas.

N.° 20 — O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA — 15 de Maio de 1953

PAÍSES PRODUTORES

Brasil: Da revista local "Tea and Coffee", edição de Abril último, reproduz-se a seguinte nota: "Tem sido alvo de grande publicidade nos últimos dias o interêsse dos lavradores paulistas nas terras do Paraguay para fins da cultura de café. Segundo um artigo recentemente publicado, um lavrador paulista, Sr. Geremia Lunardelli, comprou já uns 200.000 hectares de terra no nordeste de Paraguay, onde já tem uma estação experimental na qual espera semear para cima de .... 100.000 árvores até ao fim do ano.

"Esse movimento de expansão da indústria cafeeira brasileira para o Paraguai foi estimulado pelo alto preço das terras adequadas no Brasil para a cultura do café. O lavrador brasileiro prefere desbravar terra virgem onde encontra condições ideais de cultura do que restaurar a fertilidade das terras exaustas, devido ao elevado custo dos fertilizantes e à dificuldade que há de importar os utensílios necessários para a irrigação, etc.

"As possibilidades de desenvolver novas regiões cafeeiras no Brasil são cada vez mais escassas. A zona de geadas nos Estados de São Paulo e Paraná impedem o progresso da indústria para o sul. O movimento de avanço para o Oeste já chegou ao Rio Paraná, na fronteira com o Paraguai. A expansão para o Norte, para os estados de Goiás e Mato Grosso apresenta limitadas possibilidades. As condições em Goiás não são ideais devido à falta de chuvas e à prolongada sêca nos meses de inverno. As bôas terras no Estado de Mato Grosso são, em geral, demasiado baixas para a cafeicultura. Existem no Paraguai terras ideais para a cultura do produto, principalmente nas regiões de Azambay e Caaguazu, entre os paralelos 22 e 24. A região apropriada para esta cultura vae desde a fronteira com o Brasil numa distância de 50 quilômetros no interior e 200 quilômetros para o sul".

FEDECAME

Convenção de Havana: Da revista "Cafetal" reproduz-se a seguinte nota sôbre a VI Assembléia Geral Ordinária e a VII Conferência Técnica que realizou recentemente em Havana a Federação Cafeeira Centro América, México El Caribe:

Acôrdo N.º 1 da Comissão Econômica: Primeiro — Aos govêrnos dos países federados cabe a responsabilidade de criar condições favoráveis para o incremento da produção de café; principalmente o estabelecimento de crédito a longo prazo para a reconstrução, renovação e plantação de árvores novas; assistência técnica por parte dos ministérios de agricultura ou organismos correspondentes, com o fim de ilustrar ao cafeicultor os sistemas mais eficazes de cultura e control de doenças e pestes do café. . .

"Acôrdo N.º 3 da Comissão Econômica: Recomendar à FEDECAME e às entidades associadas à mesma para que façam demarches no sentido de que os países produtores de café, ao fazer acôrdos de comércio em geral com os países consumidores de café, incluam nesses tratados, sempre que venha a-propósito, disposições para a proteção da palavra "café", determinando que a mesma palavra seja empregada nos referidos países consumidores, exclusiva e principalmente para designar o grão de café ou a infusão ou outra qualquer forma de consumo em que o mesmo seja preparado em estado de absoluta pureza, ficando proibido seu emprego para cobrir sucedâneos, imitações ou misturas, mesmo que nessas misturas entre em maior ou menor proporção o produto legítimo. . . ."

ESTADOS UNIDOS

Cafés Solúveis: Da revista de classe "Independent Grocer", de 1.º do corrente, reproduz-se a seguinte nota sôbre as vendas no varejo de cafés solúveis: "De todo o café que se vende nos estabelecimentos públicos, o café solúvel representa uns 18% aproximadamente. Embora existam agora umas 45 marcas de cafés solúveis no mercado, as cinco principais marcas abrangem 90% dos negócios, possìvelmente por terem sido essas marcas as primeiras que apareceram no mercado".

N.º 829 CARTA SEMANAL DO MERCADO 22 de Maio de 1953

SITUAÇÃO GERAL: Durante a semana em aprêço os índices dos principais mercados registraram oscilações divergentes. Assim por exemplo, ao passo que a Bolsa de Valores registrou ganhos os mercados de utilidades sofreram baixas. A firmeza na Bolsa de Valores é atribuída pelos analistas ao fato de que o público, ao ouvir o último discurso do Presidente Eisenhower que indicava a decisão do Govêrno de prosseguir intensamente com o desenvolvimento do programa de defesa, interviu ativamente no mercado comprando ações de tôdas aquelas emprêsas relacionadas com a defesa nacional, sobretudo as de aviação e estradas de ferro.

Por outro lado, o índice dos mercados de utilidades voltou a mostrar suas tendências de baixa que haviam sido relativamente interrompidas durante a semana anterior. Deve-se observar, contudo, que essas tendências baixistas são próprias desta época do ano e devem-se à gradual aproximação das novas colheitas as quais, segundo se espera, vão ser bôas e deverão pesar sôbre os já abundantes estoques de produtos agrícolas domésticos. Aliás, esta situação de relativo excesso da produção agrícola está já causando certa apreensão nos círculos oficiais devido ao programa do Govêrno de apôio aos preços. A esse respeito fala-se já sôbre a possibilidade do Govêrno ter que expandir suas facilidades de armazenagem e de usar para esse fim os porões de navios inativos tal como aconteceu numa semelhante emergência passada.

É possível que essa debilidade nos mercados dos produtos agrícolas vá influir

em maior ou menor grau no movimento de outros mercados, quando se apresentem situações de inatividade devido à falta de procura ou interêsse nos respetivos mercados.

MERCADO DE CAFÉ: O manifesto interêsse dos torradores que se observou durante a semana passada, diminuiu sensìvelmente durante a presente e como resultado os preços do produto perderam seu impulso altista. Contudo, não há dúvida que os torradores não poderão manter-se afastados do mercado por muito tempo, de vez que há indícios de que as importações durante o corrente mês vão ser suficientemente baixas para dissipar em grande parte a vantajosa situação de estoques que os torradores haviam conseguido por meio das fortes importações registradas durante os primeiros quatro meses do ano corrente.

No Contrato "S" da Bolsa local a atividade foi um pouco maior que a registrada na semana passada. Porém, a posição aberta diminuiu em 42 lotes, o que indica que as operações de liquidação foram maiores que as resultantes do estabelecimento de novas posições.

Embora para o fim da sessão de ontem as cotações tivessem mostrado baixas liquidas de 17 a 45 pontos para a semana, a atuação durante hoje parece indicar novas tendências de alta e no momento de se escrever esta CARTA essa firmeza mostrava um ganho médio de 25 pontos.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Os preços dos cafés no mercado físico do produto mostraram maior estabilidade que no têrmo local, particularmente no que respeita aos disponíveis em Nova York. O Santos 4 era cotado de 52,75c/ a 53,25c/ FOB, equivalente a 55c/ e 55,50c/ na praça. Na base ex-doca Nova York, os cafés colombianos mostravam muito pouca alteração, sendo seu preço atual ao redor de 56c/, isto é, uma cotação quase igual à de sexta-feira passada.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Dados Semanais — Estados Unidos	Destinos Principais — Europa	Outros	Total
BRASIL*	16-5-1953	36.000	78.000	25.000	139.000
	9-5-1953	79.000	66.000	55.000	200.000
	17-5-1952	160.000	68.000	12.000	240.000
COLÔMBIA**	16-5-1953	132.134	2.692	6.745	141.571
	9-5-1953	64.712	11.892	—	76.604
	17-5-1952	47.387	7.516	1.814	56.717

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 16-5-1953	9-5-1953	17-5-1952
BRASIL*	Santos	1.967.000	1.934.000	1.803.000
	Rio	98.000	113.000	683.000
	Vitória	49.000	52.000	67.000
	Paranaguá	1.202.000 a	1.165.000 b	344.000 c
	Pernambuco	7.000	8.000	9.000
	Bahia	15.000	15.000	13.000
	Angra dos Reis	11.000	11.000	23.000
	TOTAL	**3.349.000**	**3.298.000**	**2.942.000**

COLÔMBIA**	Barranquilla	122.581	143.608	181.969
	Cartagena	35.850	37.319	113.283
	Buenaventura	143.655	143.809	77.185
	Cucuta	127.844	126.273	112.009
	TOTAL	429.930	451.009	484.446

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*

Países de origem (sacas de pesos diferentes)

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
16-5-1953	75.239	169.141	131.368	375.748
9-5-1953	79.556	141.212	124.565	345.333
17-5-1952	187.755	120.089	190.974	498.818

*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York
**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia
a) das quais 265.000 liberadas e 939.000 por liberar
b) das quais 655.000 liberadas e 510.000 por liberar
c) Liberadas

N.º 21 — O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA — 22 de Maio de 1953

PAÍSES PRODUTORES

Brasil: Segundo refere a imprensa local, as Nações Unidas anunciaram ontem que no dia 25 do corrente será inaugurada em Campinas uma Conferência Hispano-americana sôbre problemas agrícolas. Patrocinada conjuntamente pelo Govêrno brasileiro e pela Organização de Alimentos e Agricultura das Nações Unidas, na Conferência vão participar técnicos agrícolas de todos os países hispano-americanos para discutir planos e meios de melhorar suas respetivas economias agrícolas. Essa Conferência vem portanto preencher a recomendação feita recentemente pela referida Organização de Alimentos e Agricultura em sua sexta reunião sôbre as estruturas agrárias, a qual aconselhava explícitamente a "realização de uma reunião hispano-americana na qual fôssem tratados entre outros problemas, os de irrigação e conservação do solo". Já foram convidados para a Conferência de Campinas, além dos govêrnos hispano-americanos os representantes dos países com possessões na América e observadores de um grupo de organismos internacionais e entidades interessadas.

O Salvador: No período de sete meses compreendido de Outubro de 1952 a Abril de 1953, inclusive, este país exportou 1.099.103 sacas de café, cifra que é de comparar com 741.866 sacas exportadas durante o período correspondente de 1951-52. Os principais países de destino durante o referido período, foram, na sua ordem de importância: Estados Unidos, Itália, Canadá, Alemanha, Holanda, Suiça, Bélgica, Panamá, Síria, Áustria, Japão e Haití.

ESTADOS UNIDOS

Exportação de cafés solúveis: O rápido incremento que teve a indústria de cafés solúveis nos Estados Unidos é revelado no aumento registrado nas expor-

tações dêsse tipo de café. No ano civil de 1952 os Estados Unidos exportaram 938.081 lbs. de cafés solúveis, no valor de $2.155.246. Essas cifras são de comparar com as cifras correspondentes de 1951, ano durante o qual foram ùnicamente exportadas 533.679 lbs. no valor de $1.250.162. A seguir apresenta-se um quadro comparativo dessas exportações classificadas por países de destino:

Destino	Exportação em libras	Destino	Exportação em libras
Canadá	592.002	Honduras	2.475
Japão	111.739	Bélgica	2.471
Antilhas do Norte	94.418	Surinam	2.280
O Salvador	38.200	União Sul-africana	2.250
Israel	23.801	República Dominicana	2.030
Zona do Canal	14.883	Guatemala	1.890
Congo Belga	7.136	Panamá	1.721
Filipinas	5.128	México	1.682
Thailand	4.252	Costa Rica	1.540
Nicarágua	4.252	Bermuda	1.374
Suiça	3.800	Equador	1.140
Cuba	3.220	Maláia Inglesa	1.081
Venezuela	2.954	Outros países	9.993
		Total	**938.081**

N.° 830 CARTA SEMANAL DO MERCADO 29 de Maio de 1953

SITUAÇÃO GERAL: Tanto a bolsa de valores como os mercados de utilidades mostraram certa debilidade durante a semana em aprêço. Segundo os analistas, o pessimismo agora prevalecente tem sua origem na confusa situação internacional e sobretudo na falta de unanimidade entre as potências aliadas sôbre a maneira como devem ser solucionados os atuais problemas que confrontam o mundo.

Ao queparece, a incerteza geral causada por aquela situação terá influência sôbre a economia ao limitar os planos de desenvolvimento industrial e comercial bem como sôbre a maneira de operar das respetivas emprêsas. Isso não quer dizer, porém, que haverá uma redução imediata na atividade. Os analistas receiam, aliás, que ao ser adotada uma política de curto prazo com seus efeitos limitadores nos programas de expansão industrial, tal fato provoque certa contração nos negócios.

Deve-se notar, contudo, que bastaria uma notícia favorável sôbre a situação política internacional para transformar o pessimismo atual em franco otimismo. E isso, dada a natureza da política internacional moderna, pode suceder de um momento para o outro.

MERCADO DE CAFÉ: O interêsse dos torradores foi esporádico durante a semana. Na quarta-feira a procura foi boa e os preços consequentemente ganharam firmeza. Mas essa atividade foi de pouca duração, de vez que a partir de ontem o mercado voltou a refletir o desinterêsse dos torradores. Diz-se na praça que êsse desinterêsse é devido aos rumores sôbre a possível desvalo-

rização do cruzeiro que começaram a circular aqui ontem à tarde. Êsses rumores, porém, não têm qualquer confirmação.

No Contrato "S" da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York, a atividade foi muito limitada, sendo negociados durante a semana apenas 236 lotes. Para o fim da sessão de ontem, as cotações mostravam ganhos de 40 a 60 pontos, mas êsses ganhos ficaram eliminados durante o subsequente movimento de baixa. A posição aberta continuou em contração e para a abertura de hoje do mercado era de 1.993 lotes pendentes de entrega, isto é, 27 menos que na sexta-feira passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: A brusca alteração no rumo do mercado, colocou os preços do grão numa situação nominal. Há notícias de que o Santos 4 foi ontem vendido de 53/c para cima FOB e que os Excelsos Colombianos foram negociados, ontem também, à razão de 56-½/c para os disponíveis e embarque imediato. À hora de fecharmos esta carta diz-se que a base da oferta anda ao redor de 56-1/4/c a 56-3/8/c.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais — Destinos Principais — Europa	Outros	Total
BRASIL*	23-5-1953	68.000	63.000	29.000	160.000
	16-5-1953	36.000	78.000	25.000	139.000
	24-5-1952	109.000	41.000	17.000	167.000
COLÔMBIA**	23-5-1953	73.687	4.374	585	78.646
	16-5-1953	132.134	2.692	6.745	141.571
	24-5-1952	86.636	803	2.638	90.077

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 23-5-1953	16-5-1953	24-5-1952
BRASIL*	Santos	1.994.000	1.967.000	1.795.000
	Rio	120.000	98.000	687.000
	Vitória	45.000	49.000	76.000
	Paranaguá	a 1.159.000	b 1.202.000	c 297.000
	Pernambuco	4.000	7.000	9.000
	Bahia	15.000	15.000	14.000
	Angra dos Reis	11.000	11.000	22.000
	Total	**3.348.000**	**3.349.000**	**2.900.000**
COLÔMBIA**	23-5-1953	73.687	4.374	585 78.646
	Cartagena	41.682	35.850	109.437
	Buenaventura	156.206	143.655	60.000
	Cucuta	129.489	127.844	115.186
	Total	**452.467**	**429.980**	**460.117**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK *

	Países de origem (sacas de pesos diferentes)			
Semana de:	**Brasil**	**Colômbia**	**Outros**	**Total**
23-5-1953	78.957	170.897	131.173	381.027
16-5-1953	75.239	169.141	131.368	375.748
24-5-1952	177.828	122.204	179.474	479.506

*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
a) das quais 910.000 liberadas e 249.000 por liberar.
b) das quais 265.000 liberadas e 937.000 por liberar.
c) liberadas.

N.º 22 — O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA — 29 de Maio de 1953

PAÍSES PRODUTORES

Guatemala: Do boletim de George Gordon Paton & Co., desta cidade, reproduz-se a seguinte nota sôbre as exportações daquele país: "No período de 5 semanas compreendido de 29 de Março a 2 de Maio, a Guatemala exportou 141.552 sacas de café cru, com cuja cifra o total exportado durante o período de 1.º de Outubro de 1952 a 2 de Maio de 1953 eleva-se a 776.535 sacas. No período correspondente de 1949-52 essas exportações foram ùnicamente de 727.067 sacas.

As vendas registradas para exportação, quer dizer, as vendas feitas pelos produtores aos exportadores atingiram 24.564 sacas no período de 5 semanas que terminou a 2 de Maio, com o que o total de café registrado da safra 1952-53 até 2 de Maio atinge 1.011.617 sacas. Para essa data do ano passado, ùnicamente tinham sido registradas 728.231 sacas. Os estoques nos portos para o dia 2 de Maio eram de 25.545 sacas, das quais 20.243 em Puerto Barrios; 2.591 em San José; 2.179 em Livingston e 531 em Champerico."

ESTADOS UNIDOS

Cafés Solúveis: Da revista "Café Vert", edição de Abril último reproduz-se a seguinte nota: "E' bastante difícil comparar o café solúvel com o café corrente. Segundo análises realizadas por M. P. W. Punnett, diretor dos Laboratórios Pease, duas marcas de café solúvel contendo hidratos de carbono têm a seguinte composição.

Humidade	2,60% — 2,62%
Cafeína	1,61% — 1,60%
Matérias Minerais	5,33% — 5,45%

Essa mesma análise com o pó de café puro, deu o seguinte resultado:

Humidade	2,93% — 2,80%
Cafeína	3,31% — 3,46%
Matérias Minerais	11,09% —11,23%

Depois de várias experiências dêsse mesmo gênero, chegou-se à seguinte conclusão de que o número de xícaras de café de determinada fôrça que é possível

obter de um vidro de café solúvel, pode variar muito conforme a marca. Todos êsses resultados, contudo, cujo valor é em parte subjetivo, por grande que seja a imparcialidade e competência dos nalistas, porecem indicar que sob o ponto de vista da intensidade do aroma, o café solúvel puro rende mais que o produto com hidratos de carbono."

CANADÁ

Importações: Êste país importou nos dois primeiros meses do ano um total de 126.566 sacas de café cru ou seja uma redução de 9% comparado com as importações do mesmo período no ano passado, que foram de 139.087 sacas.

País de origem	Janeiro/Fevereiro de 1953	Janeiro/Fevereiro de 1952
Brasil	49.795	58.561
Colômbia	40.608	40.590
O Salvador	8.147	2.625
México	7.315	5.310
África Oriental Inglesa	4.341	11.443
Venezuela	4.262	2.017
Guatemala	4.107	4.310
República Dominicana	2.128	1.343
Estados Unidos	2.015	1.444
Equador	1.649	2.450
Costa Rica	960	3.512
Trinidad e Tobago	642	295
Nicarágua	346	636
Holanda	251	—
Haití	—	2.118
Jamaica	—	1.397
Congo Belga	—	499
Outros	—	537
Total	**126.566**	**139.087**

Estatística

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XIX | São Paulo, 13 de Junho de 1953 | N.º 329

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO
SAFRA 1952/1953
CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estradas de Ferro	julho a abril
Santos a Jundaí	70.375
Sorocabana	1.235.895
Paulista	2.448.411
Mogiana	419.326
Araraquara	1.359.888
Noroeste do Brasil	1.255.606
Central do Brasil	150
Estradas de Rodagem	2.977
Total	**6.792.628**

NOTA: — Os despachos nas EE.FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		Totais
	Ferroviário	Rodoviário	Ferroviário	Rodoviário	
Julho/abril	117.332	280.283	1.210	23.763	422.588
1.ª dez. maio	—	—	—	—	—
2.ª dez. "	—	—	—	—	—
3.ª dez. "	1.665	550	—	—	2.215
Total	**118.997**	**280.833**	**1.210**	**23.763**	**424.803**

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Estados Produtores	julho a abril
Paraná	619.255
Minas Gerais	110.550
Goiás	35.584
Mato Grosso	1.850
Total	**767.239**

MOVIMENTO DE CAFÉ DESTINADO A SANTOS
SAFRA 1952/1953 — (ATÉ 31 DE MAIO DE 1953)

Paulista	Despachado	Destino Alterado Cancelado Apreendido	Total	Liberado	A liberar
Anteriores	5.494.934	760	5.494.174	5.494.174	—
1.ª dez. Setembro ...	357.168	1.360	355.808	355.808	—
1.ª " Outubro ...	238.751	5.810	232.941	229.309	3.632
2.ª " " ...	153.930	2.015	151.915	105.715	46.200
3.ª " " ...	155.018	3.330	151.688	86.553	65.135
1.ª " Novembro ...	67.242	1.958	65.284	21.387	43.897
2.ª " " ...	63.805	4.110	59.695	22.260	37.435
3.ª " " ...	50.376	2.676	47.700	10.893	36.807
1.ª " Dezembro ...	40.412	1.192	39.220	—	39.220
2.ª " " ...	29.696	495	29.201	—	29.201
3.ª " " ...	17.112	—	17.112	—	17.112
1.ª " Janeiro ...	5.836	473	5.363	—	5.363
2.ª " " ...	17.680	—	17.680	—	17.680
3.ª " " ...	10.251	—	10.251	* 5	10.246
1.ª " Fevereiro ...	7.010	—	7.010	—	7.010
2.ª " " ...	5.431	—	5.431	—	5.431
3.ª " " ...	11.179	—	11.179	—	11.179
1.ª " Março ...	14.740	358	14.382	—	14.382
2.ª " " ...	11.050	—	11.050	—	11.050
3.ª " " ...	14.755	—	14.755	—	14.755
1.ª " Abril ...	4.013	—	4.013	—	4.013
2.ª " " ...	5.854	—	5.854	—	5.854
3.ª " " ...	5.682	—	5.682	—	5.682
Total	**6.781.925**	**24.537**	**6.757.388**	**6.326.104**	**431.284**
Despolpado	7.726	—	7.726	7.726	—
Rodoviário	2.977	2.977	—	—	—
Total Geral	**6.792.628**	**27.514**	**6.765.114**	**6.333.830**	**431.284**
Outros Estados (até 31 de Maio)					
Paranaense	619.255	1.785	617.470	489.408	128.062
Mineiro	110.550	—	110.550	109.065	1.485
Goiano	35.584	—	35.584	35.584	—
Matogrossense	1.850	—	1.850	1.850	—
Total	**767.239**	**1.785**	**765.454**	**635 907**	**129.547**

(*) — Trânsito Especial

Destino Alterado p/ Interior e Capital 11.007
Apreendido 12.930
Cancelado 3.577 27.514

Safra 50/51 — Por liberar (dependendo de Ação Judicial) 1.080 sacas
" 51/52 — Apreendido .... 1.000 "
Esta publicação retifica as anteriores.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

ABRIL DE 1953

(Sacas de 60 quilos)

Portos de embarques	Exterior	Consumo de bordo	Cabotagem	Total
Abril de 1953:				
Santos	527 504	279	65	527 848
Paranaguá	207 043	—	296	207 339
Rio de Janeiro	219 403	54	2 910	222 367
Vitória	32 285	8	17 833	50 126
Angra dos Reis	—	—	—	—
Recife	2 750	—	—	2 750
Salvador	2 035	—	5 256	7 291
TOTAL	991 020	341	26 360	1 017 721
Janeiro	1 203 946	—	24 323	1 228 269
Fevereiro	1 206 254	—	20 980	1 227 234
Março	1 358 791	305	18 897	1 377 993
Total de Janeiro a Abril	**4 760 011**	**646**	**90 560**	**4 851 217**

NOTAS — Cifras sujeitas a retificação.
Janeiro e Fevereiro: — exclusive consumo de bordo.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

MAIO DE 1953

(Sacas de 60 quilos)

Portos de embarques	Exterior	Consumo de bordo	Cabotagem	Total
Maio de 1953:				
Santos	424 662	328	620	425 610
Paranaguá	181 416	—	2 648	1 840 064
Rio de Janeiro	151 126	79	415	151 620
Vitória	33 760	—	34 232	67 992
Recife	100	9	—	109
Salvador	1 341	—	2 907	4 248
TOTAL	792 405	416	40 822	833 643
Janeiro	1 203 946	—	24 323	1 228 269
Fevereiro	1 206 254	—	20 980	1 227 234
Março	1 358 791	305	18 897	1 377 993
Abril	991 020	341	26 360	1 017 721
Total de Janeiro a Abril	**5 552 416**	**1 062**	**131 382**	**5 684 860**

NOTAS — Cifras sujeitas a retificação.

RELAÇÃO DO CAFÉ EXPORTADO PELO PÔ

JUNH

Data	Europa	América Norte	Amé S
3	5.765	—	
5	2.875	1.000	
6	871	—	
10	—	4.825	
11	—	2.090	
12	625	—	
15	5.388	3.900	
16	375	—	
17	12.416	—	
18	7.274	—	
19	251	1.000	
20	—	—	
22	2.950	900	
23	1.163	—	
24	—	—	
25	—	—	
27	624	2.000	
29	750	1.000	
30	9.810	—	
Total	**51.137**	**16.715**	**3**

1) — 34 sacas para Oceania.

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DI

VIAS	S. Paulo	M. Gerais	R. Janei
E. F. C. do Brasil	18.453	—	
E. F. Leopoldina	—	8.925	9.3
Regulador	—	—	-
Rodoviário	46.839	63.140	14.3
TOTAIS:	**65.292**	**72.065**	**23.7**

RTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE
O DE 1953

rica l	Africa	Asia	Cabotagem	Total
—	—	1.650	—	7.415
4.562	—	—	—	8.437
1.218	—	—	—	2.089
—	—	—	—	4.825
—	—	—	—	2.090
7.217	—	—	—	7.842
—	—	—	—	9.288
886	—	—	—	1.261
—	425	—	—	12.841
—	—	—	—	7.274
4.538	—	—	—	5.789
1.853	—	—	—	1.853
—	—	—	—	3.850
462	—	—	—	1.625
1.793	—	—	—	1.793
4.191	—	—	—	4.191
5.092	—	200	—	7.916
—	—	—	—	1.750
1.434	3.124	—	10	14.412 1)
3.246	3.549	1.850	10	106.541

JANEIRO, DURANTE O MÊS DE JUNHO DE 1953

PROCEDÊNCIAS

ro	Esp. Santo	Paraná	Bahia	Goiás	Total
—	—	—	—	—	18.453
5	4.699	—	—	—	23.019
—	1.334	—	—	—	1.334
33	31.002	57.824	4.074	5.604	222.816
28	37.035	57.824	4.074	5.604	265.622

EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE MAIO DE 1953

CONTINENTES:	PAÍSES	SACAS	TOTAIS
EUROPA:	Alemanha	912	
	Áustria	1.083	
	Bélgica	4.046	
	Dinamarca	3.053	
	Finlândia	17.729	
	França	9.689	
	Grã-Bretanha	—	
	Grécia	10.082	
	Holanda	14.677	
	Itália	5.541	
	Iugoslávia	893	
	Suécia	1.000	
	Trieste	1.795	70.500
AMÉRICA DO NORTE:	Estados Unidos	19.120	
	Canadá	250	19.370
AMÉRICA DO SUL:	Argentina	42.945	
	Chile	1.080	
	Uruguai	4.416	48.441
ÁFRICA:	Marrocos Francês	750	
	Sud. Africano	25	
	U. S. Africana	1.838	2.613
ÁSIA:	Chipre	400	
	Iraque	5.050	
	Líbano	1.500	
	Transjordânia	1.615	
	Turquia	1.637	10.202
	Total p/ o exterior:		**151.126**
CABOTAGEM:	Norte	70	
	Sul	345	415
	TOTAL GERAL:		**151.541**

— Consumo de bordo — 79 sacas.

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE JUNHO E SAFRA 1952/53

MESES	ENTRADAS	EMBARQUES
1952		
julho	94.641	175.548
agôsto	181.872	216.216
setembro	332.318	304.910
1.º trimestre:	**608.931**	**696.674**
outubro	379.395	318.296
novembro	401.005	323.143
dezembro	335.046	346.744
2.º trimestre:	**1.115.446**	**988.183**
1.º semestre:	**1.724.377**	**1.684.857**
1953		
janeiro	251.884	204.160
fevereiro	217.265	226.602
março	223.295	244.413
3.º trimestre:	**692.444**	**675.175**
abril	197.724	222.313
maio	149.566	151.541
junho	265.622	106.541
4.º trimestre:	**612.912**	**480.395**
2.º semestre:	**1.305.356**	**1.155.570**
ANO:	**3.029.733**	**2.840.427**

COTAÇÕES DE CAFÉ NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

MAIO DE 1953

(Em Cr$ por 10 quilos)

DIA	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Estilo Santos Tipo 4	Estilo Santos Riado T. 4	Sem descrição Tipo 4	Tipo 7	Tipo 7
4	203 00	201 00	197 00	186 00	167 40
5	202 00	200 00	196 00	186 00	161 30
6	201 00	199 00	195 00	186 00	163 50
7	200 00	198 00	194 00	186 00	164 80
8	199 00	197 00	193 00	184 00	164 90
11	200 00	198 00	194 00	184 00	164 60
12	200 00	198 00	194 00	184 00	163 70
13	200 00	198 00	194 00	—	—
15	200 00	198 00	194 00	184 00	162 60
18	202 00	200 00	196 00	185 00	162 20
19	202 00	200 00	196 00	185 00	162 00
20	202 00	200 00	196 00	185 00	162 10
21	201 50	199 50	195 50	185 00	162 00
22	201 50	199 50	195 50	185 00	162 00
25	201 50	199 50	195 50	185 00	161 00
26	201 50	199 50	195 50	185 00	161 00
27	202 00	200 00	196 00	185 00	160 80
28	202 00	200 00	196 00	186 00	160 40
29	202 00	200 00	196 00	186 00	159 40
Média	**201 21**	**199 21**	**195 21**	**185 11**	**162 54**

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

MAIO DE 1953

(Em cents por libra de 453,60 gr)

DIA	SANTOS				RIO
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 extra mole	Tipo 4 extra mole	Tipo 7
1	55 00	54 00	56 25	55 25	51 50
4	55 00	54 00	56 00	55 00	51 50
5	55 00	54 00	56 00	55 00	51 50
6	55 00	54 00	56 25	55 25	51 50
7	55 00	54 00	56 25	55 25	51 50
8	55 00	54 00	56 25	55 25	51 50
12	55 00	54 00	56 00	55 00	51 25
13	55 00	54 00	56 00	55 00	51 25
14	55 25	54 25	56 25	55 25	51 50
15	55 25	54 25	56 25	55 25	51 50
18	55 50	54 50	56 50	55 50	51 75
19	55 50	54 50	56 50	55 50	51 75
20	55 50	54 50	56 50	55 50	51 75
21	55 50	54 50	56 50	55 50	51 75
22	55 25	54 25	56 25	55 25	51 75
25	55 25	54 25	56 25	55 25	51 75
26	55 25	54 25	56 26	55 25	51 75
27	55 50	54 50	56 50	55 50	51 75
28	55 50	54 50	56 50	55 50	51 75
29	55 50	54 50	56 50	55 50	51 75
Média	**55 24**	**54 24**	**56 28**	**55 29**	**51 60**

MOVIMENTO DE CAF

MAI

DIA	ENTRADAS					
	S. Paulo	M. Gerais	R. Janeiro	Esp. Santo	Bahia	Goiá
2	—	—	—	—	—	
4	—	9 545	—	—	—	1
5	9 519	—	—	—	—	
6	—	5 195	1 397	—	—	
7	—	900	100	7 553	—	
8	6 281	6 200	—	—	—	
9	—	—	—	—	—	
11	—	5 238	1 552	—	—	
12	—	—	—	2 537	—	1
14	—	—	—	—	—	
15	7 010	—	—	—	—	
16	—	—	—	—	—	
18	—	1 824	1 335	3 199	—	
19	—	4 640	—	—	859	
20	5 592	—	1 175	—	—	
21	5 952	—	—	1 755	—	
22	—	5 369	2 457	—	—	
23	—	—	—	—	—	
25	—	4 664	250	2 639	—	
26	—	2 009	—	1 794	—	
27	—	939	1 462	—	—	
28	—	1 835	—	2 268	—	
29	—	950	183	1 292	260	
30	—	—	—	—	—	
Total	**31 952**	**52 581**	**9 911**	**23 037**	**1 119**	**2**

É NO RIO DE JANEIRO

O DE 1953

			EMBARQUES					
s	Paraná	Total	Exterior	Cabotagem	Total	Retirado do estoque	Consumo local	Existência
—	—	—	6 552	—	6 552	54	—	93 029
140	—	10 685	12 443	—	12 443	—	—	91 271
—	—	9 519	1 707	—	1 707	—	—	99 083
—	3 281	9 873	3 748	—	3 748	—	—	105 208
—	—	8 553	1 589	—	1 589	—	—	112 172
—	—	12 481	300	—	300	—	—	124 353
—	—	—	—	—	—	—	—	124 353
—	5 330	12 120	25 485	—	25 485	—	—	110 988
085	—	3 622	—	—	—	—	—	114 610
—	—	—	7 440	—	7 440	—	—	107 170
—	8 381	15 391	5 233	—	5 233	775	20 000	96 553
—	—	—	10 944	—	10 944	—	—	85 609
—	—	6 358	200	220	420	—	—	91 547
—	—	5 499	515	—	515	—	—	96 531
—	3 155	11 153	4 330	—	4 330	—	—	103 354
—	8 594	15 941	—	—	—	—	—	119 295
—	—	7 826	5 914	125	6 039	—	—	121 082
—	—	—	11 469	—	11 469	—	—	109 613
—	—	7 553	420	70	490	—	—	116 676
—	—	3 803	1 146	—	1 146	—	—	119 333
—	—	2 401	4 973	—	4 973	—	—	116 761
—	—	4 103	10 225	—	10 225	—	—	110 639
—	—	2 685	—	—	—	—	—	113 324
—	—	—	36 493	—	36 493	790	20 000	56 041
225	**28 741**	**149 566**	**151 126**	**415**	**151 541**	**1 619**	**40 000**	**—**

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Maio de 1953

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	6	14	21	27	MÉDIA
COLÔMBIA:					
Medelin Excelso	(2) 55 1/4	(2) 55 1/4	(2) 56 1/4	(2) 56 00	55 11/16
Armenia	(2) 55 1/4	(2) 55 1/4	(2) 56 1/4	(2) 56 00	55 11/16
Manizales	(2) 55 1/4	(2) 55 1/4	(2) 56 1/4	(2) 56 00	55 11/16
Cucuta	(2) 55 00	(2) 55 00	(2) 56 00	(2) 55 3/4	55 7/16
Bogotá	(2) 55 00	(2) 55 00	(2) 56 00	(2) 55 3/4	55 7/16
Tolima	(2) 55 00	(2) 55 00	(2) 56 00	(2) 55 3/4	55 7/16
Ocana	(2) 55 00	(2) 55 00	(2) 56 00	(2) 55 3/4	55 7/16
COSTA RICA:					
Duro	(6) 56 00	(6) 55 1/2	(6) 56 1/2	(6) 56 1/2	56 1/8
Atlântico Fino	(6) 54 1/2	(6) 54 00	(6) 55 00	(6) 55 00	54 5/8
EQUADOR:					
Lavado	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 54 00	54 00
Extra não lavado ...	(6) 49 1/2	(6) 49 00	(6) 49 00	(6) 49 00	48 7/8
GUATEMALA:					
Antigua	(6) 56 1/2	(6) 55 1/2	(6) 57 00	(6) 57 00	56 1/2
Extra primeira	(6) 55 00	(6) 55 00	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	55 1/4
Lavado bom	(6) 54 1/2	(6) 54 1/4	(6) 55 00	(6) 55 00	54 1/16
Bourbon	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 54 1/2	54 1/4
HAITÍ:					
Lavado bom mole ...	(2) 55 00	(2) 55 00	(6) 55 00	(6) 54 1/2	54 7/8
Catado à mão	(2) 53 00	(2) 53 00	(6) 52 00	(6) 52 00	52 50
HONDURAS:					
Lavado bom	(6) 55 1/2	(6) 55 00	(6) 54 00	(6) 54 00	54 5/8
Tipo 5 - Comum duro	(6) 49 00	(6) 49 00	(6) 49 00	(6) 49 00	49 00
MÉXICO:					
Coatepec	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(6) 55 1/4	(6) 55 1/4	54 7/8
Tapachula primeira .	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 54 3/4	(6) 54 3/4	54 3/8
Maragogipe					

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Maio de 1953

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	6	14	21	27	MÉDIA
NICARÁGUA:					
Matagalpa	(6) 54 1/2	(6) 54 3/8	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	54 15/32
Lavado primeira ...	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 54 00	54 00
EL SALVADOR:					
Lavado	(6) 55 00	(6) 55 00	(6) 55 1/4	(6) 55 1/4	55 1/8
Não lavado					
SÃO DOMINGOS:					
Lavado bom mole ..	(6) 53 1/2	(6) 53 1/2	(6) 54 00	(6) 54 00	53 3/4
Fino	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	54 1/8
VENEZUELÁ:					
Maracaibo	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(6) 55 00	(6) 55 00	54 1/4
Trujillo					
CONGO BELGA:					
Lavado robusta	(6) 54 1/2	(6) 54 00	(6) 55 00	(6) 54 00	54 3/8
Natural robusta	(6) 46 00	(6) 45 00	(6) 45 1/2	(6) 45 1/2	45 1/2
MOCA:					
Moca (Arábia)	(2) 55 1/2	(2) 55 1/2	(2) 56 1/2	(2) 56 1/2	56 00
N.E.I.					
Genuino Java Lavado	(6) 68 00	(6) 68 00	(6) 68 00	(6) 68 00	68 00
Lavado robusta					
Natural Java robusta					
UGANDA:					
Lavado	(2) 46 1/2	(6) 46 00	(6) 46 00	(6) 46 00	46 1/8

INDICAÇÕES: 1) C. & F. — U.S.A. (Nova York)
2) Desembarcado à vista líquido.
3) Disponível
4) F.O.B. (Nova York)
5) F.O.B. País de procedência
6) Nominal.

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Contrato "S"

MAIO DE 1953

DIA	MAIO		JULHO		SETEMBRO		DEZEMBRO		MARÇO		MAIO	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	54 80	54 95	54 10	53 91	53 15	53 01	52 60	52 37	52 10	51 90	51 50	51 35
4	54 85	55 04	53 81	54 05	52 90	53 95	52 57	53 30	52 05	52 65	51 40	51 50
5	54 85	55 50	54 20	54 41	53 20	53 58	52 65	52 99	52 15	52 40	51 50	51 90
6	55 25	55 31	54 50	54 28	53 55	53 38	52 91	52 78	52 30	52 28	51 60	51 73
7	55 10	55 05	54 00	53 80	53 15	52 87	52 55	52 23	52 06	51 72	51 37	51 16
8	55 00	55 15	53 65	54 00	52 66	53 05	52 08	52 47	51 45	51 85	50 80	51 24
11	55 00	55 25	53 85	54 10	52 95	53 17	52 42	52 50	51 80	51 95	51 25	51 35
12	54 85	55 65	53 90	54 49	52 95	53 59	52 38	52 35	51 70	52 91	n/cot.	51 70
13	55 25	55 85	54 00	54 70	53 10	53 80	52 50	53 20	51 90	52 60	51 36	52 60
14	55 60	56 50	54 52	55 06	53 75	54 30	53 05	52 70	52 42	53 10	n/cot.	52 59
15	55 80	56 60	54 80	54 80	53 95	54 00	53 35	53 35	52 75	52 75	52 15	52 25
18	56 95	56 50	55 15	55 06	54 50	54 30	53 95	53 35	53 30	52 75	52 79	52 25
19	56 40	56 85	54 75	54 85	53 95	54 00	53 30	53 44	52 65	52 80	52 16	52 25
20	56 80	56 30	54 75	54 44	53 70	53 50	53 50	52 90	52 90	52 33	52 25	51 80
21	56 30	55 40	54 40	54 38	53 40	53 50	52 80	52 93	52 25	52 38	51 75	51 83
22	55 40	—	54 00	54 40	53 56	53 53	52 80	53 00	52 20	52 45	51 60	51 95
25	—	—	54 25	54 55	53 40	53 70	53 00	53 14	52 40	52 63	n/cot.	52 10
26	—	—	54 45	54 78	53 60	53 83	53 05	53 25	52 50	52 75	52 00	52 25
27	—	—	54 80	55 20	54 00	54 22	53 45	53 60	52 85	53 05	52 35	52 55
28	—	—	55 30	55 01	54 20	53 97	53 66	53 33	53 15	52 83	52 65	52 33
29	—	—	54 84	54 55	53 60	53 30	52 75	52 45	52 28	51 90	51 83	51 25
Média	**55 51**	**55 73**	**54 38**	**54 52**	**53 49**	**53 65**	**52 92**	**52 98**	**53 34**	**52 48**	**51 78**	**51 90**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I — MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA

MAIO DE 1953

DIA	Londres libra	Nova York Dólar	Suiça Franc.	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Suécia Corôa
2	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,41 10	3,62 09
4	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,41 10	3,62 09
5	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,36 75	3,62 09
6	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,30 30	3,62 09
7	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,33 58	3,62 09
8	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,32 43	3,62 09
9	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,32 43	3,62 09
11	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,32 43	3,62 09
12	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,33 50	3,62 09
14	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,33 50	3,62 09
15	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,35 65	3,62 09
16	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,34 58	3,62 09
18	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,34 58	3,62 09
19	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,34 58	3,62 09
20	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,34 58	3,62 09
21	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,34 58	3,62 09
22	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,35 65	3,62 09
23	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,35 65	3,62 09
25	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,35 65	3,62 09
26	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,33 50	3,62 09
27	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,34 58	3,62 09
28	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,31 90	3,62 09
29	52,41 60	18,72 00	4,40 62	0,65 72	1,34 48	6,32 43	3,62 09
30	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,33 50	3,62 09
Média	**52,41 60**	**18,72 00**	**4,40 26**	**0,65 72**	**1,34 48**	**6,34 27**	**3,62 09**

CAMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II — MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA

MAIO DE 1953

DIA	Londres libra	Nova York Dólar	Suiça Franc.	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Suécia Corôa
2	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,90 90	3,55 51
4	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,90 90	3,55 51
5	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,15 75	3,55 51
6	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,09 62	3,55 51
7	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,12 67	3,55 51
8	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,11 65	3,55 51
9	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,11 65	3,55 51
11	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,11 65	3,55 51
12	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,12 67	3,55 51
14	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,12 67	3,55 51
15	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,14 72	3,55 51
16	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,13 69	3,55 51
18	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,13 69	3,55 51
19	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,13 69	3,55 51
20	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,13 69	3,55 51
21	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,13 69	3,55 51
22	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,14 72	3,55 51
23	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,35 65	3,55 51
25	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,14 72	3,55 51
26	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,12 17	3,55 51
27	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,34 58	3,55 51
28	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,31 90	3,55 51
29	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,32 43	3,55 51
30	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,12 67	3,55 51
Média	**51,46 40**	**18,38 00**	**4,28 73**	**0,63 64**	**1,31 76**	**6,23 00**	**3,55 51**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de Câmbio Oficial, afixadas pela Bolsa de Valores de São Paulo, durante o mês de MAIO DE 1953

DIAS	Inglaterra	Estados Unidos	Canadá	Uruguai	Suiça	Suécia	Dinamarca	Portugal	Bélgica	França
2	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	—	0,3778	0,0535
4	—	18,72	—	—	—	3,6209	—	—	—	0,0535
5	52,4160	18,72	—	—	4,4034	3,6209	2,7353	0,6572	0,3778	0,0535
6	—	18,72	—	—	—	—	—	—	—	0,0535
7	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
8	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	0,6572	—	0,0535
9	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	—	—	—	0,0535
11	52,4160	18,72	—	—	4,4034	—	—	—	—	0,0535
12	52,4160	18,72	—	6,3243	4,4034	3,6209	2,7353	—	0,3778	0,0535
13	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	—	—	0,0535
15	52,4160	18,72	—	—	4,4034	3,6209	2,7353	0,6572	0,3778	0,0535
16	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	0,6572	—	0,0535
18	—	18,72	—	—	4,4024	—	—	—	—	0,0535
19	52,4160	18,72	—	—	4,4034	—	2,7353	—	—	0,0535
20	52,4160	18,72	18,72	—	4,4024	—	2,7353	—	—	0,0535
21	—	18,72	—	—	—	3,6209	—	0,5672	—	0,0535
22	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	0,6572	—	0,0535
23	—	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	—	0,3778	0,0535
25	—	18,72	—	—	—	3,6209	—	—	—	0,0535
26	—	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	—	—	0,0535
27	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	0,6572	—	0,0535
28	52,4160	18,72	—	—	4,4024	3,6209	—	0,6572	0,3778	0,0535
29	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	—	0,3778	0,0535
30	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	0,6572	0,3778	0,0535
Média	**52,4160**	**18,72**	**18,72**	**6,3243**	**4,4030**	**3,6209**	**2,7353**	**0,6572**	**0,3778**	**0,0535**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de Câmbio Livre, afixadas pela Bolsa Oficial de Valores de São Paulo, durante o mês de MAIO DE 1953

DIAS	Inglaterra	Estados Unidos	Canadá	Uruguai	Suiça	Suécia	Dinamarca	Argentina	Portugal	Bélgica	França	Itália
2	122,3761	42,0975	—	—	9,8000	5,5000	—	1,8000	1,5052	—	0,1160	—
4	122,0500	41,8318	—	—	10,0000	—	—	—	1,4982	0,8500	0,1160	0,0750
5	117,2100	41,5180	—	15,1000	—	—	5,5000	—	1,5335	—	0,1159	—
6	116,7613	41,2770	—	15,5000	9,4371	5,8730	—	1,8000	1,4883	0,8000	0,1160	—
7	118,3494	41,5890	—	—	10,1646	—	4,5000	—	1,5579	0,8000	0,1080	—
8	119,1592	45,0877	—	—	10,3900	—	4,8000	—	1,5778	—	0,1080	—
9	118,9831	42,0000	45,0000	—	—	6,6017	5,0497	—	1,6045	0,8284	0,1153	—
11	118,5600	43,9500	—	15,3000	10,5000	5,8000	5,1000	—	1,5517	0,7800	0,1100	—
12	118,3997	42,8000	—	15,3000	10,3500	7,5513	4,9000	—	1,5714	—	0,1200	—
13	118,8360	43,2662	—	15,1000	10,4500	7,8558	—	—	1,5931	0,7650	0,1199	—
15	119,6155	44,3978	—	—	10,5000		5,2000	1,9000	1,5770	0,7500	0,1200	—
16	119,7594	44,3078	—	—	10,3900	—	5,2000	—	1,5816	—	0,1200	—
18	118,0000	44,0000	—	—	—	—	—	—	1,6022	—	—	—
19	119,0000	42,7400	—	15,3000	—	6,5000	—	—	1,5813	0,8575	0,1161	—
20	118,9861	43,7830	45,0000	—	10,3096	6,5914	5,1000	—	1,5632	0,8100	0,1200	—
21	119,4899	42,8217	—	—	10,4000	5,9000	—	—	1,5985	0,8100	0,1200	—
22	119,3447	43,7887	—	—	10,4000	—	—	—	1,5562	0,8100	0,1226	—
23	119,0389	45,7081	—	—	—	6,5000	—	—	1,6040	0,8000	0,1200	—
25	120,0000	45,5933	—	—	—	8,3100	6,2830	—	1,6047	—	0,1230	—
26	120,6818	45,8777	—	—	10,9200	6,5000	5 0500	—	1,6203	0,7900	—	—
27	120,9348	46,8904	—	16,2500	10,8800	5,5000	5,7012	2,0000	1,6512	—	0,1230	0,0750
28	120,5375	46,9474	—	—	—	6,5000			1,6663	0,7982	0,1250	—
29	121,4711	46,9010	—	—	11,0000	—	6,4000	—	1,6447	0,8000	0,1250	—
30	121,8780	46,8649	—	—	10,9710	7,5000			1,6615	0,8100	0,1250	—
Média	**119,5592**	**44,0000**	**45,0000**	**15,4071**	**10,4036**	**6,5988**	**5,2702**	**1,8750**	**1,5830**	**0,8036**	**0,1184**	**0,0750**

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICA:

CÂMBIO EM NOVA YOR

VALOR DAS DIVERSAS MOE

DIA	Londres £	Montreal $	R. Janeiro Cr$	B. Aires peso	Montevidéo peso	P fra
1	2,81 13/16	1,01 1/4	0,02 59	0,07 25	0,34 50	0,0028
4	2,81 7/8	1,01 1/16	0,02 44	0,07 25	0,34 25	0,0028
5	2,81 7/8	1,01 5/8	0,02 37	0,07 25	0,34 00	0,0028
6	2,81 3/4	1,00 5/16	0,02 37	0,07 25	0,33 87	0,0028
7	2,81 3/4	1,00 8/16	0,02 27	0,07 25	0,34 00	0,002
8	2,81 3/16	1,00 7/16	0,02 28	0,07 25	0,34 00	0,0028
11	2,81 1/2	1,00 7/16	0,02 38	0,07 25	0,34 00	0,0028
12	2,81 3/8	1,00 3/8	0,02 38	0,07 25	0,34 00	0,0028
13	2,81 1/8	1,00 5/16	0,02 38	0,07 25	0,34 00	0,0028
14	2,81 7/16	1,00 5/16	0,02 38	0,07 25	0,34 00	0,0028
15	2,81 1/2	1,00 1/4	0,02 29	0,07 25	0,34 00	0,0028
18	2,81 5/8	1,00 3/8	0,02 29	0,07 25	0,34 25	0,0028
19	2,81 5/8	1,00 1/2	0,02 38	0,07 25	0,34 00	0,0028
20	2,81 1/2	1,00 9/16	0,02 32	0,07 25	0,34 00	0,0028
21	2,81 1/2	1,00 9/16	0,02 27	0,07 25	0,34 87	0,0028
22	2,81 7/16	1,00 5/8	0,02 24	0,07 25	0,33 87	0,002
25	2,81 7/16	1,00 9/16	0,02 23	0,07 25	0,34 00	0,0028
26	2,81 7/16	1,00 5/8	0,02 15	0,07 25	0,34 25	0,0028
27	2,81 5/16	1,00 11/16	0,02 17	0,07 25	0,33 75	0,0028
28	2,81 3/8	1,00 3/4	0,02 17	0,07 25	0,34 00	0,0028
29	2,81 3/8	1,00 13/16	0,02 17	0,07 25	0,34 00	0,0028
Média	**2,81 33/64**	**1,00 39/64**	**0,02 31**	**0,07 25**	**0,34 03**	**0,0028**

K SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

DAS EM DÓLAR — MAIO DE 1953

ris nco	Berna frc. livre	Stockolmo corôa	Madrid peseta	Lisbôa escudo	Belgica franco	Amsterdam guilder
3 5/8	0,23 34	0,19 35	0,02 65	0,03 5000	0,0200 1/2	0,26 36
3 5/8	0,23 34	0,19 35	0,02 65	0,03 49 1/2	0,0200 7/8	0,26 36
3 5/8	0,23 34	0,19 35	0,02 65	0,03 49 1/2	0,0200 3/4	0,26 36
3 5/8	0,23 34	0,19 35	0,02 65	0,03 5000	0,0200 7/8	0,26 36
8 5/8	0,23 33 1/2	0,19.35	0,02 65	0,03 5000	0,0201 00	0,26 36
3 9/16	0,23 34	0,19 35	0,02 65	0,03 5000	0,0201 00	0,26 36
3 9/16	0,23 34	0,19 35	0,02 65	0,03 5000	0,0200 1/4	0,26 36
3 9/16	0,23 33 1/2	0,19.35	0,02 65	0,03 5000	0,0200 1/4	0,26 36
3 9/16	0,23 34	0,19 35	0,02 65	0,03 5000	0,0200 3/8	0,26 36
3 5/8	0,23 34	0,19 35	0,02 65	0,03 5000	0,0200 1/4	0,26 36
3 5/8	0,23 33 1/2	0,19.35	0,02 65	0,03 5000	0,0200 1/4	0,26 36
3 5/8	0,23 33 1/2	0,19.35	0,02 65	0,03 5000	0,0200 3/8	0,26 36
3 5/8	0,23 33	0,19 35	0,02 65	0,03 5000	0,0200 3/8	0,26 36
3 5/8	0,23 33	0,19 35	0,02 65	0,03 5000	0,0200 1/4	0,26 36
3 5/8	0,23 33 1/2	0,19.35	0,02 65	0,03 5000	0,0200 1/4	0,26 36
8 9/16	0,23 33 1/2	0,19.35	0,02 65	0,03 5000	0,0200 3/8	0,26 36
3 5/8	0,23 33 1/2	0,19.35	0,02 65	0,03 5000	0,0200 1/2	0,26 36
3 5/8	0,23 33 1/2	0,19.35	0,02 65	0,03 49 1/2	0,0200 3/8	0,26 36
3 5/8	0,23 33 1/2	0,19 35	0,02 65	0,03 5000	0,0200 1/4	0,26 36
3 5/8	0,23 34	0,19 35	0,02 65	0,03 5000	0,0200 1/4	0,26 36
3 5/8	0,23 34	0,19 35	0,02 65	0,03 5000	0,0200 1/4	0,26 36
3 39/64	**0,23 33 11/16**	**0,19 35**	**0,02 65**	**0,03 49 59/64**	**0,0200 29/64**	**0,26 36**

AVISOS

Já estão reimpressas algumas de nossas separatas, cuja distribuição havia sido suspensa, e que podem agora ser novamente remetidas, em escala limitada, aos interessados.

São as seguintes:

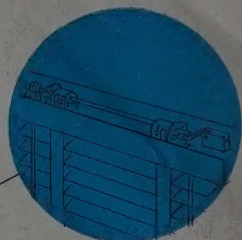
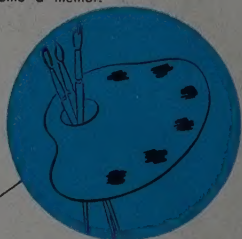
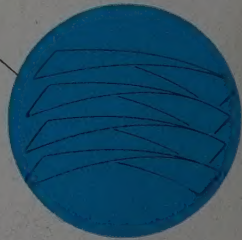
“A Broca do Café” — Jacob Bergamin
“Expurgo de sementes de café infestadas p/ broca do café” — Jacob Bergamin
“Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Arroz” — H. J. Miranda
“Culturas Subsidiárias na Fazenda de Café — A Mandioca” — Edgard S. Noronha
“Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Feijão Soja” — N. A. Neme
“Técnica das adubações” — A. Menezes Sobrinho.
“O contrôle à erosão nos cafèzais” — Hélio V. de Camargo Bittencourt
“O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho e decadente que já ví” — Rogério de Camargo
“Economia Cafeeira” — A. Menezes Sobrinho
“Adubação verde p/ cafèzais” — José E. Teixeira Mendes
“Da secagem mecânica do café” — Rogério de Camargo
“Despolpamento” — J. Aloisi Sobrinho
“Melhoramento do cafeeiro” — C. A. Krug
“Restauração de culturas permanentes” — William W. C. de Souza
“Conservação do solo e revestimento vegetal” — Francisco M. Aires de Alencar
“A saúde do trabalhador rural” — Adalberto de Q. Teles Júnior
Conservação do solo em cafèzal — J. Quintiliano A. Marques

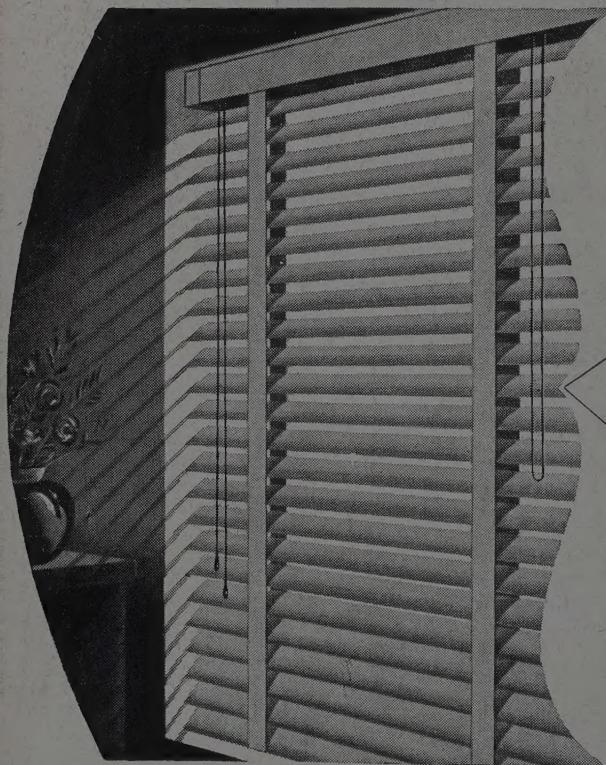
* * *

Insistimos na necessidade de nos comunicarem, os interessados, seu desejo de continuar a receber êste Boletim, assim como possíveis alterações de enderêço, sem o que será sustada a remessa àqueles que nos deixem de fazer essas necessárias comunicações.

Tipografia Aurora Ltda. — São Paulc

EXPOENTE DE QUALIDADE

Ao adquirir persianas, observe em primeiro lugar a sua qualidade! SUNLIGHT emprega em seu fabrico materiais rigorosamente selecionados.

As persianas SUNLIGHT possuem um novo processo, pois a feitura de seu estôjo INTEIRAMENTE DE METAL, qualificam-na como a melhor.

As côres maravilhosas das persianas SUNLIGHT embelezam o ambiente.

As persianas SUNLIGHT primam pela alta qualidade de suas lâminas de alumínio flexível e esmaltadas a fogo.

Controlando a luz solar e graduando o ar, as persianas SUNLIGHT tornam o ambiente mais agradavel.

ESCRITÓRIO:

R. XAVIER DE TOLEDO, 266 - 9.º s/95 e 96 - TEL. 32-9579

SÃO PAULO